

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

Programa de Pós-graduação em Antropologia

GUILHERME DA ROCHA CAMPOS

**"Lá em casa é diferente": uma etnografia das relações conjugais entre
travestis de Belo Horizonte (MG)**

Belo Horizonte

2016

GUILHERME DA ROCHA CAMPOS

**"Lá em casa é diferente": uma etnografia das relações conjugais entre
travestis de Belo Horizonte (MG)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Área de Concentração: Antropologia Social

Linha de Pesquisa: Sistemas Simbólicos, Socialidades e Gênero.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Érica Renata de Souza

Belo Horizonte

2016

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Campos, Guilherme da Rocha

"Lá em casa é diferente": uma etnografia das relações conjugais entre travestis de Belo Horizonte (MG)/ Guilherme da Rocha Campos.
– 2016

111f.

Orientadora: Érica Renata de Souza.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais,
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

Inclui bibliografia

1. Antropologia – Teses. 2. Relações conjugais – Teses. 3. Relações de gênero. 4. Sexualidade. I. Souza, Érica Renata de. II. Universidade Federal de Minas Gerais. III. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Nome: CAMPOS, Guilherme da Rocha

Título: "Lá em casa é diferente": uma etnografia das relações conjugais entre travestis de Belo Horizonte (MG)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Aprovado em __/__/2016

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Érica Renata de Souza

Prof. Dr. Leandro de Oliveira

Prof.^a Dr.^a Juliana Gonzaga Jayme

Para todos os casais que aceitaram o desafio de uma vida levada a dois, em especial as travestis desta pesquisa e meus pais Maria Laís da Rocha Campos e Mauro Campos.

AGRADECIMENTOS

Uma dissertação de mestrado consome muito mais do que as palavras aqui escritas, ela exigiu uma dedicação e um comprometimento que vai além de qualquer outro trabalho que eu já tenha realizado. As linhas que se seguem não serão capazes de resumir o afeto e admiração que sinto por todas as pessoas que tornaram a concretização desta dissertação possível. Tentarei, pois, nomear algumas delas.

Agradeço com todo meu carinho:

Às travestis e homens que participaram desta pesquisa.¹

À querida professora Érica Renata de Souza pela orientação, atenção, dedicação, suporte, amizade. A disciplina “Feminismo e relações de gênero”, ainda no ano de 2011, inspirou-me a seguir neste ramo da antropologia que faz com que a cada dia eu me torne uma pessoa mais sensível e cresça tanto profissional quanto pessoalmente.

Aos meus prezados colegas de mestrado pelos debates e contribuições que ajudaram-me a fazer este trabalho.

À equipe do “projeto trans” do Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT – NUH/UFMG, especialmente Vanessa, Lorena, Nicole, Barbarella e Karina pelas noites de trabalho de campo compartilhadas num longínquo 2012 que jamais serão esquecidas.

Aos membros do Grupo de Estudos e Relações de Gênero – FMEGEN/UFMG, que me ajudaram debatendo esta pesquisa num momento embrionário.

Aos amigos do NUH/UFMG Liliane Anderson, Rafaela Vasconcellos e Marco Aurélio Prado pelos inúmeros toques e conselhos ao longo destes anos. Um abraço especial para Igor Monteiro que além da amizade debateu à fundo várias questões fundamentais para confecção deste trabalho.

¹ Todos os nomes usados neste trabalho são fictícios, exceção feita à Anyky Lima, militante conhecida que permitiu que eu usasse seu nome.

À Aninha, secretária da Pós-graduação, por todo suporte, apoio e paciência que me foi dedicado ao longo desta árdua trajetória.

Ao Professor Leandro de Oliveira e à professora Juliana Gonzaga Jayme por aceitarem o convite para participar da banca de defesa.

Um beijo especial para todas minhas amigas e amigos em Barbacena, em especial, Gustavo Pompeu, Humberto, Breno, Clarice, Vivi, Fabinho, Robertinho e Pereira.

À turma do 1906, Rafa, Gabi, Sara e Magrones por terem sido minha família em BH.

Aos amigos do glorioso alvi-róseo pela amizade que já perdura nove anos.

Aos amigos Gugu e Leonel por todos os momentos que passamos no Liberdade.

As queridas e queridos da Belas-artes por todo o amor e afeto compartilhados comigo.

Aos companheiros xineses Kassim, James, Álvaro, Bola e Johni pelos anos passados embaixo do mesmo teto e a amizade que durará muitos anos mais.

Às minha comadres Lânia e Luiza e aos meus compadres Chico e Nathan por me permitirem fazer parte de suas famílias e casas.

À todos meus familiares, que sempre me apoiaram e acreditaram em mim.

Às minhas crianças Nuno, Lina, Lia e Tetê por alegrarem minha vida a cada encontro.

Por fim, agradeço imensamente às minhas irmãs Camilla, Carla e Clarice e ao meu irmão Gustavo por me ensinarem o que significa viver entre iguais. Finalmente agradeço a meu pai Mauro Campos e minha mãe Maria Laís da Rocha Campos pelo apoio e amor incondicionais.

Sem vocês esta dissertação não seria possível.

RESUMO

CAMPOS, Guilherme da Rocha. "Lá em casa é diferente": uma etnografia das relações conjugais entre travestis de Belo Horizonte (MG). [Dissertação]. Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, 2016.

A partir do início do século XX pesquisas antropológicas complexificaram o entendimento sobre as relações de gênero e sexualidade no mundo em que vivemos. Trabalhos etnográficos com travestis no Brasil pontuaram uma relação entre sexo, gênero e sexualidade que fundamenta a noção de identidade destas pessoas, fazendo com que elas promovam mudanças permanentes em seus corpos. As relações entre travestis e homens que mantem relações amorosas com elas é atravessada por um entendimento específico sobre corpo, gênero e sexualidade que não é compartilhado pela população em geral. No contexto conjugal de travestis e seus maridos a identidade de gênero de cada um determina uma relação entre diferentes, onde a travesti performatiza o feminino e o homem o masculino. O caráter heteronormativo das relações é contrastado pela discriminação social que os casais sofrem por serem reconhecidos socialmente como homossexuais. A opinião pública a respeito das travestis vinculada à naturalização dos corpos a partir da genitália gera situações em que sexualidade e gênero, tanto das travestis quanto de seus maridos, sejam constantemente contestados publicamente. A trajetória destas pessoas são o fundamento da construção contextual do gênero que performatizam. As relações entre travestis e homens reconhecidos socialmente como masculinos e heterossexuais lançam luz sobre o caráter contextual da construção do gênero entre as pessoas de nossa sociedade. As práticas das travestis questionam o corpo naturalizado e o binarismo de gênero, colocando em xeque os fundamentos de uma sociedade que estabelece como normas a heterossexualidade e o gênero decorrente do sexo biológico. Neste trabalho, as dinâmicas conjugais de três casais são analisadas.

Palavras-chave: travestis - conjugalidades - gênero - sexualidade - heteronormatividade

ABSTRACT

CAMPOS, Guilherme da Rocha. "Lá em casa é diferente": na ethnography of marital relations among travestis in Belo Horizonte (MG). [Thesis]. Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, 2016.

From the early twentieth century anthropological research has complexified understanding of gender relations and sexuality in the world we live in. Ethnographic work with travestis in Brazil pointed a relationship between sex, gender and sexuality that underlies the notion of identity of these people, causing them to promote permanent changes in their bodies. Relations between travestis and men that keep love relationships with them is crossed by a specific understanding of body, gender and sexuality that is not shared by the majority of population. In the marital context of travestis and their husbands, the gender identity of each of them determines a relationship between different where, considering their gender performativities, the travesti assumes the feminine gender and the man assumes the masculine. The heteronormative character of relations is contrasted by the social discrimination that couples suffer for being socially recognized as homosexuals. Public opinion about the travestis linked to the naturalization of bodies from the genitals creates situations in which sexuality and gender, both of travestis as their husbands, are constantly challenged in public. The trajectory of these people are the foundation of contextual construction of performative gender. Relations between travestis and men that are socially recognized as heterosexual males shed light on the contextual nature of gender construction among the people of our society. The practices of travestis question the naturalized body and the gender binarism, putting into question the foundations of a society which sets heterosexuality and gender as consequence of biological sex as social norms. In this work, the marital dynamics of three couples are analyzed.

Keywords: travesties – conjugality – gender – sexuality – heteronormativity

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 – Debates antropológicos sobre gênero e família	17
1.1. Trabalhos acadêmicos pioneiros e a criação de uma “antropologia da mulher”	17
1.2. De que se trata o parentesco? A crítica de David Schneider.....	22
1.3. Contribuições de Marilyn Strathern e de Judith Butler para se problematizar a relação entre natureza, biologia e reprodução.....	25
CAPÍTULO 2: Estudos sobre travestilidades no Brasil.....	32
2.1. Imersões nas travestilidades: as pesquisas pioneiras de Silva e Kulick.....	32
2.2. Interpretações sobre a conjugalidade e a sexualidade das travestis: as perspectivas de Benedetti e Kulick.....	38
2.3. Sexualidade e Abjeção.....	44
CAPÍTULO 3: RELAÇÕES CONJUGAIS, GÊNERO E HETERONORMATIVIDADE.....	52
3.1. Os três casais.....	54
Caso 1 – Beth e Evandro.....	54
Caso 2 – Ana e João.....	58
Caso 3 – Beatriz e Pedro.....	63
3.2. Dinâmicas conjugais.....	70
3.3. Maridos e amantes: homens para casar, pessoas para transar.....	74
3.4. Intersecções entre sexo, gênero e sexualidade na construção das identidades travestis.....	78

3.5. Problemas de gênero na conjugalidade: efeitos da heteronormatividade na relação entre as travestis e seus maridos.....	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	86
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	92
APÊNDICES.....	96

INTRODUÇÃO

De agosto de 2012 até dezembro de 2015 pesquisei a rotina de trabalho de travestis prostitutas em duas ruas na região da Pampulha, em Belo Horizonte. De janeiro de 2012 até dezembro de 2013 fui vinculado ao NUH-UFMG², onde participei da pesquisa intitulada “Direitos e violência na experiência de travestis e transexuais na cidade de Belo Horizonte: construção de um perfil social em diálogo com a população”. Ao longo deste período realizei, juntamente com colegas de pesquisa, diversas leituras sobre as temáticas do gênero e da sexualidade que abordassem a população de travestis e transexuais. Em maio de 2012 realizamos, em parceria com o GOLD³, o sétimo encontro de travestis e transexuais da região sudeste. O evento permitiu meu primeiro contato mais estreito com travestis.

A partir do mês de agosto de 2012 adentrei no trabalho de campo da pesquisa. Os membros da equipe de se dividiram entre dois grupos com objetivo de visitar semanalmente os principais pontos de prostituição de travestis nas cidades de Belo Horizonte e Contagem. No período entre agosto e dezembro de 2012 frequentei duas ruas da região da Pampulha assiduamente. No ano de 2013 não pude continuar com o campo com a mesma frequência, ainda assim continuei no projeto, obtendo informações da região através dos relatos das colegas que deram seguimento ao campo na área.

Tendo nascido em Barbacena e sido educado em uma escola católica, as concepções sobre a “natureza” do ser humano que me foram transmitidas provinham da biologia e da religião. Estas explicações, no entanto, sempre me foram insatisfatórias: na medida em que estabeleciam verdades absolutas a respeito da experiência humana elas não conseguiam explicar o porquê de algumas pessoas não seguirem esta suposta “natureza universal”. A questão que formulo, pois, é a seguinte: de que maneira as travestis, nascidas e criadas numa sociedade que naturaliza a sexualidade e o gênero a partir da genitália de nascença, explicam sua feminilidade?

² Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT, vinculado à Universidade Federal de Minas Gerais.

³ Grupo Orgulho Liberdade e Dignidade.

A fim de tentar responder a essa questão realizei minha pesquisa de mestrado tendo como foco relações conjugais entre travestis e homens *cis*⁴. Tratando-se de travestis de Belo Horizonte que participaram desta pesquisa, o que difere entre suas explicações e as dos cientistas “psi”⁵ não é o código compartilhado de entendimento, mas o arranjo de elementos desse código de maneira a justificar a própria existência como algo “natural”. Porém, este “natural” deveras “artificial”, por ser construído deliberadamente através de esforços conscientes, não se contrapõe à cultura, como a antropologia durante décadas fez, mas se opõe ao abjeto, ao monstruoso, ao caos. A afirmação de sua naturalidade é um dos dispositivos acionados contra uma ciência que patologiza as experiências *trans*⁶. Seus argumentos não provem de uma negação da natureza, ao contrário, vem de uma afirmação dela materializada numa multiplicidade de experiências possíveis, dentre as quais ser homem, mulher ou travestis são apenas três dessas possibilidades.

Partindo do reconhecimento biológico dos corpos, as normas sociais que constroem as pessoas em nosso contexto estabelecem o que mulheres e homens devem fazer socialmente. O que é sintomático nesta relação é que o corpo, determinado biologicamente, se torna alvo de um discurso heteronormativo que espera que as gerações mais novas se tornem homens e mulheres do jeito que “sempre foram”. Enquanto isto, mulheres, travestis e muitas outras pessoas que não são reconhecidas socialmente como homens, mesmo articuladas em movimentos, núcleos de pesquisa ou coletivos de ações afirmativas, mal conseguem dar visibilidade para suas reivindicações.

Penso ser fundamental uma crítica antropológica ao modo como percebemos homens e mulheres no intuito de mudarmos as relações entre ambos. Ao situar as respostas para os questionamentos que fazemos destas relações num corpo fisiológico, naturalizado, “dado”, a sociedade em que vivemos ensina às novas gerações que problemas sociais nascem de fatos biológicos.

⁴ Utilizo o termo *cis* como categoria nativa. As travestis interlocutoras desta pesquisa usam o termo para se referir a homens que tenham nascido com pênis e mulheres que nasceram com vagina. Existe um amplo debate a respeito do uso do termo que não irei debater neste trabalho pois meu interesse principal é fundamentalmente nas práticas e terminologias que as próprias travestis desta pesquisa utilizam.

⁵ Termo utilizado para se referir aos profissionais das áreas de psiquiatria e psicologia.

⁶ Utilizo o termo *trans* como categoria nativa. As travestis utilizam o termo *trans* para falar de pessoas que possuem uma identidade de gênero com a qual não foi designada ao nascer.

Aprendi em meu percurso na antropologia que problemas sociais devem ter sua solução encontrada nas relações entre pessoas, é a “natureza” destas relações que causam efeitos duradouros, que numa sociedade capitalista são convencionados e institucionalizados. Numa realidade que parte de cima para baixo, da instituição para as pessoas, desfazer determinadas concepções necessita não só que aqueles que estão numa posição rebaixada socialmente se desloquem, mas que aqueles que falam da posição de privilégio conscientizem-se de que suas relações são decisivas na manutenção ou mudança de determinadas normas sociais. Penso que um diálogo da antropologia com demais disciplinas é fundamental para isto. Pesquisas com focos em outros marcadores sociais (raça, classe econômica, faixa etária, escolaridade, família, profissão, etc.), sem perder de vista a interseccionalidade, também são de suma importância uma vez que localiza outros lugares de privilégios que também devem ser revistos.

Partindo da hipótese de Schneider (1968), imagino que a reprodução sexual não é um ponto crucial na experiência da maioria das travestis. A maternidade é vista como um fardo que as mulheres devem carregar. As travestis com quem conversei a respeito se manifestaram surpresas diante das questões sobre parentalidade. A própria ideia de que poderiam ser mães lhes parecia hilária: não podemos, assim, lançar a hipótese de que as travestis que sem mantem em relações conjugais com homens o façam por quererem ter filhos.

A partir das conclusões de Schneider de que o parentesco se baseia na manutenção de relações duradouras de solidariedade poderemos abrir nosso escopo nos estudos sobre conjugalidades. Destacando a importância do companheirismo entre parceiros acima das possibilidades de reprodução genética poderemos apontar de que maneira as leis do Estado, corroboradas pelas ciências biomédicas, deslegitimam a existência de alguns corpos. Estes corpos abjetos, no entanto, utilizam as categorias de entendimento do próprio sistema que os exclui para dar sentido à suas existências, a começar pelas categorias homem e mulher.

Ao longo do trabalho de campo desenvolvido nesta pesquisa, tanto a ideia do que é ser homem ou mulher foi definida pelas entrevistadas de um ponto de vista que ia além das meras determinações biológicas. De uma forma geral, para as travestis com quem conversei, o fato de uma pessoa ter nascido com um pênis não

faz dela necessariamente um homem: são as atitudes dessa pessoa e o que se faz com esse corpo que determinará esse lugar. As travestis e mulheres trans também nasceram com um pênis, a maioria delas ainda o tem, no entanto, não são caracterizadas como homens. Dentro dessa perspectiva *trans*, para ser homem é necessário, além de ter nascido com um pênis, se comportar de maneira masculina, isto é, ter um comportamento e um temperamento que condigam com a imagem socialmente estabelecida do que é um homem naquele contexto específico. Sob esta ótica o corpo fisiológico, “natural”, não é suficiente para se afirmar que uma pessoa é um homem. Aí está a chave para as explicações que me foram dadas sobre a natureza feminina das travestis.

Uma vez que não é o corpo físico que determina se alguém se tornará homem ou mulher, mas o comportamento dessa pessoa, compreendemos melhor de que maneira as relações de gênero atuam. Separando masculino e feminino de determinações fisiológicas, como macho e fêmea, as travestis naturalizam sua feminilidade perante a socialização masculina a que foram submetidas. Os relatos trazem sempre a ideia de que “sempre foram femininas”, indicando que nunca se enquadraram no mundo masculino que lhes era apresentado. Assim, justificam através de meios pré-discursivos de que forma a criança com pênis se tornou travesti, ou ainda como se tornou mulher.

A desvinculação do gênero e do corpo biológico, característica das mais recentes teorias de gênero, está presente na fala de travestis de diversas idades, muitas dela sem nenhum acesso a estas teorias. De que maneira a teoria antropológica chegou a essa separação antes mesmo de ter contato etnográfico com estas pessoas?

Ao longo da trajetória da disciplina, o tema da reprodução sexual se tornou central (FRY, 1982; MOORE, 1997; STRATHERN, 1995) e seu desenvolvimento trouxe à tona muitas experiências de vida que questionam um modelo de gênero masculino/feminino pautados no dimorfismo sexual dos corpos biológicos.

No capítulo1 a intenção é apresentar os principais referenciais teóricos internacionais que ajudaram a fundamentar o debate antropológico atual sobre gênero e sexualidade. Estes trabalhos foram pioneiros em suas críticas às perspectivas evolucionistas que explicavam o comportamento humano através de

suas funções biológicas, associando as práticas sociais a uma suposta natureza imutável dos corpos.

Já o capítulo 2 apresenta trabalhos pioneiros na Antropologia Brasileira sobre travestis, focando nas temáticas do corpo, gênero e sexualidade. Os trabalhos etnográficos analisados nos trazem diversos contextos nos quais o caráter social do gênero e da sexualidade são destacados. Através das pesquisas com as travestis foi lançada luz sobre a diversidade do fenômeno humano, colocando em questão normas sociais que não permitem que determinados corpos e comportamentos possam existir sem serem taxados como abjetos.

Por fim, no cap. 3 apresento e analiso os dados de campo. Através de dados colhidos de três casais formados por travestis e homens *cis*, fazemos alguns questionamentos a respeito de teorias que buscam definir a realidade de travestis independentemente do contexto no qual vivem. Pontuando a arbitrariedade de determinadas generalizações sobre travestis, procuramos demonstrar que a identidade de gênero e a sexualidade destas pessoas são frutos de práticas. Estas práticas emergem num contexto social específico que pode ser subversivo, mas que se constitui à partir dos mesmos elementos que estabelecem as normas sociais das demais pessoas. Procuramos mostrar como estes elementos se articulam nas relações conjugais das travestis casadas com homens *cis* e de que maneira a heteronormatividade atua nestes relacionamentos promovendo pontos de intersecção e de fissura na ideia de normalidade socialmente aceita.

CAPÍTULO 1 – Debates antropológicos sobre gênero e família

Este capítulo tem como objetivo embasar teoricamente minha pesquisa sobre relações conjugais entre travestis e companheiros que se auto-identificam como homens no debate antropológico sobre gênero, família e parentesco.

Apontarei algumas críticas feitas nas décadas de 70 e 80 em duas temáticas antropológicas – pesquisas sobre a mulher e família – que contemporaneamente são pensadas em conjunto nos estudos de gênero. Estas críticas são sintomáticas de uma forma de se pensar a humanidade a partir de uma base biológica, que enxerga o casamento em função da reprodução da espécie. Em seguida, trarei a contribuição de Marilyn Strathern e Judith Butler para problematizar essa perspectiva.

1.1- Trabalhos acadêmicos pioneiros e a criação de uma “antropologia da mulher”

As pesquisas sobre a mulher começaram a ter destaque por volta da metade do século XX. Colhendo os frutos das conquistas de direitos civis da geração anterior, diversas feministas engajaram-se para desfazer o preconceito contra mulheres. Trabalhos marcantes como os de Simone de Beauvoir e Margaret Mead desfizeram o mito de que homens e mulheres são seres distintos por natureza.

Mead, em *Sexo e temperamento* (original de 1935), apresenta-nos três contextos etnográficos nos quais as relações entre pessoas de sexos cruzados acontecem de maneira distinta daquela percebida no contexto capitalista euro-americano. Na época, os estudos psicanalíticos de maior destaque, fortemente influenciados pela obra de Freud, afirmavam que o aparelho psíquico humano conformava as pessoas à sociedade discriminando-as pelo órgão sexual. Mead salienta que estas perspectivas pensam que o desenvolvimento do ser humano foi similar em toda parte do mundo e que, em todos os lugares, a inserção da criança na sociedade se daria numa educação diferenciada para aquelas com vagina e aquelas com pênis (MEAD, 1988).

Pessoas com pênis se tornariam homens assimilando um temperamento e determinadas características entendidas como inerentes à natureza de seu sexo. Pessoas com vagina virariam mulheres assimilando outro temperamento e outras

qualidades, elas também entendidas como sendo habilidades natas de quem nasce com aquela genitália. Com o avançar da idade, aquelas e aqueles que não apresentassem o temperamento “natural” de seu sexo eram tomados como pessoas inadaptadas. A pesquisa de Mead revela que, em outros contextos, o temperamento das pessoas não é marcado socialmente pelas diferenças genitais: entre os Arapesh os ânimos de homens e mulheres eram amenos (tipo de humor tido como feminino na cosmologia euro-americana), ao passo que entre os Mundugumor ambos tinham um humor explosivo (temperamento tido como masculino nos Estados Unidos). Entre os Tchambuli as mulheres apresentavam um temperamento similar ao que no contexto euro-americano é associado aos homens e vice-versa.

Mead ajudou a desvincular a ideia de temperamento e comportamento de homens e mulheres como reflexos de determinações fisiológicas. A construção social dos corpos fica evidente na medida em que se apresentam dados etnográficos que comprovam que as determinações biológicas da sociedade capitalista euro-americana não são universais. Desconstruir alguns mitos da “mulher natural” também foi objetivo do trabalho de outra famosa feminista da metade do século XX.

Em “O Segundo sexo” (1949), Simone de Beauvoir faz uma potente crítica à forma biologizante com a qual a mulher havia sido pensada até então. Buscando sua base existencial, Beauvoir argumenta que a mulher se constitui numa sociedade dada num tempo-espaço, num contexto social específico: a resposta para a pergunta “O que é uma mulher?” não pode ser dada apenas com base em saberes deterministas. Para a autora os saberes biológico, psicanalítico e materialista da época pecavam por utilizar paradigmas maniqueístas e essencialistas em seus métodos: a biologia partia de um corpo fisiológico dado, a psicanálise de um aparelho psíquico universal, o materialismo histórico de uma infra-estrutura econômica primordial à existência. Na medida em que não levam em consideração a variabilidade de “ser mulher” em diferentes lugares, épocas e culturas as três formas de conhecimento sozinhas, para Beauvoir, não são suficientes para se entender como a mulher se constitui na sociedade. A frase que ficou mais famosa da obra, “Não se nasce mulher, torna-se mulher”, indica como Beauvoir procurou salientar que não é um corpo dado, inato, que se deve tomar como ponto de partida para se compreender a construção social da mulher.

Foi sob a influência direta destas duas proeminentes autoras que a antropologia tomou a mulher como seu objeto de estudo. O foco nas relações desiguais entre os sexos é característica marcante desta geração, que se preocupava com a maneira com que relações de poder se manifestavam nas relações de gênero. A dominação masculina universal era um paradigma em voga, ainda que sempre contestado e problematizado.

Nos anos 70 uma importante coletânea de artigos denominada “A mulher, a cultura e a sociedade” é lançada nos Estados Unidos e, em 1979, traduzida para o português numa versão reduzida.⁷ No livro encontram-se artigos de importantes intelectuais que mesclam suas políticas feministas à prática científica. Na revisão teórica da antropóloga Michelle Rosaldo⁸ a discussão entre os domínios público e privado toma uma posição central. Ela argumenta que toda sociedade apresenta uma divisão sexual do trabalho no qual as atividades masculinas são mais valorizadas que as femininas. A impressão determinista que esta afirmação nos passa é justificada pelos dados etnográficos que, de acordo com Rosaldo, podem até demonstrar determinado grau de influência das mulheres sobre os homens em algumas sociedades, mas não desloca a autoridade do domínio masculino (público) para o feminino (privado).

O patriarcado, temática deixada a segundo plano desde as teorias do matriarcado na antropologia, volta a ter destaque na disciplina. A associação do espaço público aos homens e o privado às mulheres é pontuada ao longo de toda história da civilização ocidental. O prestígio dado ao espaço público é latente nas teorias de Engels e Bachofen sobre a origem da família (BEAUVOIR, 1980; BAMBERGER, 1979). A centralidade do papel masculino nas atividades sociais é justificada pela condição “natural” das mulheres para tarefas domésticas. Sherry Ortner, num artigo na mesma coletânea⁹, afirma que:

Em razão do maior envolvimento do corpo feminino com a função natural que circunda a reprodução, ela é encarada mais como elemento da natureza do que o homem. Contudo, em parte por sua consciência e participação no diálogo social, ela é reconhecida como uma participante da cultura. Portanto, ela surfe como intermediária

⁷ A versão brasileira conta com nove artigos, além da introdução de Rosaldo e Lamphere.

⁸ “A mulher, a cultura e a sociedade: uma revisão teórica”, em: A mulher, a cultura e a sociedade.

⁹ “Está a mulher para o homem assim como a natureza está para a cultura?”, em: A mulher, a cultura e a sociedade.

entre a cultura e a natureza numa escala de transcendência inferior a do homem. (ORTNER, 1979, p.106)

Ortner e Rosaldo, por vias distintas, denunciam a mesma coisa: a situação social da mulher é justificada por fatores biológicos. Rosaldo afirma que a delegação do espaço doméstico à mulher e sua impossibilidade de ocupar os espaços públicos é determinante para que se sustente a proeminência das atividades masculinas sobre as femininas. Concordando com as conclusões de Chodorow (1979), Rosaldo (1979) e Ortner (1979) acreditavam que se as pessoas adultas ensinasse as crianças a ocupar tanto funções domésticas quanto públicas a divisão sexual do trabalho se tornaria obsoleta e a dominação masculina não teria mais fundamento. Se homens comesçassem a se ocupar dos trabalhos domésticos e do cuidado das crianças as mulheres poderiam ocupar com mais facilidade os espaços públicos.

A divisão sexual do trabalho, baseada numa divisão binária do fenômeno humano, justificou por muito tempo os papéis sociais distintos que eram esperados de homens e mulheres. Os trabalhos de Mead e Beauvoir ajudam a desconstruir o caráter essencialista com que a sociedade determina os corpos em seu meio. A antropologia da mulher, por sua vez, ajudou a desconstruir alguns “mitos da natureza” pontuando o caráter arbitrário das funções sociais delegadas para ambos os sexos e sugerindo possíveis caminhos para mudar esta situação. Mas, se a solução é trazer o homem para dentro da casa com a mulher e, ao mesmo tempo, trazer a mulher para o espaço público com o homem, a criação das crianças, principalmente nos primeiros anos de vida, deixa de ser responsabilidade fundamental da mulher e passa a ser do casal.

Em *O uso e o abuso da antropologia: reflexões sobre o feminismo e o entendimento intercultural* (originalmente publicado em 1980) Michelle Rosaldo coloca em questão a busca por universais sobre mulheres e homens. A autora questiona pesquisas que, estabelecendo uma assimetria entre homens e mulheres em todas as sociedades conhecidas, buscavam justificar diferenças sociais por meio das diferenças sexuais.

Parece-me que a assimetria sexual pode ser descoberta em todos os grupos sociais humanos, assim como sistemas de parentesco, matrimônios, e mães. Porém, perguntar "Por quê?" ou "Como isso tudo começou?" parece inevitavelmente distanciar nossas

preocupações de uma visão da importância do gênero para a organização de todas as formas institucionais humanas (e, reciprocamente, da importância de todos os fatos sociais para o gênero). Essas perguntas nos levam em direção a noções dicotômicas que ligam os papéis de homens e mulheres às coisas diferentes que eles, como indivíduos, tendem a fazer - coisas que para mulheres, em particular, são todas muito rapidamente explicadas pelos fatos aparentemente primordiais e imutáveis da fisiologia sexual. (ROSALDO, 1995, p.31).

A crítica de Rosaldo estabelece a importância do gênero na construção social das pessoas em diferentes contextos sociais. A procura por uma determinação primordial do fenômeno humano, entendido de maneira dicotômica como mulheres e homens, se equivoca ao ignorar que essas pessoas são frutos de uma sociedade, são criados dentro de um sistema social que circunscreve as possibilidades de vivência dentro de seu meio. É dentro deste meio social que as relações sociais são estabelecidas, logo, é apenas em termos sociais que podemos entender as relações entre pessoas, independentemente do sexo fisiológico. As mulheres, assim como os homens, são seres históricos, concretos. Abstrações que busquem explicar uma “origem” destes seres e de suas relações estão comprometidas em seus pressupostos.

Afirmar que a família molda mulheres é, em última instância, esquecer que as próprias famílias são coisas que homens e mulheres criam ativamente e que estas variam com particularidades do contexto social. E assim como famílias (em termos culturais e sociais) são mais variadas (e menos onipresentes) do que a maioria dos pesquisadores têm assumido, as desigualdades de gênero são dificilmente universais nas suas implicações ou seus conteúdos. (ROSALDO, 1995, p. 32)

Rosaldo salienta o caráter contextual não só da mulher como também da família, outra instituição social que por muito tempo fora tratada como universal em sua estrutura elementar. De fato, a mulher foi considerada por muito tempo apenas em função da família e da manutenção desta dentro do ambiente social doméstico. As funções que as mulheres mantinham eram tidas como naturais, sendo que qualquer maneira de se lidar com a família que fosse de encontro às normas sociais hegemônicas eram vistas como uma anomalia, e esta mulher, por sua vez, era vista como algo nefasto para sociedade como um todo.

A crítica de Rosaldo é extremamente relevante uma vez que abriu o escopo das atividades femininas contextualizadas, permitindo que vislumbrar a maneira determinista com a qual era considerada, sempre com olhos virados a suas funções biológicas e “naturais”. A família como instituição social universal torna-se assim também alvo de crítica. Se homens e mulheres são seres sociais frutos eles mesmos de criações sociais, também a família torna-se sujeita aos efeitos das relações estabelecidas entre as pessoas dentro de um dado contexto.

Sendo assim, chamamos atenção no tópico a seguir para uma das mais decisivas críticas: a ideia da família como um fenômeno universal.

1.2 - De que se trata o parentesco? A crítica de David Schneider

Os trabalhos de David Schneider sobre parentesco e a família americana foram decisivos no desenvolvimento das temáticas na antropologia. No artigo “What is kinship all about?” ele direciona uma crítica a toda teoria antropológica do parentesco denunciando que elas partem de alguns pressupostos que só fazem sentido numa sociedade ocidental, que tem nas ciências biomédicas seu paradigma de interpretação dos corpos humanos.

A ideia da árvore genealógica, tão cara às teorias de então, pressupõe uma divisão binária entre as pessoas a partir de seus órgãos genitais. A universalização dos paradigmas das ciências biomédicas por parte dos antropólogos serviu de base para se pensar pessoas nos mais diferentes contextos durante décadas. Mesmo quando os coletivos pesquisados desconhecem ou não levam em consideração os fatores biológicos do sexo para produzirem suas teias de parentesco pressupõe-se que seja necessário que uma pessoa com pênis copule com uma com vagina para que a espécie se perpetue. Tal prerrogativa permitiu que o parentesco fosse estudado como algo destacado da realidade na qual ele se produz: cristalizado como um modelo ideal, todas as relações familiares na prática se tornam sintomas das normas que as regulam. A questão para o antropólogo americano era o que os seus compatriotas entendiam por parentesco, isto é, o que o povo estudado entende por parentesco? Quem são os membros que fazem parte das suas famílias?

Schneider argumenta que as categorias culturais que classificam os parentes estão ligadas a determinados padrões de conduta que uma pessoa deve assumir perante seus familiares. Usemos como exemplo o parentesco americano, convencendo-se que o genitor de uma criança é seu “pai” ele deve agir de maneira a suprir e amar sua prole, dar carinho, educação e zelar pelo bem-estar de seus filhos. Todos estes papéis são socialmente estabelecidos e dizem respeito ao padrão de comportamento que homens devem ter com seus filhos (SCHNEIDER, 1980). Porém, na prática as coisas podem acontecer de outra forma. Um pai, apesar da sua posição de genitor, pode não gostar de seus filhos, ou dar-lhes uma educação rígida e distante. Schneider aponta como as relações entre parentes podem variar de acordo com fatores externos ao parentesco em si: o modelo serve mais como guia de comportamento do que como algo a ser vivido fielmente (SCHNEIDER, 1980). O autor observou padrões concretos de comportamento e deduziu as normas sociais que constrangiam as pessoas, entretanto, estas normas não condiziam com as atitudes e ações das pessoas tais quais elas se apresentavam na prática, serviam como normas reguladoras, como regras de comportamento que deveriam ser seguidas por todos os membros de uma determinada família.

É através do sistema normativo que o autor concebe o sistema cultural. Ambos são formados por símbolos e significados, no entanto não refletem um ao outro: eles diferem. O estudo da cultura para Schneider tem haver com a posição do ser humano em relação ao mundo, não como ele deveria se comportar para manter o mundo tal qual ele é. Os níveis cultural e normativo são conectados: o primeiro, com suas premissas, fornece uma série de possibilidades e alternativas para o estabelecimento do segundo. (SCHNEIDER, 1972). Com isso, Schneider procura estabelecer o que é parentesco e família para a sociedade americana tomando como base os aspectos culturais dessa sociedade, não os psicológicos.

The cultural level is focused on the fundamental system of symbols and meanings which inform and give shape to the normative level of action. [...] What are the underlying symbols and their meanings in this particular segment of concrete action and how do they form a single, coherent, interrelated system of symbols and meanings?¹⁰
(SCHNEIDER, 1972, p.262).

¹⁰ “O nível cultural é focado no sistema fundamental de símbolos e significados que informam e dão forma para o nível normativo de ação. [...] Quais são os símbolos subjacentes e seus significados

O autor acredita que quando o ponto de partida são fenômenos universais (no caso a família e as relações de parentesco) o que é levado em conta é apenas um aspecto do fenômeno para aquela cultura particular. Aspectos da cultura dizem respeito aos seus símbolos e significados, ao passo que aspectos da sociedade dizem respeito às suas instituições e como elas se arranjam para obter propósitos sociais. (SCHNEIDER, 1972).

Schneider conclui que não são motivações biológicas que constituem uma família no contexto estadunidense, mas motivações de ordem cultural: a família americana se consolida pelo desejo das pessoas em manterem relações de solidariedade duradoura. (SCHNEIDER, 1980). As normas sociais (tipos de conduta ideais socialmente assimilados) e a vida na sociedade (a vida na prática) não são a mesma coisa.

No ensaio *Experiência individual e ordem cultural* (originalmente publicado em 1982) Marshall Sahlins afirma que as convenções sociais conformam a pessoa a um determinado padrão de conduta ao inculcar as categorias necessárias para que haja comunicação de ideias na vida em sociedade. A descontinuidade entre a “cultura-convencionada” e a “cultura-tal-qual-vivenciada” permite que as categorias classificatórias assumam diferentes conotações dependendo do contexto em que são acionadas. Mas, se por um lado o modelo não determina as relações de parentesco tal como elas são observadas, por outro não se pode fugir completamente ao modelo, sob risco de sofrer retaliações em outras esferas sociais. De acordo com os dados “naturais” do corpo se estabelece que a organização familiar baseia-se na relação entre um homem e uma mulher que geram filhos. No item seguinte apontarei como os trabalhos da antropóloga Marilyn Strathern e da filósofa Judith Butler, se apropriando da crítica de Schneider, colocam as relações conjugais no centro das discussões de gênero. Destacarei como tais discussões são pertinentes no contexto conjugal das travestis e como podem ajudar a pensar as relações de gênero e de parentesco no cenário brasileiro.

1.3 - Contribuições de Marilyn Strathern e de Judith Butler para se problematizar a relação entre natureza, biologia e reprodução

Em *O Gênero da Dádiva* (original de 1988), Strathern procura situar sua pesquisa no debate contemporâneo tendo em vistas contribuições entre feminismo e antropologia. Primeiramente a autora aponta dois pontos de tensão entre os dois saberes à época. O feminismo, com a ideia da opressão da mulher em todos os lugares, se choca com o relativismo antropológico. A antropologia, por sua vez, no intuito de entender determinada cultura “como se” fosse fechada em si mesma, retira a possibilidade de comparação justamente por não trabalhar com perspectivas parciais e múltiplas que permitam comparar determinados contextos etnográficos com outros.

Strathern afirma que a noção de sociedade, problemática para se pensar os melanésios, também não é bem recebida pelas teóricas do feminismo. Isto porque, em suas diversas correntes, o feminismo enxerga a sociedade ou bem como a ideologia masculina que nega direito às mulheres ou como algo dado, por isso além dos interesses feministas. Em consequência desta posição, as correntes feministas encontram muitas dificuldades em criar teorias que deem conta da experiência das mulheres em toda parte. A antropologia, por sua vez, por muitas vezes foi acionada para dar conta de explicar com dados empíricos o que a teoria feminista apenas entrevia: a saber, a dominação masculina universal. Strathern aponta como este empreendimento fracassou: na intenção de comparar culturas, estudadas como sendo “fechadas em si mesmas”, a antropologia criou uma fantasia, a de que estas culturas são comparáveis uma vez que determinadas práticas se repetem. Esta perspectiva não considera as diferentes formas de conceptualização de cada cultura particular e coloca como equivalentes contextos nos quais os atores agem por distintas motivações culturais.

Apesar das diferenças paradigmáticas entre o feminismo e antropologia clássica, algumas similaridades são sintomáticas. Strathern destaca o fato de ambas as perspectivas tomarem como dado o corpo biológico, isto é: ambas as perspectivas explicam problemas de gênero (“artificial”) com base em dados físicos (“natural”). A presunção ocidental de uma natureza universal do fenômeno humano é

o que fundamenta e possibilita à antropologia comparar coletivos os mais distintos por um lado, e, ao feminismo comparar mulheres de todas as culturas umas às outras. Nas palavras de Strathern:

A presunção de similaridade natural entre todos os membros de um mesmo sexo vem justificar a postura ética segundo a qual, em toda parte, devem ser formuladas as mesmas perguntas sobre as suas condições: fazer menos que isso seria tratar alguns como inferiores. (STRATHERN, 2006, p.66)

A perspectiva relativista da antropologia permitiu usar a natureza imutável dos corpos para comparar experiências aparentemente similares nos mais diversos contextos. A perspectiva biológica do feminismo permitiu usar a natureza para comparar experiências femininas em contextos os mais variados. Porém, nenhuma das perspectivas problematiza a mutabilidade dos construtos que tomam como dados. No que tange aos estudos de gênero, a noção ocidental de natureza possibilitou que as mulheres fossem pensadas como se não se constituíssem em contextos sociais específicos: as mulheres no ocidente, assim como as demais pessoas, são constituídas internalizando uma série de conceitos que só fazem sentido em relação a outros. Indivíduo/sociedade, privado/público, feminino/masculino, dentre outras convenções do ocidente capitalista, só fazem um sentido específico na prática relacionando-se a outras associações realizadas no seio deste mesmo coletivo. No que tange os estudos de gênero:

As questões ocidentais sobre a dominação masculina 'na sociedade' subsumem o problema das mulheres como um problema universal para a organização das relações. Sem esse problema, o caráter da proeminência masculina torna-se interessante por si mesmo. (STRATHERN, 2006, p.72)

Um contexto específico é formado a partir de códigos culturais compartilhados entre os membros de um coletivo. São as associações que as pessoas fazem entre os símbolos de uma cultura numa situação determinada que produzem sentido inteligível. Se os códigos de entendimento não são compartilhados entre ocidentais

e melanésios, por exemplo, não faz sentido fazer perguntas ocidentais a questões melanésias, e vice-versa.

Strathern, flutuando entre os pontos de vista melanésios, antropológicos e feminista, conduz sua pesquisa no sentido de fazer uma ciência que não busque mais encontrar leis gerais que regem a natureza universal dos corpos. Sua preocupação em rever as bases do pensamento feminista e antropológico, bem como sua reflexividade quanto à sua prática enquanto pesquisadora, assinalam um caminho possível para uma antropologia feminista que problematize seus próprios dados e coloque em risco as próprias certezas da sociedade do(a) pesquisador(a). Para nós, tal lugar de fala, que abre o debate antropológico para demais áreas do conhecimento enriquece a pesquisa antropológica: primeiro, por absorver múltiplos pontos de vista várias questões que de outra forma não apareceriam emergem, neste sentido teremos um controle melhor da antropologia que fazemos. Segundo, por localizar o conhecimento antropológico num campo mais amplo da vida científica, em diálogo com outras disciplinas, a relevância da antropologia se destaca pela sua capacidade de considerar modos de conceptualização diferentes dos com que opera. Com isso, antropologia e feminismo se abrem uma série de possibilidades de diálogo que mudariam, e muito, a maneira como concebemos o gênero em nossos próprios contextos.

Strathern ainda pontua, em um belo artigo¹¹, como as diferenças fisiológicas do sexo foram assimiladas pelo discurso biológico com a invenção do modelo de parentesco duo-genético¹², determinando papéis distintos para ambos os gêneros na criação das crianças:

Existe o que podemos chamar de exigência de parentesco para a parentalidade, ou seja, que a criança tenha dois pais identificáveis, iguais em termos de doação genética, mas desiguais em termos dos papéis que vão representar na vida dela. (STRATHERN, 1995, p.306)

Pesquisando a “síndrome do nascimento virgem”, que causou pânico na sociedade euro-americana, a autora expõe de que maneira os médicos ingleses

¹¹ “Necessidade de pais, necessidade de mães.”

¹² A parentalidade duo-genética característica das sociedades euro-americanas se configura num cenário no qual a mãe e o pai cedem cada um 50% do DNA do embrião.

negaram o direito à inseminação artificial àquelas mulheres que não mantinham relações sexuais com homens:

A relação do ato sexual com a concepção não é, portanto, simplesmente uma relação técnica. Serve para reproduzir a parentalidade como o resultado percebido de uma união em que as partes se distinguem pelo gênero. Fora qualquer outra coisa, desempenha por isso uma parte conceitualmente significativa na procriação. (STRATHERN, 1995, p.307)

Strathern acredita que esta postura é efeito da concepção geneticista com que as sociedades “civilizadas” percebem os corpos: homens produzem espermatozoides, mulheres produzem óvulos, precisamos de ambos para que a espécie humana se perpetue. Se homens não produzem óvulos e mulheres não produzem espermatozoides, deduz-se que haja uma diferença insuperável entre ambos e se separa peremptoriamente as pessoas entre homens e mulheres. A tecnologia da fertilização *in vitro*, do ponto de vista da comunidade médica inglesa, foi feita para substituir uma falha da natureza, isto é: um casal formado por um homem e uma mulher que mantenham relações sexuais, mas não consigam conceber uma criança. No entanto, como pontua Strathern:

As mulheres tomam as possibilidades tecnológicas pelo que elas podem fazer – contornar a necessidade de intercurso sexual – e não por seu valor substitutivo, como substitutas dele. Contudo, achou-se inadequado que as mulheres desejassem a tecnologia por si mesmas. E em geral o ímpeto em tecnologizar o tratamento da fertilidade pode ser atribuído tanto àquelas que buscam ajuda quanto aos clínicos que a prestam.(STRATHERN, 1995, p.308)

A “síndrome do nascimento virgem” se tornou um problema na medida em que muitas mulheres perceberam a possibilidade de engravidarem sem ter relações sexuais, o que na perspectiva conservadora da sociedade britânica era tido com um absurdo. “A ideia de a mulher recusar qualquer tipo de relação sexual é que parece ser o problema.” (STRATHERN, 1995, p.313).

A conclusão de Strathern é sintomática na medida em que o ato sexual entre duas pessoas com genitálias distintas (vagina e pênis) possui centralidade crucial na constituição da família. Os médicos britânicos negaram o direito de mulheres virgens usarem a tecnologia da fertilização *in vitro* não por elas nunca terem tido relações sexuais, mas por não darem demonstração de desejar um dia tê-las (STRATHERN,

1995). O médico que insemina a possível mãe é como um substituto “artificial” para algo que falta no pai, mas normalmente estaria ali. Ao negarem a necessidade de relações sexuais para engravidarem, as “virgens” inglesas obrigaram as ciências médicas a se posicionarem, estas se voltaram para o que nestes cenários é tomado como inato: a natureza fisiológica dos corpos.

Imaginando replicar em laboratório o que é dado no mundo “natural”, a comunidade médica britânica reforçou a santidade da monogamia como única forma legítima de se gerar filhos, focando na reprodução da espécie entre duas pessoas de sexos diferentes, excluindo assim qualquer outra forma de arranjo familiar.

O casamento monogâmico é então justificado em termos científicos, para além de sua origem religiosa. As normas monogâmicas se encontram presentes inclusive nas novas leis que estabelecem arranjos matrimoniais entre pessoas do mesmo sexo.

A filósofa americana Judith Butler acredita que se por um lado o casamento homoafetivo abre possibilidades de legitimar relações entre pessoas do mesmo sexo, por outro acaba reforçando a monogamia como norma social (BUTLER, 2003a).

As leis de união estável que beneficiam casais do mesmo sexo se baseiam nas mesmas leis que, outrora, excluíaam estas pessoas da instituição do matrimônio:

A petição por direito ao casamento procura o reconhecimento do Estado das relações não-heterossexuais e, assim, configura o Estado como detentor de um direito que, na verdade, deveria conceder de maneira não discriminatória, independente de orientação sexual. (BUTLER, 2003a, p.224)

O caráter heteronormativo destas leis continua latente já que o casamento permanece sendo a única forma legítima de reprodução. No contexto francês da época a flexibilização das leis de união estável que incluíaam pessoas de mesmo tiveram como contrapartida um debate sobre se os casais homoafetivos poderiam ter acesso ao processo de adoção de menores de idade. Se por um lado a iniciativa da comunidade LGBT gerou uma mudança na lei que incluísse os casais, por outro

gerou uma onda de conservadorismo homofóbico que proclamava que um casal de homossexuais não seria apto a criar e educar uma criança.

A centralidade de argumentos de cunho deterministas a-históricos, baseados nos saberes biológicos sobre o corpo humano e sobre a reprodução da espécie foram utilizados de maneira peremptória por toda ala conservadora que era contra a adoção de crianças por casais homoafetivos. A ideia edipiana de que apenas com a presença de um homem e uma mulher a criança teria um desenvolvimento sadio reforçava aspectos dualistas que distinguiam os gêneros feminino e masculino como algo inerente ao corpo biológico. Assim, a união entre pessoas de sexos distintos era uma vez mais reforçada como a única maneira legítima de se gerar prole.

Butler critica a explicação pró-edipiana da seguinte maneira:

O que quero sublinhar aqui é o uso de Édipo para estabelecer uma certa concepção de cultura que tem consequências um tanto estreitas para a formação de gênero e de arranjos sexuais e que, implicitamente, retrata a cultura como um todo, uma unidade, que está implicada em reproduzir a si própria e sua singular totalidade através da reprodução da criança. (BUTLER, 2003a, p.246)

“De acordo com um esquema um tanto esquemático de complexo de Édipo, o gênero é adquirido através da satisfação do desejo heterossexual.” (BUTLER, 2003a, p.246). O medo dos conservadores franceses era de que as crianças criadas por casais homossexuais se tornassem homossexuais quando adultos, colocando em risco toda uma série de valores que a sociedade francesa não gostaria de debater.

O que os trabalhos de Strathern e de Butler apontam é, novamente, o caráter biológico com o qual o corpo é pensado nas sociedades euro-americanas. Ambas localizam o ato sexual com fins reprodutivos como ponto central do debate acerca do parentesco (BUTLER, 2003a; STRATHERN, 1995, 2008). Ambas salientam que, na prática, as pessoas utilizam das tecnologias e códigos culturais disponíveis para compreenderem suas próprias realidades, subvertendo as normas sociais reiteradas na performatividade. Isto é, as leis e normas da sociedade estão sempre sujeitas a rearticulação na prática.

A questão da sexualidade torna-se central neste debate sobre a família. No contexto pesquisado por Butler a justificativa fundamental para que casais não-heterossexuais não possam adotar é pelo fato de que “ensinariam” uma sexualidade não-desejada às crianças, ao menos pelo ponto de vista daqueles contra a adoção homoafetiva. Dentro desta perspectiva, as crianças aprendem não só gênero, mas sexualidade observando seus pais, dentro de casa, imitando-os. Importante ressaltar que algo presente no contexto francês discutido por Butler é similar ao contexto brasileiro, em particular nas vivências das travestis com quem conversei: o comportamento dos filhos é socialmente entendido como um reflexo da educação dada pelos pais.

CAPÍTULO 2: Estudos sobre travestilidades no Brasil

Neste capítulo discorrerei a respeito de alguns trabalhos que foram importantes na trajetória da minha pesquisa. Suas contribuições foram determinantes para desenvolvimento dos estudos de gênero, em particular nas pesquisas com travestis e transexuais. Pontuarei as questões que me chamaram atenção para a centralidade do corpo, gênero e sexualidade na experiência de vida das travestis. O foco na mudança corporal das travestis/mulheres *trans*, debatidas sob a luz das relações de gênero e sexualidade, são para mim indicativos de grande parte dos problemas que as travestis que entrevistei sofrem em suas relações conjugais. Os trabalhos de Silva (1993), Kulick (2008), Benedetti (2005) e Pelúcio (2009) foram realizados com travestis e transexuais que se prostituem.

2.1 – Imersões nas travestilidades: as pesquisas pioneiras de Silva e Kulick

A pesquisa de Hélio Silva com travestis do Rio de Janeiro é a primeira grande referência na disciplina antropológica. Em “Travestis: a invenção do feminino”, o autor procura localizar a figura da travesti dentro do boêmio bairro da Lapa, no Rio de Janeiro. A pesquisa é realizada com travestis que vivem pelas ruas e bordéis da Lapa. A abordagem de Silva foca num suposto caráter ambíguo das travestis: uma pessoa que está entre o homem e a mulher. No livro, a travesti é vista como uma ilusionista capaz de trazer ao cliente/amante fantasias que não poderiam ser obtidas com outra pessoa que não ela.

A figura da travesti no livro é a da prostituta, da artista, da ilusionista: a pessoa que é capaz de mostrar apenas as facetas que querem mostrar, escondendo para si aquilo que o cliente/amante não deseja saber, podendo ser masculina ou feminina de acordo com a situação. A obra ajudou a desfazer alguns preconceitos comuns em relação às travestis, mostrando um pouco das rotinas de algumas delas, de seus relacionamentos, de seus medos e anseios. Trabalha a ideia do sacrifício para obtenção do feminino, como depilação e aplicação de silicone, tema que se

torna recorrente nas demais pesquisas sobre o universo das travestis. A “ambiguidade” de que Silva fala se refere ao fato das travestis transitarem entre gêneros, tendo elementos em seu corpo que atestem tanto a feminilidade quanto a masculinidade, o que seria razão para o seu espúrio social. A prosa do autor, com foco nas histórias de suas interlocutoras, nos revela um pouco do dia-a-dia de uma travesti àquela época e antecipam algumas questões, principalmente no que tange a “ambiguidade” das travestis.

O tema da ambiguidade retorna na obra de Kulick (original de 1998), antropólogo sueco que realizou trabalho de campo com travestis na cidade de Salvador. Entretanto, a abordagem se torna mais tensa, tocando no âmago, na fonte desta ambiguidade: as modificações corporais das travestis. As mudanças que as travestis promovem em seus corpos para lhes dar uma aparência mais feminina constituem uma linha divisória para as travestis da pesquisa de Kulick:

Os hormônios estabelecem uma espécie de linha divisória entre as travestis de verdade (“travesti mesmo”) e o que as travestis chamam de “transformistas”. Transformistas são homossexuais do sexo masculino que durante o dia se comportam como homens no trajar, nas ações, no uso de nomes masculinos. Mas à noite vestem-se como mulher, usam perucas e maquiagem, seja para frequentar boates gay (às vezes apresentando-se em performances e dublagens de cantoras como Whitney Houston e outras cantoras italianas de voz estridente que eram muito populares nos círculos gays de Salvador), seja para se prostituir. [...] Definindo as diferenças, as travestis sublinham que, ao contrário dos transformistas, elas vivem como mulher 24 horas por dia. Além disso, alteram seus corpos ingerindo hormônios, o que resulta no aparecimento de seios (difíceis de esconder no caso de desejarem retornar a uma aparência masculina). (KULICK, 2008, p.83)

A delimitação do que seria uma travesti autêntica para as travestis da pesquisa de Kulick nos traz uma questão de legitimidade: quem pode ser travesti?

Na pesquisa de Kulick, o orgulho em ser travesti tem haver com a trajetória de vida. Uma pessoa passa, e para minhas entrevistadas devem passar, por uma série de procedimentos realizados com a intenção de feminilizar o corpo, antes masculino, da travesti. A deliberada ação de modificar o corpo de maneira permanente estabelece entre as travestis de Salvador um limiar entre transformistas e travestis

(KULICK, 2008, p.83). A ação de mudar o corpo não acontece da noite para o dia, mas vem de uma vontade duradoura, através de um processo de mudança visual que começa pelos trejeitos, pela indumentária. Na realidade, a infância de grande parte das travestis, tanto as da pesquisa de Kulick quanto com as quais conversei, já revela um desejo de ter um corpo feminino¹³: a ingestão de hormônios, a aplicação de silicone são sintomas da materialização de desejos muito bem estabelecidos na perspectiva das travestis.

É importante entender que as travestis não decidem colocar silicone impulsivamente. Quando resolvem se submeter às aplicações, elas o fazem depois de pensar no assunto durante meses, às vezes anos. É preciso tempo, alias, para economizar o dinheiro necessário para adquirir o silicone e pagar os serviços de bombadeira¹⁴. Além disso, é comum que as travestis já estejam consumindo hormônios há longos períodos – e eventualmente tomando medicamentos para ganhar peso – com o objetivo de dotar a pele de uma elasticidade apropriada, segundo imaginam, à melhor acomodação do silicone (KULICK, 2008, p.91).

A explanação do autor é muito pertinente, pois muitas pessoas ainda pensam que as travestis colocam silicone por serem desequilibradas e estarem tentando se tornar algo que não são. Ao contrário, é depois de muito pesar prós e contras que costumam levar a cabo o desejo de aplicar silicone, mesmo porque, grande parte das travestis à época da pesquisa de Kulick, utilizavam o silicone industrial, produto de difícil retirada do corpo uma vez “assentado”.¹⁵

A estrutura corporal de uma travesti que tenha tomado hormônios e/ou aplicado silicone faz com que esta pessoa não seja socialmente reconhecida como

¹³ Por ser um debate extremamente complexo e delicado, além de não ser o foco desta pesquisa, não entraremos no debate sobre travestilidade na infância.

¹⁴ Pessoa que faz aplicações de silicone industrial nas travestis. Em geral, a bombadeira é uma travesti mais velha, que já passou pelo procedimento e/ou auxiliou durante um dado tempo uma bombadeira mais experiente. *Grifo meu.*

¹⁵ Nos dias de hoje as próteses de silicone se popularizaram entre as travestis, no entanto a aplicação de silicone industrial continua sendo muito praticada. As três respostas que mais recebi quando perguntava a respeito do motivo para ainda se usar silicone industrial eram: 1 – o custo, já que muitos médicos cobram preços acima dos de mercado para colocar próteses em travestis, 2 – o resultado estético, muitas travestis acreditam que se o silicone for aplicado por uma boa bombadeira a aparência dos seios fica mais “natural” do que as próteses, 3 – a parte do corpo a ser modificada, as travestis aplicam silicone em diversas partes do corpo aonde não se colocam próteses cirurgicamente, como nos quadris por exemplo.

um homem¹⁶. Algumas travestis são de fato encaradas como mulheres, uma vez que não se consegue mais distinguir traços masculinos no corpo da pessoa. Entretanto, isto é uma realidade para um número pequeno de travestis. Altura, comprimento, largura dos ombros, pomo-de-adão, tamanho das mãos e pés, dentre outros marcadores fazem com que algumas travestis tenham um corpo que continua sendo socialmente percebido como masculino. Por não se passarem socialmente nem como homens nem como mulheres, estas travestis são as que mais sofrem com o preconceito do dia-a-dia.

O objetivo da alteração corporal é se aproximar mais do ideal feminino, pare se sentirem mais femininas e mais próximas do corpo que desejam ter para si, um que condiga com seus sentimentos: um corpo sem traços masculinos, um corpo feminino. (KULICK, 2008).

A ideia de 'mulher' é elaborada pelas travestis em termos de aparências específicas, comportamentos e relacionamento com os homens. Ao mesmo tempo, qualquer exemplo de mulheres reais cujos atos ou aparência contrariem essa ideia pré-formatada é tomado com evidência de que as travestis entendem o universo feminino de maneira mais realista e melhor do que as próprias mulheres. Por causa disso, a feminilidade aparece como algo ao alcance de qualquer um que realmente a deseje. Para se sentirem mulheres, as travestis precisam é adquirir os atributos adequados e as relações apropriadas (KULICK, 2008, p. 111).

A maioria das travestis, assim como de homens e mulheres, acreditam que o dimorfismo sexual é natural, contudo, elas não percebem o gênero como um desdobramento desse dimorfismo, mas uma identidade construída mediante um longo processo de inculcação de um determinado tipo de comportamento sancionado culturalmente. Se pessoas nascidas com pênis se tornassem necessariamente homens, as travestis não existiriam: eis a explicação-chave das travestis à Kulick para justificarem suas próprias experiências. Longe de fazerem uma crítica às verdades do corpo naturalizado, o que as travestis fazem é

¹⁶ A vestimenta masculina, no entanto, não é utilizada apenas por transformistas. Algumas travestis com quem conversei também usam roupas masculinas em determinadas ocasiões para diminuir a probabilidade de serem vítimas de violência, seja ela física ou psicológica. Recordo-me de uma travesti de 45 anos com quem conversei na Pampulha, ela vivia com a mãe que, já idosa, pedia à filha que se vestisse como homem dentro de casa para manter as aparências perante os demais parentes.

conformarem um corpo considerado naturalmente dado a uma feminilidade que transcende a aparente masculinidade deste. As travestis controlam a natureza masculina dos seus corpos com os aparatos artificiais que sua cultura disponibiliza sem com isso negarem uma “essência” feminina. Como bem pontuou o autor em suas conclusões:

Ora, as travestis não se ajustam bem no famoso e encarniçado debate que se trava no âmbito das ciências sociais, e humanas em geral, entre construtivismo e essencialismo justamente porque elas são ao mesmo tempo essencialistas e construtivistas. As travestis consideram que os machos são machos e as fêmeas são fêmeas em função dos órgãos genitais. Deus faz a pessoa macho ou fêmea. Deus pode cometer erros de vez em quando, e nesses casos, como disse Luciana, “quando chega a hora de operar, Ele tira o corpo fora”. Mas o que Ele fez não pode ser desfeito – ninguém pode mudar o sexo com o qual nasceu. Esta é a dimensão essencialista contida nas ideias que as travestis formulam sobre sexo e gênero.

Porém, há uma dimensão construtivista. Deus faz com que a pessoa seja irreversivelmente macho ou fêmea, ao dotá-la de uma genitália específica. Mas a morfologia diferencial da genitália permite explorar (e situar-se em) diferentes possibilidades de gênero. E nesse jogo as fêmeas levam desvantagem. A genitália feminina restringe as possibilidades de gênero e as condena a serem sempre fêmeas. Fêmeas não podem penetrar, elas só podem “dar” – e isso as travestis afirmavam reiteradamente. Sempre que eu fazia objeções a argumentos dessa natureza, observando que as mulheres poderiam penetrar os homens usando consolos, vibradores, outros apetrechos e mesmo os próprios dedos, as travestis desconsideravam: “Sim, claro, a mulher pode enfiar um vibrador, um dedo, um pepino ou uma cenoura. Mas o que são essas coisas? Vibrador, dedo, pepino e cenoura. Não é um pau, não é uma pica”.

Por outro lado, a genitália masculina propicia uma gama maior de atividades, indivíduos do sexo masculino podem tanto penetrar quanto “dar”. Essa flexibilidade sexual permite que elas tenham acesso a todo o espectro dos comportamentos sexuais e de gênero e a todo espectro das subjetividades envolvidas. Assim, a ideia que está na base das concepções travestis de sexualidade, sexo e gênero, é: fêmeas e machos são inexorável e essencialmente fêmeas e machos em função dos órgãos genitais respectivos; no entanto, os órgãos sexuais dos machos favorecem mais flexibilidade, e com isso permitem que os machos se construam como fêmeas (KULICK, 2008, p.204).

Kulick afirma que o que permite a elas justificarem suas vivências é o fato de serem “essencialistas construtivas”. O autor argumenta que, sem negar a

materialidade de seus corpos (as travestis sabem que tem um pênis no meio das pernas), elas questionam as normas sociais que estabelecem que uma pessoa nascida com pênis deva, necessariamente, se tornar um homem. Percebemos que as explicações sobre o dinamismo do corpo masculino são dadas conforme a necessidade das entrevistadas em justificarem suas próprias situações, em detrimento às das mulheres.

A dimensão essencialista aliada à construtivista da explicação das travestis da pesquisa de Kulick abrem, ao meu ver, a possibilidade de situarmos a trajetória destas pessoas no contexto em que elas nasceram, cresceram e se formaram. Elas são pessoas nascidas em uma sociedade patriarcal e heteronormativa, sociedade que estabelece uma distinção radical entre feminino e masculino, entre mulher e homem, entre ativo e passivo. Não é nas práticas que as explicações essencialistas do senso comum costumam se basear para falar de gênero e sexualidade, é antes num “corpo biológico natural”, “dado”. É numa lógica pré-discursiva, que antecede a própria ação do corpo no mundo em que se baseiam as leis de Deus, o mesmo que “às vezes erra”.

As travestis emergem dentro de uma cultura que prega que sexualidade e gênero decorrem de realidades naturais dos corpos-sexuados. O que elas fazem, no entanto, é justamente usarem os elementos fornecidos pela própria cultura que as oprime para “naturalizarem” sua situação, por assim dizer. Sob esta ótica, as travestis estão apenas fazendo aquilo que a maioria de homens e mulheres fazem quando indagados por qual motivo são desta ou daquela forma. As pessoas justificam suas existências com base nas explicações convencionais de sua sociedade, assim como mulheres e homens, as travestis recorrem à biologia e à Deus: duas das explicações mais aceitas socialmente sobre a origem do fenômeno humano e, nesse caso, para a diversidade humana. Ainda assim, uma diversidade que tem por referência a norma: a heteronormatividade pautada na “verdade” do dimorfismo sexual.

2.2 – Interpretações sobre a conjugalidade e a sexualidade das travestis: as perspectivas de Benedetti e Kulick

A definição de homens e mulheres com base no corpo biológico estabelece uma distinção radical entre os gêneros masculino e feminino. A explicação usual começa pelas distintas funções corporais que estes corpos possuem, nunca pelas suas similaridades, assim, determinando apenas duas possibilidades de se estar no mundo, ambas fornecidas por uma suposta natureza imutável dos corpos humanos. Já que a natureza é quem define qual gênero uma pessoa deve assimilar para se desenvolver na sociedade como se explica a existência de travestis e pessoas *trans*? Alguma explicação deve ser dada já que as leis naturais não falham.

As ciências “psi”¹⁷, que possuem a legitimidade do Estado para assuntos do “universo *trans*”, patologiza as experiências travestis e transexuais como “Transtorno de Identidade de Gênero”. A terminologia já revela a maneira como travestis são encaradas: transtornadas, pessoas com problemas. Quais são esses problemas? Assimilaram um gênero que não condiz com o corpo com que nasceram. Novamente percebemos como o corpo pré-discursivo, o corpo não socializado, imaginado como anterior a existência do ser humano no mundo social é postulado. Se uma pessoa XY usa roupas femininas, se interessa sexualmente por homens e têm trejeitos considerados femininos, ela é diagnosticada com um problema psicológico, e todo problema tem uma solução.

Com a finalidade de conformar as travestis dentro do espectro macho/fêmea e masculino/feminino, muitas são levadas a pensar que possuem um grave desvio e por isso deveriam ao menos tentar ser homens; outra linha de trabalho é fazê-las pensar que são mulheres no corpo de homens, assim uma cirurgia de readequação sexual resolveria a questão. Estas possibilidades não são hipóteses levantadas por mim a fim de ilustrar o preconceito institucionalizado que as travestis sofrem, são exemplos que foram relatados a mim por pessoas que tiveram de se defrontar com psicólogos para tratar de sua “sexualidade”, seja por encaminhamento da família, seja por desejo próprio. De fato, existem travestis e transexuais que se imaginam

¹⁷ Termo utilizado para se referir às ciências que tratam da psique do ser humano: psiquiatria e psicologia.

como mulheres no corpo de homens, existem aquelas que acham ser pecado viverem como são, porém, não há em nenhum dos casos que acompanhei a ideia de que são elas as culpadas por passarem pelo sofrimento que lhes é causado socialmente. Culpar as vítimas pelas violências que sofrem, individualizando a culpa, é uma situação que muitas travestis passam quando, por exemplo, vão a delegacia prestar queixa contra alguém que as tenha agredido. A sociedade não aceita a travesti, muito menos aquela que se julga normal, aquela que não vive dentro das normas sociais que estabelecem como homens e mulheres devem se comportar.

Berenice Bento (2006) nos alerta que para travestis e transexuais conseguirem fazer a cirurgia de redesignação genital é necessário um parecer psiquiátrico fortemente marcado pelos padrões heteronormativos da sociedade brasileira. Dessa forma, transexuais e travestis que não possuam desejos sexuais apenas por homens e que não sejam consideradas femininas são descartadas do processo do SUS. Apenas aquelas que são verdadeiramente “mulheres no corpo de homens” conseguem seus pareceres. Bento demonstra como as transexuais subvertem a este esquema heterossexista e machista a fim de conseguirem suas cirurgias. (BENTO, 2006).

As interlocutoras da pesquisa de Bento escondiam de seus médicos os hábitos que sabiam ser indesejados numa “boa mulher”. É importante salientar que elas não estavam, com isso, reforçando o método de seleção dos psiquiátricos: as mulheres *trans* e travestis do livro se mostram incomodadas com o processo de seleção. No entanto, o que elas querem do médico é o laudo, não a aprovação deles, a qual não necessitam. Assim, fingiam ter nojo do próprio pênis, relatavam rotinas que não eram as suas, escondiam preferências sexuais, enfim: mais uma vez utilizaram os saberes e métodos que tinham disponíveis para realizar o objetivo que era o tratamento pelo SUS. Vale a pena ressaltar que a cirurgia de readequação sexual é um dos últimos estágios do processo, sendo assim, muitas travestis que não desejam remover sua genitália entram para poder ter um acompanhamento médico durante a hormonização. (BENTO, 2006). Pesquisas recentes também tem corroborado essa performatividade de gênero por parte das pessoas *trans*, respondendo a estereótipos, como uma forma de acesso aos serviços de saúde (Souza, 2015).

A pesquisa de Bento ilustra bem como há um aparato social, estatal, que procura homogeneizar as experiências de homens e mulheres numa tentativa de estabilizar as possibilidades de gênero, as duas que decorreriam da natureza: o feminino e o masculino. As travestis sabem muito bem que a natureza não determina o gênero, do contrário elas não seriam travestis. Vimos através da pesquisa de Kulick como elas enxergam o gênero com base no comportamento da pessoa, em suas práticas. Elas são, no entanto, frutos da mesma sociedade que nega suas existências. De que maneira justificam suas escolhas para aqueles que as julgam transtornadas? Por que são travestis e não homens? Novamente a naturalização de suas trajetórias é a estratégia mais acionada. Algo na infância já era sintomático, antes de se desenvolverem na adolescência algumas preferências já saltavam aos seus olhos: não queriam se tornar homens.

Para as travestis, em sua lógica particular, tudo é gênero, e é esse mecanismo que cria e inventa suas práticas sociais e sexuais bem como aquelas das pessoas com que convivem. (BENEDETTI, 2005, p.24)

Sem negar a matéria, as travestis reformulam seus significados esvaziando a relevância das funções sexuais e produzindo gênero a partir das práticas do corpo-sexuado.

Marcos Benedetti (2005) trabalha em sua pesquisa com travestis de Porto Alegre¹⁸ como elas entendem suas particulares formas de ver o corpo e o gênero. Elas se apropriam da ideia geral de que homens pensam masculinamente e mulheres femininamente para justificarem suas trajetórias. Sem negar suas genitálias, fato considerado dado, afirmam sua feminilidade pelo fato de não pensarem como os homens, muito pelo contrário, suas preocupações, comportamentos e expectativas estão muito mais próximos do modo de pensar das mulheres. O que é essencializado aqui não é o corpo, mas a mente: se fossem homens teriam inculcado o comportamento masculino, não o feminino, gostariam de mulheres não de homens. As modificações em seus corpos não promovidas com a intenção de “consertar” alguma coisa, mas de promover mudanças que possibilitem

¹⁸ Toda feita: o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

revelar a verdadeira essência das travestis, aquilo que elas sentem e pensam a respeito de si mesmas.

É no corpo que elas localizam os principais símbolos do masculino e do feminino; e investem conhecimento, tempo e dinheiro para que possam ostentar, sentir e exibir um corpo diferente, um novo corpo. (BENEDETTI, 2005, p. 51)

O que elas fazem é criativamente rearticularem elementos culturais já dados, sem com isso criar uma lógica alienígena para explicarem suas vidas. Como Geertz afirma¹⁹, é apenas tendo o escopo do sistema cultural no qual elas estão inseridas que poderemos precisar com mais rigor o que elas entendem. No caso específico o que entendem por gênero e sexualidade. É em relação aos ideais de homens e de mulheres de nossa sociedade que as travestis se diferenciam e se constituem: ao mesmo tempo em que subvertem a lógica das normas de gênero (a heteronormatividade) reafirmam, para Benedetti, uma condição masculina/feminina dada pela natureza da qual elas não conseguem escapar.

As travestis se apoiam na perspectiva 'naturalista' sobre o gênero e sobre a sexualidade para explicar e justificar as práticas que contrariam aquilo que é socialmente esperado delas, pois se trata de uma perspectiva que evoca uma lógica interna, sobre a qual elas não teriam controle racional. (BENEDETTI, 2005, p.101-102)

As travestis emergem dentro de uma cultura que prega que sexualidade e gênero decorrem de realidades naturais dos corpos-sexuados e suas funções biológicas (explicação aceita pelo senso comum na sociedade brasileira). O que elas fazem, no entanto, é justamente usarem os elementos fornecidos pela própria cultura que as oprime para "naturalizarem" sua "condição", por assim dizer. Mas, se são travestis porque são femininas elas devem ao máximo exteriorizar este sentimento, aí entra o investimento nas alterações corporais e a expectativa geral, inclusive de outras travestis, que a pessoa busque estas mudanças.

¹⁹ "Do ponto de vista dos nativos': a natureza do entendimento antropológico" Em : O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

Entre as travestis é no corpo que se constroem as dinâmicas e características culturais do grupo. As regras e os sinais de pertencimento são marcados no corpo de forma a não deixar a pessoa marcada, nem seu grupo social, esquecer do seu lugar no conjunto social. (BENEDETTI, 2005. p.67)

Como já fora ressaltado por Kulick, as travestis diferenciam-se de pessoas que não vivem 24 horas por dia no feminino. No processo de identificação de uma travesti com outra não basta se “sentir mulher” ou ter a “cabeça feminina”, a travesti deve fazer valer seus sentimentos e pensamentos no corpo, para que fique claro para todas as pessoas, inclusive para elas mesmas, que elas são pessoas femininas e não são, em nenhuma hipótese, homens.

Benedetti trabalha com as categorias nativas “estrutura” e “cabeça” para destrinchar as motivações das travestis em constituírem-se no universo feminino. Estrutura seria o componente que sustenta a saúde mental de cada indivíduo, mediando o mundo interno do sujeito e o contexto social no qual está inserido. A cabeça seria uma categoria que indica uma dimensão mais complexa da pessoa, lugar da intimidade e das certezas do sujeito. “A cabeça é o domínio do gênero por excelência, é a forma como as travestis se percebem e se produzem femininamente e constroem sua identidade sexual e social.” (BENEDETTI, 2005, p.109). As duas categorias atuam para ordenar uma lógica travesti, uma forma específica de ver o mundo. Para se ter uma “cabeça feminina” num corpo masculino é necessária “estrutura”, esta é de cada uma, não é qualquer pessoa que tem condições de bancar a vida de travesti.

Tanto a pesquisa de Benedetti quanto a de Kulick trazem diversos elementos interessantes para se pensar as possibilidades de gênero vivenciadas pelas travestis. Ambas buscam delimitar o fenômeno da travestilidade dentro dos estudos

de gênero, frisando a construção do corpo feminino das travestis como sintoma de uma forma feminina de ser e estar no mundo.

Um ponto que julgo ser necessário salientar é que os dois autores veem nas relações sexuais das travestis com homens, nas quais as travestis são penetradas, tentativas de se realizarem enquanto pessoas femininas. Benedetti escreve que:

As travestis buscam nessas relações sentirem-se desejadas, requisitadas em função de suas qualidades femininas, o que encontram principalmente nas propriedades e práticas ativas²⁰, pelo menos no que diz respeito ao âmbito sexual dessa noção. A busca por uma qualidade intrinsecamente associada ao gênero na vida social, e sobretudo, nas relações afetivo-sexuais que as travestis mantem é uma espécie de motor propulsor da sua construção e transformação de gênero. (BENEDETTI, 2005, p.127).

Nas palavras de Kulick:

Elas não querem um namorado por causa do prazer sexual. Elas não obtêm sexo dos homens, mas sim gênero. Prazer sexual é algo que as travestis obtêm em outro lugar: com os boyzinhos, com os 'vícios' e com os clientes que conhecem na rua à noite. (KULICK, 2008, p.147)

Estas citações apontam para uma pretensa capacidade de homens feminizarem as travestis. De fato, ao longo das minhas imersões no campo, colhi comentários que atestam as afirmações acima. No entanto, a vontade das travestis com quem conversei em terem um relacionamento com um homem, em terem um marido, não pode ser reduzida a uma empreitada de se sentir mais feminina (apesar da relação com homens estar intimamente ligada ao sentimento de feminilidade por parte das travestis com quem conversei). O desejo das travestis por homens pode trazer sentimentos de satisfação para além do gênero. A vergonha que muitos maridos sentem de suas esposas travestis provem, na maioria dos casos, da suspeita que é levantada sobre a sexualidade de um homem que é casado com uma pessoa que tem um pênis. Admitir publicamente esta relação pode até fazer com

²⁰ Práticas sexuais em que o parceiro usa o pênis para penetrar a parceira. *Grifo meu*.

que a travesti se sinta mais feminina, mais mulher, mas acima de tudo representa o sentimento que aquele homem sente por aquela pessoa.

2.3 – Sexualidade e Abjeção

Neste item trago a discussão que Larissa Pelúcio levanta no livro “Abjeção e desejo”. A antropóloga situa a discussão sobre travestilidade dentro do dispositivo da sexualidade, localizando a situação das travestis em relação à abjeção que provocam em grande parte da sociedade pelo fato de irem de encontro às normas do gênero em contraste ao interesse sexual que provocam em muitas pessoas, em geral homens.

Pelúcio acompanhou travestis agentes de prevenção em suas visitas a pontos de prostituição de travestis na cidade de São Paulo, estabelecendo um paralelo entre o que as travestis na rua necessitam e o que o modelo preventivo do SUS oferecia, conflitando as formas de pensar das agentes de saúde, das travestis agentes de prevenção das demais travestis da pesquisa.

A autora associa a ideia da identidade das travestis à ideia de territorialidade. “A demarcação espacial é também moral e passa por jogos de poder pelos quais se determina quem pode ficar onde e os significados dessa fixação.” (PELÚCIO, 2009, p.59). Com isso, Pelúcio salienta um ponto apenas esboçado por Benedetti, o caráter contextual da formação da identidade das travestis. Dentro de um território existem pessoas e códigos de conduta compartilhados entre elas. É apenas em determinados lugares, por exemplo, que uma travesti sabe que pode prostituir-se, a quem deve pedir permissão para trabalhar sem retaliações, quais roupas pode usar, etc. As pessoas que frequentam estes lugares estabelecem uma rede de contatos para as travestis que ali se prostituem. Esta rede é formada por aqueles que sabem quem frequenta aquele ponto: cafetinas, traficantes, assaltantes, flanelinhas, policiais, taxistas, donos de estabelecimento, dentre outros. Todas estas pessoas

formam o “código-território”²¹ no qual as travestis trabalham. Para que alguém “de fora” possa entrar neste espaço é preciso entender as normas. “Conhecer os códigos territoriais – que são também corporais e morais – é imprescindível para que essa atuação possa se efetivar.” (PELÚCIO, 2009, p.75). Este ponto é muito relevante e faz referência ao que uma travesti mostra em público, como Silva havia pontuado. (SILVA, 1993). O contexto no qual uma relação se estabelece é essencial no desenrolar dos fatos. Uma travesti não se comporta da mesma maneira em seu trabalho como prostituta como se comporta em casa. Na rua ela necessita ser sedutora para obter clientes, ao passo que em casa, à vontade, pode muito bem não se preocupar com a aparência e com trejeitos que utiliza para conseguir clientes.

Analisando o conteúdo promovido pelas agentes de saúde, Pelúcio afirma que se as políticas públicas focassem mais nas relações de travestis com seus clientes, “vícios” e maridos do que nas práticas e comportamentos das travestis isoladamente os resultados seriam muito mais efetivos. Ao voltar atenção apenas para o que as travestis fazem, o governo acaba por insinuar que são elas as responsáveis pelas propagações das doenças sexualmente transmissíveis, elas são a “população de risco”, ao passo que estas travestis fazem sexo com alguém, este alguém normalmente é um homem e, para eles, não existe política de conscientização. Por isso gênero, sexualidade e corporalidade são temas que devem ser levados em conta para que aspectos culturais construídos contextualmente sejam considerados na elaboração de políticas públicas direcionadas às travestis.

Ser travesti está estreitamente ligado à relação que elas mantêm com os homens, sejam eles namorados/maridos ou clientes. É aqui que a gramática dos gêneros se acentua e possibilita que se reflita sobre os aspectos relacionais da construção da Pessoa, bem como sobre as questões preventivas. (PELÚCIO, 2009, p.75)

Pelúcio caracteriza a situação das travestis perante as campanhas do governo contra as DST's, em especial a AIDS. Elas constituem um dos chamados

²¹ Expressão de Néstor Perlongher, utilizada no livro *O Negócio do Michê* (original de 1987) que estabelece uma relação direta entre uma determinada área geográfica e as normas sociais estabelecidas entre os frequentadores desta área.

“grupos de risco”, pessoas em que as DST’s teriam uma incidência maior do que em outras categorias da população. Esta posição estigmatiza as travestis como desviantes, como possíveis vetores de doenças venéreas. Como assinalado acima, as travestis são vistas isoladamente como população de risco, logo são o alvo das agentes de saúde do programa de prevenção estatal:

O risco, mesmo que de maneira inconfessável, ainda guardaria uma associação com a ideia de sujeira e poluição, fazendo reviver velhos fantasmas travestidos de novidade, imputando culpa e acusação àqueles que escapam às normas. (PELÚCIO, 2009, p.120)

O modelo preventivo não se restringe à AIDS e outras DST’s, ele permeia hoje a visão médica como um todo. A ênfase na prevenção de males à saúde tem como alicerce a responsabilização dos indivíduos, o que leva à percepção de fenômenos sociais como sendo individuais. “O que o discurso preventivo parece não considerar é que o problema das travestis é o estigma, não a AIDS.” (PELÚCIO, 2009, p.132).

O mau recebimento nos postos de saúde e problemas com a documentação são duas das principais barreiras que impedem que travestis, e profissionais do sexo em geral, frequentem os postos de saúde. Além disso, a política higienista do governo não leva em consideração os contextos das travestis e afasta ainda mais o posto de saúde da realidade destas pessoas. Há um grande descompasso entre as demandas de saúde das travestis e os serviços ofertados a elas pelas frentes públicas de prevenção. Mesmo com travestis se tornando agentes de saúde a situação continua problemática. De acordo com a autora:

Divididas entre a respeitabilidade que conquistaram como agentes de prevenção e as afinidades que mantêm com o universo da noite, essas travestis se confrontam constantemente com as diferentes lógicas que regem estes ambientes. Não querem abdicar dos ganhos simbólicos obtidos pela adesão ao sistema oficial de saúde, tampouco lhes parece fácil abrir mão de todo um conjunto de valores e saberes que lhes foram constituintes. (PELÚCIO, 2009, p.152).

Os saberes adquiridos pelas travestis vinculadas às agências de prevenção distanciam-nas das demais já que o discurso científico se instala naquelas como sendo o verdadeiro. Sendo assim, a assimilação destes novos valores cria um status maior para as agentes em relação às travestis que se prostituem na rua. A contextualização da situação das travestis prostitutas no modelo preventivo, o território em que trabalham e seus códigos, já ajudariam bastante:

Trabalhar a partir da noção de territorialidade pode ser um passo importante para conferir visibilidade aos clientes das travestis, considerando-os parte integrante dessa relação em que desejos, afetos, corpos e comércio se entrelaçam, de forma tensa e dinâmica. (PELÚCIO, 2009, p.161).

Os homens que se relacionam com as travestis são invisíveis aos olhos do governo, como se não existissem. A maioria deles busca a relação com a travesti com discrição, tanto na abordagem no caso de relações pagas, tanto no desenrolar da relação que, de modo geral, acontece dentro de quatro paredes. Pelúcio aponta para os *T-lovers*, homens que sentem atração por travestis e mulheres *trans*, revelando que muitos deles vivem no anonimato e que, por temerem manchar suas reputações, não assumem seus relacionamentos com travestis em público (exceção feita a lugares específicos, como boates LGBT e festas de “entendidos”).

As relações entre maridos/namorados e as travestis observadas pela autora não eram, via de regra, públicas. Apesar de seguirem um código conjugal heteronormativo como base para seus relacionamentos, os contextos particulares fazem emergir novas formas de conjugalidade, a começar pela ciência do marido que sua esposa se prostitui.

Do ponto de vista de Pelúcio as travestis definem o gênero pela sexualidade, não pelo sexo biológico. Dessa forma, qualquer pessoa que se sinta atraída por homens será alocada no pólo feminino, ao passo que aquela atraída por mulheres

será alocada no pólo masculino. Homem de verdade, sob esta perspectiva, é aquele que se interessa em penetrar. As travestis presumem que “homens de verdade” gostam de vagina, de penetrá-la: são estes homens que as travestis desejam para si. “A fixidez de suas performances num dos pólos do binarismo de gênero, faz desses homens pessoas menos perigosas, porque passíveis de definição e alocação.” (PELÚCIO, 2009, p.83). Esta perspectiva condiz com as de Kulick e Benedetti a este respeito. As travestis desejam ser femininas, desejam ter um corpo feminino e desejam homens, se sentem atraídas por eles. Um homem que não possua as características da masculinidade hegemônica dificilmente será objeto de desejo das travestis.

A relação das travestis, em especial as prostitutas, são discretas no que dizem respeito ao conhecimento público. Tanto nas pesquisas de Pélucio, Kulick e Benedetti, como nas minhas conversas nas ruas de prostituição travesti, em Belo Horizonte, são raros os casos em que um marido sai em público com sua esposa, quando o fazem não seguram na mão, não fazem carícias, enfim, não agem de maneira a sinalizar que ali existe uma relação conjugal.

Esta situação afeta muito as travestis, que se sentem embaraçadas pelo fato do marido querer esconder o relacionamento das demais pessoas. A explicação mais comum é que escondem por serem homens, serem “machos”, não desejando assim colocar suas masculinidades em xeque pelo fato de se relacionarem com uma pessoa que tem um pênis. Não duvidando destas assertivas que condizem com as opiniões dos maridos com quem conversei, há também um medo da transfobia dos outros: receio de que os preconceitos que amigos e parentes tenham em relação a travestis e transexuais em geral possam afetar a relação do homem com estas pessoas. No intuito de preservar estas outras relações o marido acaba deixando a esposa sozinha no enfrentamento deste preconceito. Mas, o que leva as travestis a permanecerem nesse tipo de relação?

Foi dito acima que a grande maioria das travestis se envolve apenas com homens (assim designados pela genitália e por sua performatividade do gênero masculino), aqueles que são, aos olhos da sociedade, “homens de verdade”. Sob esta ótica, compreendemos melhor o motivo pelo qual elas aceitam relacionamentos escondidos: o pensamento geral sobre homens em nossa sociedade é que eles são

masculinos e heterossexuais. Por heterossexuais entenda-se homens que gostam de mulheres com vagina. A admissão pública de que se está num relacionamento com uma travesti coloca em questão a sexualidade deste homem. Existe então o medo de que comecem a falar que este homem tem interesse no pênis da parceira, estas fofocas surgem, pelo que observei, de todas as pessoas que conhecem o casal, sejam elas parentes, amigas ou colegas. Negar o relacionamento com a travesti, neste caso, é afirmar sua masculinidade viril, é reafirmar para todos que ele gosta é de mulher e de mulher com vagina. Ora, são justamente estes homens que a maioria das travestis desejam para si: um homem que goste de mulher, um homem que goste de vagina, um “homem de verdade”.

O foco da relação entre travestis e homens por parte das trabalhadas acima possui algumas perspectivas distintas. Kulick imagina as travestis tendo um gênero fluido na medida em que elas se comportam tanto ativamente quanto passivamente nas relações sexuais pagas. Pelúcio por sua vez acredita que são os corpos das travestis que são fluidos e que a aparente fluidez do gênero (pautado no binarismo ativo/passivo) é menos aparente do que o antropólogo sueco pensava, já que as categorias sociais disponíveis sempre colocam a questão da “incongruência” entre o sexo e o gênero das travestis. O feminino é não só estabelecido como reforçado pelas modificações corporais e as travestis possuem uma visão holista sobre suas práticas, não uma perspectiva individualista. O esforço por transformar o físico num corpo cada vez mais feminino é mais valorizado do que qualidades “naturais”, como ter nascido com traços mais finos, por exemplo.

O primeiro passo na mudança corporal costuma ser a ingestão de hormônio. (BENEDETTI, 2005; KULICK, 2008; PELÚCIO, 2009). Os hormônios femininos são ingeridos para dar uma forma mais arredondada na silhueta, para afinar a voz e proporcionar o crescimento dos seios. De acordo com relatos, o hormônio atua diretamente no sangue, fazendo com que o sistema nervoso da travesti se altere, se torne mais feminino:

Além dos efeitos fisiológicos, as informantes acreditam que os hormônios também exercem influência nos modos de ser, de andar, de falar, de pensar, de sentir. O hormônio é concebido como o veículo do feminino, como se o medicamento suprisse o corpo de

algo que lhe estava faltando, como se estivesse corrigindo um erro da natureza. (BENEDETTI, 2005, p.77)

Mais do que afetar diretamente a fisiologia e os trejeitos, a ingestão de hormônios parece ser vista como algo necessário para que uma pessoa seja considerada uma travesti por outras travestis:

O hormônio (e conseqüentemente seus efeitos no corpo e nas relações) parece ser um instrumento ritual de passagem, porque é junto com os seios e as formas arredondadas do novo corpo que a travesti (re) nasce para o mundo, que esse processo de transformação se instaura e se evidencia. (BENEDETTI, 2005, p.81).

Na mesma linha de Benedetti, Kulick afirma que é a ingestão de hormônios associada ao uso do silicone que fazem com que as travestis de Salvador se diferencie de transformistas. (KULICK, 2008). E ainda, para Pelúcio:

É por meio da ingestão sistemática de remédios contraceptivos ou para reposição hormonal de mulheres na menopausa, que as travestis iniciam seu processo de transformação. (PELÚCIO, 2009, p.215).

A busca pelo feminino em seus corpos se sobrepõe às preocupações em relação à saúde (ao menos em relação ao que a medicina entende por saúde). O esforço em se tornar fisicamente aquilo que se já se sente ser se sobrepõe às características corporais de nascimento.

Os trabalhos de Kulick, Benedetti e Pelúcio são três das principais referências dentro da antropologia do gênero que trabalham com travestis e mulheres *trans*. Os três possuem uma particularidade de suma relevância para esta pesquisa: as travestis aprendem a mudar os trejeitos, a se maquiarem, a usarem salto, a mudarem o corpo com outras travestis. Nos três contextos de pesquisa esse aprendizado se dá na rua, em geral no mundo da prostituição. Como bem pontua Pelúcio:

Tornar-se/ser travesti exige toda uma rígida disciplina de cuidados corporais cotidianos que as levam a incorporar, literalmente, os valores dominantes sobre como deve ser o corpo, os gestos, as cores e acessórios para cada gênero, num processo de longa e ininterrupta duração. (PELÚCIO, 2009, p.230)

Este processo é aprendido, internalizado, na convivência com outras travestis, sob seus conselhos e proteção. O mundo da prostituição se apresenta para a travesti num contexto em que o mercado de trabalho não dá oportunidades para estas pessoas. Mas, para além disso, assim como a ingestão de hormônio, o prostituir-se também se torna parte constituinte da identidade travesti.

No capítulo seguinte, apresentarei os dados da minha experiência em campo, relatando o que me foi possível observar na dinâmica de três casais com os quais tive oportunidade de conviver. A heteronormatividade, mesmo presente em todos os três casos, toma contornos distintos, de subversão e readequação na dinâmica conjugal. Caso a caso, veremos similaridades e diferenças nas vidas destas seis pessoas.

CAPÍTULO 3 – RELAÇÕES CONJUGAIS, GÊNERO E HETERONORMATIVIDADE

Foi no campo anterior, mencionado na apresentação, onde observei que as travestis mantinham relacionamentos apenas com os homens categorizados como *bofes*. A partir desta constatação procurei saber mais sobre as relações conjugais das travestis com estes homens.

Para o mestrado, retomei alguns contatos iniciados na pesquisa anterior. Ainda assim, o campo se mostrou muito difícil. Muitas travestis não recebiam bem a ideia de que eu conhecesse seus maridos, outras afirmaram que eles não gostariam de saber que elas tinham amizade comigo. Consegui recolher material de três casais. Descrevo abaixo as informações que obtive. Ao fim do capítulo analiso as relações com base nos referenciais teóricos e pesquisas apresentadas nos capítulos anteriores.

A coleta de dados ocorreu de duas formas distintas: campo etnográfico (com Ana e Beth) e entrevistas não estruturadas (com Beatriz).

No período entre março e julho de 2014 frequentei duas ruas em que travestis prostitutas trabalham no bairro Santa Branca, região da Pampulha. No total foram contabilizadas catorze visitas ao local. As datas das visitas não foram fixas, no mês de março as visitas ocorreram semanalmente nas quatro sextas-feiras do mês, dias de grande movimento de clientes na área. Depois de conversar com várias travestis nestes quatro primeiros contatos, constatei que seis estavam em relacionamentos sérios e destas seis, três moravam com os companheiros. Infelizmente, uma delas mudou-se de Belo Horizonte no início do mês de abril. Procurei então agendar as visitas com as outras duas travestis, Beth e Ana, previamente.

Nossos encontros ocorreram na rua onde ambas se prostituíam. Em nenhum destes encontros fiz o uso do gravador. Ainda na graduação fui alertado que gravar conversas num contexto de prostituição poderia incomodar não só as travestis como seus clientes. Eu anotava minhas impressões no diário-de-campo ao fim dos encontros, já que a presença dele também incomodava minhas interlocutoras.

Realizei também duas visitas domiciliares (uma na casa de Beth e outra na de Ana) onde tive oportunidade de conhecer seus maridos. Nestas visitas também não foi utilizado o recurso da gravação.²² Dessa forma a observação participante pareceu-me a estratégia mais frutífera na coleta de informações. O contexto nos quais se davam nossos encontros influenciou para que alguns temas surgissem com mais frequência que outros de meu interesse. Constantemente falavam-me sobre o movimento de clientes durante a semana, as dinâmicas da rua, problemas entre travestis que ali se encontravam: raramente conversavam abertamente sobre seus maridos e suas famílias. A rua não era lugar de se falar de assuntos domésticos, principalmente em meio à prostituição. Tinha então que guardar as pequenas informações dadas com muito cuidado, aproveitando qualquer deixa para desenvolver uma conversa que revelasse mais a respeito de suas relações conjugais. No entanto, era preciso saber quando prolongar essas conversas para que não se fechassem, por vezes ficava com um comentário durante semanas na cabeça para lançá-lo em um momento mais propício. “Situar-nos, um negócio enervante que só é bem-sucedido parcialmente, eis no que consiste a pesquisa etnográfica como experiência pessoal.” (GEERTZ, 1989, p.10)

As descrições dos casos 1 e 2 a seguir são relativas a conversas anotadas em meu diário de campo, onde relatava os fatos de acordo com minhas impressões: foram elas que nortearam as problematizações teóricas que produzi a partir dos dados de campo. Lembrando que, segundo Geertz,

Assim, há três características da descrição etnográfica: ela é interpretativa; o que ela interpreta é o fluxo do discurso social e a interpretação envolvida consiste em tentar salvar o "dito" num tal discurso da sua possibilidade de extinguir-se e fixá-lo em formas pesquisáveis. (GEERTZ, 1989, p.15)

No caso 3, de Beatriz e seu marido, as informações foram adquiridas através de entrevistas não-estruturadas²³. Eu a conheci por indicação de uma amiga e nossos encontros eram marcados para falar sobre sua relação com o seu então

²² Fui à casa de Beth em sua festa de aniversário e pareceu-me inapropriado pedir para gravar nossas conversas. Na visita à casa de Ana seu marido requisitou que não usasse o gravador.

²³ Gravei as três primeiras entrevistas, porém, com o término do relacionamento, não tive consentimento de Pedro para fazer uso delas.

marido. No entanto, conforme nós fomos conhecendo um ao outro, desenvolvemos uma amizade que ampliou o escopo de nossas conversas. Além disso, nos falávamos constantemente via *internet*, o que abriu um campo etnográfico diferente, visto que se dava através de redes sociais como *facebook* e *whatsapp*. Com o término da relação de Beatriz não obtive permissão para usar as gravações que realizei. Assim, no caso 3, como nos dois anteriores, minhas impressões durante as entrevistas foram fundamentais para criar a narrativa na qual descrevo as dinâmicas do casal.

Mesmo com um número pequeno de casais pude perceber algumas semelhanças entre as dinâmicas conjugais, além de problemas similares, principalmente no que tange à opinião pública a respeito do relacionamento de um casal formado por uma travesti e um homem. Num recorte pequeno é possível encontrar relações que possibilitam questionamentos mais amplos. Segundo Geertz:

O problema metodológico que a natureza microscópica da etnografia apresenta é tanto real como crítico. Mas ele não será resolvido observando uma localidade remota como o mundo numa chávena ou como o equivalente sociólogo de uma câmara de nuvens. Deverá ser solucionado — ou tentar sê-lo de qualquer maneira — através da compreensão de que as ações sociais são comentários a respeito de mais do que elas mesmas; de que, de onde vem uma interpretação não determina para onde ela poderá ser impelida a ir. Fatos pequenos podem relacionar-se a grandes temas, as piscadelas à epistemologia, ou incursões aos carneiros à revolução, por que eles são levados a isso.” (GEERTZ, 1989, p.17)

Através dos três casos abaixo levanto questões acerca do gênero e da sexualidade à partir das problematizações feitas nos capítulos anteriores.

3.1 – Os três casais

Caso 1 – Beth e Evandro

Quando iniciei o campo na região da Pampulha, em março de 2014, estabeleci relação com Beth. Ela é negra, tem longos cabelos alisados, está na faixa dos trinta

anos e se prostitui na região há mais de dez. Logo nos primeiros contatos o assunto “homens” surgiu de maneira interessante. Por eu ser homem era alvo de muitas brincadeiras por parte das travestis. Beth sempre insinuava que eu seria seu esposo e passaríamos anos juntos vivendo como marido e mulher. No início eu ficava envergonhado, mas conforme o campo avançava acabei me acostumando com as cantadas que recebia. Com o passar do tempo, estabelecemos uma relação de amizade, conversávamos muito sobre como estava a situação da prostituição na região, sobre preconceito e assuntos como cinema e eventos culturais da cidade.

A primeira vez que me recordo de Beth mencionar Evandro em uma conversa foi numa sexta-feira de maio, eles haviam brigado. Ela reclamava da falta de consideração dele e afirmava que estava melhor sem o companheiro. Dizia que era um vagabundo que não fazia nada o dia inteiro além de gastar o dinheiro que ela conseguia, com muito custo, na prostituição e que agora sem as despesas de Evandro poderia guardar algum dinheiro.

Antes mesmo de começar o trabalho de campo, através de conversas com colegas pesquisadoras e de revisão bibliográfica, já tinha tomado consciência de que em muitos casos de conjugalidade a travesti sustenta financeiramente o seu marido. A situação de Beth e Evandro, portanto, não me causara surpresa: Beth trabalhava seis dias da semana na rua enquanto Evandro ficava em casa. Por vezes ele fazia alguns bicos e ganhava algum dinheiro, mas nada que ajudasse, do ponto de vista de Beth, na manutenção das despesas do lar. O apartamento em que moravam era propriedade dela, era ela também quem supria as necessidades básicas como limpeza e alimentação, além dos gastos domésticos, Beth comprava as roupas de Evandro e lhe dava dinheiro para que o marido não ficasse “com uma mão na frente e a outra atrás”. Após esta conversa Beth estava determinada a nunca mais ver Evandro, causou-me surpresa, pois posteriormente, numa conversa pela internet, Beth me disse que estava reatando a relação com seu marido.

No início de junho retornei a Pampulha com duas amigas, que também mantêm amizade com Beth, para encontrá-la. Questionada por minhas amigas sobre o restabelecimento do casamento Beth justificou que amava seu namorado e que mulher (estava falando dela e de mulheres em geral) é assim mesmo, se apaixonou e passa por cima dos problemas para ficar com seu amado. Disse que o ideal seria

que ele trabalhasse para ajudar em casa, mas que não se importava de ser a provedora desde que ele se mantivesse fiel e fosse bom para ela.

A relação não era bem vista por parte da família de Beth. Evandro tinha um histórico de agressões contra ela e, de fato, uma vez pude perceber marcas roxas em seus braços. Entretanto, ela afirmava também ter batido nele e que o relacionamento, em suas palavras, “era assim mesmo”. Na única vez em que uma de minhas colegas se manifestou dizendo que isso era um absurdo e que Beth deveria procurar a polícia, recebeu a seguinte resposta: “Você diz isso porque é mulher e pode escolher quais homens quer, eu que sou travesti, tenho que me contentar com o que a vida me dá.” Diante deste posicionamento, comecei a perceber que a violência é uma forma de comunicação aceita não só nas dinâmicas da prostituição, mas também nas relações conjugais de muitas travestis que se prostituem.

No final do ano de 2014, em dezembro, fui à festa de aniversário de Beth, quando finalmente conheci Evandro pessoalmente. Ele é branco, tinha entre vinte e cinco e trinta anos, olhos claros, media por volta de 1,70m, vestia camiseta, shorts e chinelo. Assim que chegamos Beth pediu que ele fosse comprar bebidas na esquina, o que me pareceu apenas um pretexto para que falássemos sobre ele. Havia meses que Beth queria que conhecesse seu namorado, o que evitava pelo fato de eu saber das agressões de Evandro. Ele se mostrou tímido na festa, falando poucas palavras, conversava principalmente com um dos sobrinhos de Beth. Tivemos uma breve conversa sobre futebol que não revelou muito a respeito dele. Durante toda a noite ele se mostrou solícito aos pedidos de Beth e a relação aparentava estar indo bem. Ela estava muito feliz por todos estarmos presentes, família, amigos, namorado, foi uma festa assaz agradável, com salgadinhos, música e bebidas.

Com a chegada do final do ano fiz uma pausa nas idas a campo retomando o trabalho no mês de fevereiro. Beth e Evandro estavam separados e ele estava sendo sustentado por um homem mais velho com o qual mantinha relação. Foi nessa época que Beth me relatou que já fazia algum tempo que Evandro tinha saído de casa e que, além do homem, havia uma mulher com a qual ele se relacionava. Apesar de sofrer com a situação, Beth não demonstrava estranheza: Evandro sempre teve outros relacionamentos e uma vez que ele não morava mais com ela,

poderia fazer o que bem entendesse. Após alguns meses, por volta de junho, os dois voltaram a manter relações. Por conta do desgaste com a família, Beth alugou um barraco para Evandro argumentando que se seu pai soubesse da relação, teria problemas. Ele não admitia que a filha vivesse com um homem desempregado que fosse sustentado por ela, ainda mais levando em consideração as recorrentes brigas e rompimentos.

O relacionamento dos dois seguiu em meio a idas e vindas até que, em outubro, terminaram, de acordo com Beth, “de vez”. Ela não se importava em sustentá-lo, mesmo sem nenhuma ajuda nas tarefas domésticas, desde que ele se mantivesse fiel e a tratasse bem. A relação dele tanto com o homem quanto com a mulher era entendida como uma relação de interesses: Beth acreditava que era dela que ele gostava e, sabendo que ele não trabalhava para manter seu sustento, assumia que mantinha essas relações apenas para ter dinheiro.

Estive com ela no início de novembro. Ela estava muito triste pelo fato de estar sozinha e dizia sentir falta de Evandro, que ele a defendia de outras travestis na rua, que era carinhoso, que era um amante apaixonado e que, mesmo não a assumindo para os amigos, era feliz porque tinha um homem ao seu lado. Apesar de ter assumidamente sido sustentado por outro homem, Beth não duvidava da masculinidade de Evandro. Ela se referia ao homem mais velho como *maricona*, termo utilizado pelas travestis em contraste com o termo *bofe*, atestando dessa forma a virilidade de seu ex-marido ainda que ciente das relações dele com outro homem. Tinha também profunda convicção de que era apenas uma relação de interesses, já que, como ex-cônjuge, sabia das preferências sexuais de Evandro: “ele gosta de mulher.”

Conversei com Beth pela última vez no início de janeiro de 2016, pela internet. Ela continuava separada de Evandro e disse que estava melhor assim. Com o término da relação teve tempo de se preocupar mais consigo e restabeleceu algumas amizades que, em sua perspectiva, haviam se deteriorado desde que começou a namorar Evandro. Ela contou-me sobre suas festas de fim de ano, e que estava com planos de ingressar na faculdade para cursar história. Perguntei sobre o ex-marido e ela contou-me que o último contato com Evandro havia se dado por telefone, no dia de natal. Ele ligou desejando boas festas e perguntou se poderia

fazer uma visita. Beth desejou-lhe um bom natal e pediu que não voltasse a ligar para ela: uma visita estava fora de questão. Ela afirmou que ainda gostava de Evandro, mas a história dos dois tinha chegado ao seu desfecho. Beth não estava mais disposta a investir na relação, o último término foi a gota d'água. Agora queria curtir a vida, desfrutar de relações amorosas mais furtivas, sem compromisso. Sua dedicação seria agora para si e para as amizades. Evandro, aparentemente, estava fora da vida de Beth para sempre.

Caso 2 – Ana e João²⁴

Meu contato com Ana começou logo no primeiro dia em que fui a campo na região da Pampulha, ainda na graduação. Quando passei na seleção de mestrado perguntei à Ana se poderia me responder algumas perguntas sobre o seu casamento, o que foi encarado por ela como uma sondagem sobre seu estado civil. Ana é morena, bem magra, tem cabelos anelados até a altura dos ombros, tem entre trinta e cinco e quarenta anos e se prostitui na Pampulha há mais de quinze. Foi uma das travestis que se mostrou mais interessada em minha pesquisa, ficou muito feliz por eu estar na região e quis saber tudo o que eu queria descobrir visitando aquele ponto. Ana é uma das cafetinas que comandam a prostituição na área, fiquei sabendo disso apenas algumas semanas depois de conhecê-la, anos antes, através de outra cafetina. O interesse exacerbado de Ana foi então justificado: segundo a travesti que nos contou sobre Ana, ela estava confirmando se eu estava lá apenas para fazer pesquisa ou para atrapalhar o seu “esquema”²⁵.

²⁴ Infelizmente não pude realizar nenhuma gravação. Nas conversas que tive na rua com Ana um gravador poderia ser mal visto pelas outras cafetinas da região. Na vez que visitei o casal em casa foi João quem pediu que não gravasse para que ele pudesse ficar à vontade e me desmentir caso relatasse alguma coisa que ele não queria que Ana soubesse. Deu boas gargalhadas ao me pedir o “favor”, como se fosse uma piada sem fundo de verdade. Todas as frases citadas na descrição são frutos de anotações feitas em campo.

²⁵ Ana era cafetina de várias travestis e mulheres que se prostituíam na região, por isso era atenta à todas as pessoas que transitavam por aquelas ruas. Ela tinha receio de que eu pudesse estar lá para denunciá-la às autoridades ou prejudicá-la de alguma outra forma, já que boa parte de seus lucros provinham dos pagamentos que suas protegidas efetuavam, era necessário assegurar que minhas intenções na área não atrapalhariam seus negócios.

O clima de descontração era muito grande, Ana é uma pessoa muito bem-humorada, apesar de ser reconhecidamente por todos na rua como uma pessoa geniosa e, por vezes, brava. Perguntei sobre como era a relação com seu marido, ela desconversou e começou suas sessões de galanteios. Desde que conheci Ana, em 2012, em toda oportunidade que tinha ela me abordava com conotações sexuais. No início, interpretei que ela o fazia com real interesse em mim, mas com o passar do tempo comecei a sentir que suas investidas eram mais para descontração, já que muitas vezes conversávamos sobre assuntos delicados.²⁶

Ana é casada com João há mais de oito anos. No fim de março de 2014, num dia de fraco movimento na rua, perguntei a ele sobre seu marido. Não sei se pelo tédio que pairava na rua ou se pelo fato de não me ver a algum tempo, mas ela pela primeira vez falou-me de sua vida conjugal. Ela afirmou que seu marido era um frouxo sustentado, que não fazia nada. Aos risos, contou que o trancava em casa enquanto ia para trabalhar, por vezes colocando remédios para dormir em seu jantar para garantir que ele não sairia até que ela voltasse para casa.

Ela relatou que pagava todas as contas e ele conseguia algum dinheiro traficando drogas, mas não ajudava nas despesas do lar. O marido foi constantemente ridicularizado pelo fato de não fazer nada enquanto Ana “se matava de trabalhar” na *pista*²⁷. Nesta primeira conversa, ela não disse absolutamente nada de bom a respeito do companheiro, reclamou de sua preguiça, de sua falta de tino para negócios, de sua sem-vergonhice, de seu abuso de drogas. Nenhuma palavra de afeto, nenhum comentário elogioso.

Ana foi a única travesti da conheço que admitiu em minha frente que gostava de penetrar seus clientes. Muito irreverente, zombava das travestis que riam dela por isso afirmando que todas ali eram *viados*²⁸ e que, ao contrário delas, não se iludia de ser uma “mulherzinha”. Afirmou que, se seu marido “desse a bunda”, ela o largaria no ato. Buscando um maior entendimento da questão, perguntei por que deixaria seu marido. Ela foi enfática na resposta: “Homem que dá a bunda é

²⁶ Na graduação, num período entre 2012 e 2013, fazia campo na região da Pampulha com outras cinco mulheres. Conversei com duas delas sobre as reais intenções de Ana. Ambas discordam da minha opinião e acreditam que Ana era, de fato, interessada em mim.

²⁷ Termo utilizado pelas travestis para designar as ruas em que se exibem na busca de clientes. Na região da Pampulha duas ruas paralelas são designadas como a pista da região.

²⁸ Na nomenclatura usada pelas travestis na região, o termo *viado* se refere tanto à travestis quanto à homens homossexuais.

maricona! Travesti quer em casa homem de verdade, que queira comer”. Disse ainda que já bastavam os homens que “comia” na rua e jamais sustentaria uma maricona, pois elas são “tudo podre”. A opinião de Ana sobre os clientes que a procuravam pelo seu pênis era péssima. Ria da cara deles, gabava-se de fazê-los “de gato e sapato”, dizia que eram homens “só na aparência”, que na realidade eram mais *viados* que ela. A ideia de que seu marido pudesse ser um desses homens a perturbou. Depois de desferir várias ofensas aos clientes *mariconas*, tudo em clima descontraído, fez questão de me contar a respeito de seu marido.

Como já disse anteriormente, em nossa primeira conversa sobre seu marido, Ana se limitou a insultá-lo. Desta vez, porém, falou apenas de suas qualidades enquanto amante. Em suas palavras, “de putaria, ele entende”. Dizia em alto e bom tom para quem quisesse ouvir que o único motivo pelo qual ainda estavam juntos é porque “ele trepa gostoso”. Com pouco tempo de relacionamento (alguns meses) ele se mudou para casa de Ana, onde mora desde então. De acordo com ela, se por um acaso ele se desinteressar pelo sexo, ela o coloca para fora de casa. Procurei saber mais a respeito do dia-a-dia do casal e perguntei como era a rotina em casa, então Ana me convidou para ir visitá-los um dia e pediu meu telefone.

Liguei para ela na primeira semana de maio para agendar a visita. Fiz questão de deixar claro que a presença de seu marido era imprescindível já que minha pesquisa era sobre relações conjugais. Por volta do meio-dia, na data marcada, Ana me ligou dizendo que teria que sair mais cedo do que o planejado e que a visita teria que ser rápida. Cheguei à casa de Ana e João por volta das duas horas da tarde. Ana estava terminando de arrumar a cozinha enquanto João estava na sala jogando vídeo game. Para minha surpresa, havia outras duas mulheres e três travestis na casa. Ao perceber que era eu quem estava à porta, João rapidamente desligou o jogo e veio cordialmente me cumprimentar. Ele tinha por volta de quarenta anos, altura em torno de 1,70m. Usava boné, camisa e shorts. João ficou muito empolgado pelo fato de eu estar lá, pois, de acordo com ele, essas pesquisas sempre eram feitas por mulheres e *viados*. Ana ficou muito contente com a recepção que João me proporcionou e foi pra cozinha, ordenando que nós dois ficássemos na sala porque “homem na cozinha só atrapalha.” As convidadas ficaram na cozinha conversando com Ana.

João perguntou para qual time eu torcia e se gostava de jogar videogame. Começamos a jogar um game de futebol que João gostava muito e, posteriormente, perguntei se podia gravar nossa conversa e ele disse que preferia que não, pois gostaria de estar à vontade para conversarmos sobre quaisquer assuntos e que temia que Ana tivesse acesso à gravação para tentar espioná-lo, algo que, de acordo com ele, era recorrente. Dei-me por satisfeito em fazer anotações no diário de campo.

Como eu queria saber um pouco mais sobre seu envolvimento com Ana, esforcei-me pouco depois que ele se alterou com a perda do primeiro jogo. Eu sabia que quando Ana se juntasse a nós o assunto seria pautado por ela: já que era essa a rotina na pista, não pensava que seria diferente em sua casa. Perguntei a ele quanto tempo estavam juntos, como haviam se conhecido e outras coisas triviais no intuito de que ele começasse a falar. Entretanto, suas respostas se resumiam ao mínimo. “Oito anos.” “Conheci aqui no bairro mesmo.” “Nos gostamos muito.”

Resolvi então deixá-lo falar sobre o que quisesse. Falamos somente de futebol por alguns minutos, até Ana se juntar a nós. Para minha surpresa, Ana pouco conversou. Fez apenas uma menção sobre o futebol “Homem só fala disso” e ficou observando João e eu jogarmos vídeo game. Suas amigas permaneceram na cozinha num animado bate-papo. João desligou o jogo e eu pedi à Ana que me contasse um pouco da história dos dois. Ela apenas sorriu com o canto da boca, olhando para seu companheiro. Ele, por sua vez, escondeu o rosto em uma das mãos com um sorriso amarelo na boca. Fiquei um tanto embaraçado com a atitude e questionei se não queriam falar a respeito. Ana novamente sorriu e disse que seria melhor eu não saber essas coisas. João novamente sorriu. Ana então desconversou e chamou as meninas na cozinha, pois estava na hora do quadro de um programa de auditório que estava esperando para ver. A pouca conversa que aconteceu durante o programa se resumia a comentários sobre o quadro. Fiquei lá por mais meia hora, no máximo. Antes das três e meia da tarde Ana disse que tinha que se arrumar para sair e suas amigas e eu nos retiramos.

João se despediu efusivamente, queria que eu voltasse depois, sem as meninas, para que pudéssemos conversar a respeito das mulheres e das travestis

que estavam na casa naquele dia, de acordo com ele isso teria que ser feito longe dos olhos de Ana, que “era muito ciumenta”.

Fui embora consternado por ter conseguido muito pouca informação a respeito dos dois e de como viviam. Tudo que pude observar era que Ana tinha o controle da casa. Ela era responsável por todas as tarefas do lar e mantinha João na rédea-curta. Informações que eu já tinha só de conversar com Ana a respeito de seu marido.

Encontrei com Ana na semana seguinte, mas devido alguns impasses que aconteceram na rua, ela pouca atenção me deu. Fiquei um bom tempo sem vê-la. De acordo com algumas travestis cafetinadas por Ana, ela estava mais na função de tomar conta da rua do que fazer programas. Achei melhor não insistir em outras visitas, dado que o casal não se mostrou aberto em contar-me sobre sua vida conjugal.

Alguns meses depois, em agosto, encontrei com Ana, por acaso, na região central de Belo Horizonte, perto de uma pequena casa de shows muito frequentada pelo público LGBT. Ela ficou muito feliz de me ver, disse que eu estava sumido, que tinha tido uns problemas na rua, mas agora estava tudo em ordem. Ela estava com algumas amigas bebendo cerveja na porta da casa de shows. Apresentou-me uma por uma, falou que éramos amantes e se divertiu muito com meu constrangimento perante suas amigas. Aproveitei para saber de João e disse que ele não gostaria de saber que tínhamos um caso. Ela afirmou que vagabundo não tem que querer nada e que depois do que ele tinha aprontado tinha sorte de ter onde dormir. Não quis forçar a barra e não prossegui com o assunto. Nós nos despedimos e ficamos de nos encontrar na quarta feira daquela semana.

Na quarta-feira cheguei por volta das seis da tarde na Pampulha. Ana já estava lá, conversando com uma amiga e, para minha sorte, contando as últimas peripécias de marido. A ex-mulher de João apareceu com o filho dos dois em sua casa querendo abrigo. Ana acolheu a ambos, mas fez com que a mulher se prostituísse para pagar sua estadia: “A criança não tem culpa de ter pais vagabundos. Agora, vou ficar sustentando mulher? Não, não, se quiser ficar no meu teto vai ter que trabalhar, meu homem eu sustento porque gosto dele e ele me come, agora... ela? O que ela me dá em retorno? Vai trabalhar, sim senhora”. Ela

me pareceu incomodada por estar contando estas coisas na minha frente, tanto que não ficou nem cinco minutos comigo: pegou o telefone, mexeu em alguma coisa na bolsa e disse que tinha coisas a resolver, que era para eu marcar outro dia para me contar todo o ocorrido. Isto nunca aconteceu.

Na última vez em que vi Ana, em dezembro de 2014, João estava se recuperando de um tiro que havia tomado devido a uma querela com outro homem, de acordo com Ana o problema se deu por causa do tráfico de drogas. Ela estava cuidando dele, mas reclamava da situação, continuava dizendo que ele era um traste que não prestava para nada, mas que gostava dele porque era o seu homem e que a coisa não estava fácil para ninguém, “os homens estão tudo virando *maricona*, tem que se ver com que se tem”.

Caso 3 – Beatriz e Pedro

Já no ano de 2015, em agosto/setembro, por intermédio da ativista e presidente do CELLOS-MG²⁹ Anyky Lima, entrei em contato com Beatriz³⁰, uma jovem de vinte e três anos, à época casada com Pedro, de trinta. Telefonei para Beatriz e me apresentei, expliquei que estava realizando uma pesquisa sobre conjugalidade entre travestis e homens e perguntei se ela estaria interessada em participar. Argumentei que o intuito da pesquisa não era focar na questão da transexualidade, mas na relação entre o casal, quais eram as dinâmicas da vida conjugal, como se dera o encontro, como chegaram a se casar e quais eram as concessões realizadas na vida a dois. Marcamos de nos encontrar na Faculdade de Direito da UFMG, área central de Belo Horizonte.

Antes do encontro trocamos contato de *facebook* e de *whatsapp*, o que permitiu que descobríssemos algumas coisas a respeito um do outro. Beatriz tem um canal no *youtube* no qual levanta debates acerca de questões do seu cotidiano. Nestes vídeos, procura dar dicas para pessoas de como lidar com determinadas

²⁹ Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual – Minas Gerais.

³⁰ À época fiz três entrevistas: uma com ela, uma com seu então companheiro Pedro e outra com o casal. Como não consegui autorização de Pedro para utilizar o material gravado, cito apenas minhas anotações de campo com Beatriz.

situações corriqueiras pelas quais ela passa. Beatriz se considera uma mulher, o termo *trans* ou travesti para ela revela mais a respeito da visão das pessoas sobre ela do que sua opinião sobre si mesma. Assistindo a alguns destes vídeos, pude já compreender um pouco da personalidade forte de Beatriz, a maneira como ela lida com os preconceitos que uma pessoa *trans* sofre em seu cotidiano. Os vídeos são bastante didáticos, principalmente para pessoas que não são, ou não tem convívio, com travestis e transexuais em geral.

Encontramo-nos pela primeira vez no final da tarde. Beatriz vinha direto do trabalho. Tivemos um desencontro já que não havíamos combinado em que lugar da faculdade se daria a entrevista. Eu estava sem crédito no celular e fiquei com vergonha de fazer uma ligação a cobrar para minha entrevistada. Assim fui para a porta da faculdade, esperando reconhecê-la caso ela passasse por mim. Após alguns minutos a vejo atravessando a rua com seu então marido³¹, Pedro. Cumprimentamo-nos e, depois das devidas apresentações, subimos para o pátio da faculdade, onde ficam a cantina e o diretório acadêmico da unidade.

Após algumas risadas sobre o fato de não termos combinado um lugar específico dentro da faculdade, apressei-me em explicar em maiores detalhes minha pesquisa de mestrado e o motivo pelo qual estava desenvolvendo uma investigação com casais de travestis/mulheres *trans* e homens. Julguei ser necessário fazer isso de início para deixar o casal à vontade para falar a respeito da experiência amorosa entre os dois³². Contei a ambos sobre minha trajetória dentro do campo dos estudos de gênero e que estava realizando entrevistas com outras travestis e mulheres *trans* para entender melhor a dinâmica de um relacionamento a dois, socialmente estigmatizado, seja pela sociedade em geral ou pelas pessoas próximas, como família e amigos. Expliquei também que uma vez que as demais pessoas que havia entrevistado eram prostitutas de profissão, o caso deles lançaria luz sobre algumas questões que ficavam embaralhadas nos demais casos, principalmente no que

³¹ Beatriz e Pedro terminaram o casamento de três anos na mesma época em que eu realizava as entrevistas com eles.

³² Ao longo da minha trajetória trabalhando com questões de gênero entre travestis, pude perceber que a maioria delas se sentiam incomodadas com pesquisas que tivessem como foco principal o fato delas serem *trans*. A reclamação mais corriqueira era que estas pesquisas fetichizavam suas vidas, justificando tudo o que fazem ou pensam pelo fato de serem travestis/trans. Em outro momento conversando com Beatriz, ela me revelou que temia que minha pesquisa fosse desse tipo.

tange ao fato de muitas dessas relações não serem admitidas em público pelos maridos.

A primeira coisa que Beatriz fez questão de ressaltar foi que mesmo se definindo como mulher, pelo fato de ser *trans*, se considerava também travesti. Ressaltou que Pedro sempre a assumiu em público, mesmo porque se não tivesse sido assim desde o início eles não estariam juntos. Ela jamais aceitaria um homem que tivesse vergonha de ser visto com ela. Pedi então que eles me contassem a respeito dos dois, como se conheceram, desde quando estavam juntos. Beatriz falava muito mais do que Pedro, e pude perceber que antes de falar qualquer coisa ele olhava para ela, quase como um termômetro sobre o que podia ou não dizer, mas também para medir se estava falando alguma “bobagem”.

O casal se conheceu numa boate, três anos antes. Beatriz conta que estava dançando e percebeu Pedro olhando para ela. A princípio ficou meio sem jeito e não deu muita confiança a ele pelo fato de ser “baixinho”³³. Pedro, porém, insistiu na investida, a chamou para dançar, subiu em cima da mesa de som, e por fim acabou por cativá-la. Nesse mesmo dia se beijaram, foram para casa de Beatriz, e a partir dali, ambos consideram que já estavam casados. Poucas semanas depois Pedro já havia se mudado com suas coisas para casa de Beatriz.

A relação de Beatriz com sua família era um tanto conturbada. O pai morava longe e pouca influência teve em sua criação. Beatriz relatou que quando era menino sempre fora *viado* e que a mãe nunca concordou com sua sexualidade, porém a respeitava. O irmão sempre foi seu grande amigo, já a irmã jamais aceitara a sexualidade de Beatriz. Ao fazer 18 anos, Beatriz passou num concurso público e começou a trabalhar em um grande banco estatal. Assim que passou nesse concurso saiu de casa e começou seu processo de hormonização. A partir daí a relação com a mãe e com a irmã piorou muito. A mãe aceitava ter um filho homossexual, mas não pode suportar o fato dele se identificar como mulher. A irmã “destilava veneno” sempre que via Beatriz em casa. Apenas o irmão sempre a apoiou. A relação com a família é muito distante, Beatriz fala de seus parentes com

³³ Beatriz não é muito alta, tendo aproximadamente 1,75m. Pedro, no entanto, era bem mais baixo que ela, medindo por volta de 1,60m.

extrema falta de ânimo e afirma que, a partir do momento que começou a ganhar o próprio dinheiro, não devia mais satisfação a pessoas preconceituosas.

Pedro vivia com os pais antes de conhecer Beatriz. Antes dela, já havia namorado outra mulher *trans*, o que gerou muita polêmica em sua casa. Sua mãe afirmava que aquilo era “uma pouca vergonha” e jamais permitiu que Pedro levasse a ex-namorada em sua casa. O pai preferia ignorar a situação. Pedro afirma que ele estava a par do relacionamento, mas não se envolvia na vida pessoal do filho, no entanto, Pedro acredita que no fundo também desaprovava a relação. Ao contrário da relação com Beatriz, o primeiro relacionamento de Pedro era às escondidas. Ele escondia a relação de seus amigos com medo deles virarem as costas. Mal saiam de casa, de acordo com ele. Os pais só vieram saber da relação meses depois, quando Pedro foi morar com a ex-namorada.

Perguntei a Pedro porque terminaram e Beatriz prontamente respondeu que a relação acabou porque a ex era uma dependente química que havia se aproveitado dele financeiramente. Contou que ela não trabalhava e só estava com Pedro por conta do dinheiro que ele levava para dentro de casa, além de ter pagado pelas cirurgias dela. Ele trabalhava na época como DJ. Pedro concordou, rindo sem graça e desconversou. Falou sobre quando a mãe conheceu Beatriz. Ela começou a rir, interrompendo-o e contou como se deu o encontro. A mãe do marido estava muito feliz por ele ter largado a ex-namorada, que do ponto de vista dela, era um homem. Muito alegre, afirmou que o filho estava tomando jeito, pois finalmente estava com uma mulher.

O pai e os irmãos de Pedro também se mostraram aliviados por ele estar com Beatriz. Ela conta que conteve o riso no primeiro encontro, incrédula pelo fato da família do marido ter sequer cogitado a possibilidade de que Beatriz fosse uma travesti. Após ela ir embora, Pedro contou à família que a companheira era transexual, o que chocou a todos, especialmente sua mãe que não acreditava que, com aquela aparência física, Beatriz pudesse “já ter sido homem”. A relação de sogra e nora, no entanto, era cordial, ambas tomavam conta de Pedro e conversavam ao telefone. Beatriz afirma que a sogra continua preconceituosa, mas comparando a mulher que ela era com a ex-namorada de Pedro, qualquer mãe pularia de alegria pelo fato do filho ter saído daquela para uma melhor.

Na época da entrevista Pedro estava trabalhando como assistente de supermercado. Beatriz era quem pagava a maioria das coisas em casa, mas deixou bem claro que ambos cuidavam igualmente das tarefas domésticas, o que Pedro prontamente confirmou. Terminamos aquele primeiro contato em clima cordial e combinei com Beatriz de encontrá-la sozinha na semana seguinte, no mesmo local e hora.

Chegado o encontro, achei Beatriz um tanto nervosa. Perguntei se estava tudo bem com ela e Pedro, ela disse que sim, que estava estressada com assuntos de trabalho. Aproveitei para perguntar a respeito de sua transição, uma vez que ela passou pelo processo de hormonização já como funcionária do banco. Ela disse que no começo foi muito estranho: o cabelo era feio, a cara ainda tinha traços de barba, não se sentia à vontade para usar roupas femininas no trabalho. Com o passar do tempo ela começou a sentir os efeitos dos hormônios no corpo, ele estava mais curvilíneo, mais feminino. Aproveitou o período de férias e colocou próteses de silicone nos seios. Quando voltou das férias já estava bem à vontade com seu corpo. Ressaltou que nunca sofreu preconceito no ambiente de trabalho e que sempre respeitaram seu nome social. Contou de homens que antes da transição a esnobaram e agora corriam atrás dela. Aos risos, disse que jamais ficaria com alguém que só se interessasse pelo seu exterior e que fazia questão de “dar umas provocadas” quando tinha oportunidade.

Falamos um pouco mais sobre relacionamentos e ela relatou algumas experiências, ressaltando que, apesar de ter tido alguns desapontamentos amorosos, nunca tinha sido violentada por um parceiro. Consciente da situação que muitas travestis se encontram, reconhecia-se como uma privilegiada, pois apesar dos atritos com a família não foi colocada para fora de casa, pode terminar seus estudos tranquilamente, nunca precisou se prostituir para ter o que comer. Conversamos bastante sobre a realidade das travestis da cidade e ela sempre se mostrou muito solidária a todas elas. Beatriz acredita que o preconceito da sociedade mina as oportunidades das pessoas *trans*, e que a falta de apoio da família é o que mais prejudica o desenvolvimento educacional da população *trans*.

Antes de ir embora perguntei mais uma vez sobre Pedro. Beatriz então revelou que eles estavam brigados. A diferença de idade entre os dois era um

problema: ela queria sair, se divertir, beber, dançar, eventualmente fumar maconha, enfim, descontraír. De acordo com ela, Pedro só queria ficar em casa e ver filmes, fazer as mesmas coisas. A maconha então era um problema grande. Por ter namorado uma pessoa que era, nas palavras do casal, “drogada”, Pedro não admitia que ela fumasse de maneira nenhuma. Beatriz revelou que na verdade estava querendo uma experiência nova, viver coisas novas, mas a história com Pedro, por amá-lo muito, impedia que ela terminasse a relação. A conversa acabou aí, já estava ficando tarde e Beatriz estava cansada. Ficamos de combinar outra data para conversar mais, mas antes eu queria conversar com Pedro.

Uma semana depois, novamente no mesmo lugar, encontrei-me com Pedro pela última vez. Ele estava um pouco abatido, imaginei que as coisas com Beatriz não estivessem bem, então pedi que ele me contasse um pouco sobre sua vida. Pedro disse que nunca tinha conseguido ficar com uma mulher que não fosse *trans*. Dizia que pelo fato de ser baixinho e ter fissura labiopalatal as mulheres *cis* sequer conversavam com ele. Um dia, ainda com seus dezessete anos, um amigo o chamou para ir numa boate na região do Barro Preto. Lá, Pedro viu pela primeira vez uma travesti fora das ruas de prostituição. “Eu olhei aquela mulher e fiquei encantado. Nossa, ela era linda demais!” Pedro abordou a mulher e eles se beijaram. De acordo com ele, nunca tinha estado num ambiente tão descontraído, com pessoas abertas, que conversavam com todo mundo. Depois daquela noite, ele descobriu que a boate era direcionada ao público LGBT e desde então começou a frequentar somente estes espaços na cidade.

Depois de alguns anos começou a trabalhar como DJ em algumas casas de shows, o que ajudou muito em sua vida amorosa. Anos mais tarde, já com seus vinte e cinco anos, tinha uma grande aparelhagem de DJ e trabalhava constantemente. Foi nessa época que conheceu sua ex-namorada. Disse que o relacionamento era às escondidas. Mesmo ficando exclusivamente com mulheres *trans*, ele não queria que sua família e amigos soubessem disso. Temia o preconceito. No entanto, o relacionamento foi ficando sério, ele se apaixonou. A ex-namorada trabalhava como prostituta, o que aborrecia Pedro. Ele então começou a dar dinheiro a ela para que ela “parasse com essa vida”. Por fim sua mãe descobriu o relacionamento e ele foi morar com a ex-companheira. Após o fim da relação,

voltou para casa e, pouco tempo depois, conheceu Beatriz. Aquela foi a primeira vez que ele a havia mencionado em toda nossa conversa.

Pedro, cabisbaixo, começou a falar de sua má sorte em relacionamentos, de como se entregava 110% e nunca conseguia retorno. Contou-me que fazia duas semanas que tinha saído da casa de Beatriz (ou seja, quando encontrei com Beatriz uma semana antes eles já estavam separados). Estava muito triste porque a sentia distante. Assim como ela mencionou a questão da idade como um problema, já que ele tinha curtido sua juventude e ela estava casada. Mais, havia se casado jovem e pouco depois de ter terminado seu processo de transição. Disse que o problema era que ela não tinha certeza se queria passar o resto dos seus dias com ele, ao passo que ele tinha essa certeza e queria dela uma posição. Já era tarde, Pedro quis ir embora. Ficamos de nos encontrar novamente. Nunca o fizemos. Poucos dias depois, Pedro encerrou sua conta no *facebook*. Não atendeu mais minhas ligações.

Estive com Beatriz pela última vez em fevereiro deste ano (2016). Ela estava muito feliz e realizada. Estava curtindo a vida, “pegando muitos boys”. Disse que Pedro às vezes a procurava, mas a “fila tinha andado”. Hoje ela namora outro homem *cis* e, de acordo com ela, está muito mais feliz do que jamais foi com Pedro.

Os três casos possuem similaridades e, obviamente, diferenças entre si. Penso que o pouco contato que tive com os maridos de Beth e Ana pode ser explicado por tê-las conhecido nas ruas em que se prostituíam. Era lá que conversávamos, entre um programa e outro. Elas se mostravam arredias quando eu propunha de nos encontrarmos em outro lugar para conversar sobre seus relacionamentos.

Ana não fazia questão alguma de sequer conversar comigo em dias de muito movimento. Era muito discreta sobre sua vida pessoal. Conversando com outras travestis da rua, ela não dava muita confiança pelo fato de ser cafetina, assim temendo que eu pudesse julgar algumas de suas ações. Ela era sigilosa em relação

a vários assuntos, em especial no que tange a sua relação com as demais travestis da Pampulha. Comentava vagamente sobre elas, sempre falando de forma generalizada. As atividades de seu marido como traficante, associado ao fato de ser cafetina, faziam com que ela ocultasse muitas coisas, por receio. Não sabia o que eu pensaria ou faria caso soubesse de determinados episódios. Assim, limitava nossas conversas até certo ponto.

A relação com Beth também acontecia no seu local de trabalho. Constantemente a conversa era interrompida pela chegada de um cliente. O motivo pelo qual ela não se encontrava comigo em outro lugar era diferente do de Ana: a razão era o ex-marido. Conversando com ela pelo *facebook*, já depois do derradeiro término, ela admitiu que Evandro não gostava do fato de sermos amigos. Marcar um encontro comigo seria algo que certamente geraria desentendimento com o ex-companheiro. Nesta conversa Beth ainda afirmou que ele não gostava que ela mantivesse relação com nenhum homem que não fosse homossexual.

A relação com Beatriz já foi estabelecida de forma diferente. Tínhamos muito mais contato pelas redes sociais do que pessoalmente. Tendo marcado os encontros nos quais conversamos sobre seu relacionamento, não havia as constantes interrupções que ocorriam nas conversas com Beth e Ana. Assim, pude recolher informações muito mais profundas a respeito deste casamento do que dos outros dois. A relação com Pedro também fora mais próxima do que com os outros dois maridos, o que permitiu colher informações diretamente com ele.

3.2 – Dinâmicas conjugais

Analisando os dados do campo podemos estabelecer algumas conexões entre as teorias dos autores debatidas no capítulo anterior e a situação dos três casais descritos acima. Há uma diferença entre os dois primeiros casos e o terceiro que deve ser pontuada para entendermos melhor a dinâmica dos casais: ao contrário de Evandro e João, Pedro não dependia financeiramente de Beatriz.

Este ponto é muito importante já que é comum que travestis arquem com as despesas de seus maridos/namorados. Kulick afirma que:

Que o dinheiro e os presentes são elementos cruciais nas relações das travestis com seus namorados é muito claro e se expressa reiteradamente no discurso delas. Uma travesti pobre não consegue namorado. Uma travesti rica, por outro lado, pode escolher entre vários. (KULICK, 2008, p.126)

Dinheiro e presentes ajudariam as travestis a manterem a relação com seus maridos, colocando-os numa situação de dependência financeira conseguiriam ter mais controle sobre suas ações e uma segurança maior em relação à fidelidade do parceiro. Por exemplo, depois que a relação de Beth e Evandro acabou ele se mudou para casa de um homem que também o sustentava financeiramente. Quando brevemente reataram, Beth alugou um lugar para que ele morasse.

Esta relação de dependência estabelece uma reciprocidade dentro das dinâmicas conjugais do casal que determinam uma posição de hierarquia entre a esposa e o marido, na qual a primeira se torna responsável pelo segundo, não só afetiva, mas materialmente. No caso de Beth e Evandro, percebemos que ele dependia completamente de Beth e que ela não se indignava com esta situação. Dizia que ele não sabia fazer nada e por isso o sustentava. A configuração das dinâmicas financeiras do casal assegurava à Beth que Evandro não a abandonaria, do contrário não teria para onde ir nem como se sustentar. Entretanto, não podemos afirmar que Evandro estava com Beth apenas por interesse financeiro. Ele tinha outras pessoas a quem recorrer e parecia gostar da companheira. O vínculo estabelecido entre os dois ia além da mera troca de dinheiro por sexo. Beth provia Evandro não só financeiramente, mas emocionalmente. Ela cuidava dele não como “uma mãe deve cuidar do filho”, mas como “uma esposa deve cuidar de seu marido³⁴”.

³⁴ A ideia de que a esposa deve cuidar de seu marido remete ao ideal hegemônico que associa a feminilidade ao cuidado com o próximo, principalmente com pessoas do gênero masculino. A esposa, nesta perspectiva, deve ser capaz de cuidar das necessidades do marido como sua mãe fazia antes do casal compartilhar um lar.

No caso 2, de Ana e João, novamente vemos uma relação na qual o marido é sustentado pela esposa. Ana era bastante enfática sobre sua relação: sustentava João porque ele era seu homem. Há uma lógica moral por trás das afirmativas contundentes de Ana que revelam o que ela pensa a respeito do que uma esposa deve fazer para seu marido e o que este deve fazer para a esposa. Ela toma como sua obrigação sustenta-lo.

Assim como no caso 1, o marido é tido como incapaz de manter-se financeiramente sozinho, mas Ana possui um ar menos romantizado de sua relação do que Beth tinha em relação à sua. Para ela, era claro que o marido estava com ela por causa do sustento, por causa do dinheiro que ela levava para casa, por causa do teto que colocava sobre sua cabeça. Não estou aqui dizendo que não havia sentimento entre os dois, mas dentro deste relacionamento cada um sabia muito bem quais eram suas obrigações um para com outro. Ana sustentava a casa, dava dinheiro ao marido, cozinhava, passava, lavava. João se mantinha fiel, longe de outras mulheres e travestis, dentro de casa, obediente às vontades de Ana. O comentário que ele fez a respeito das amigas de Ana presentes no dia em que os visitei demonstra o quanto a fidelidade de João era fundamental na relação do casal.

Geralmente, a questão da fidelidade é um ponto crucial na vida conjugal de qualquer casal. Beth e Ana são prostitutas, mas também deviam se manter fiéis a seus maridos. Uma coisa é o programa pago, que vai colocar dinheiro dentro de casa. O sexo remunerado não é visto como traição por estes maridos, mesmo que possam ter ciúmes dos clientes, não fazem da situação um estardalhaço, já que a profissão das esposas é a única fonte de renda do lar. Aparentemente, fora da prostituição, elas têm a obrigação de serem fiéis a eles³⁵.

Tanto o caso 1, Beth e Evandro, quanto o caso 2, Ana e Evandro, parecem corroborar as afirmações de Kulick sobre as dinâmicas conjugais entre travestis e seus namorados/maridos. Elas são responsáveis por todas as despesas do lar, provendo os maridos de dinheiro e presentes. Kulick acredita que nessas relações ela obtém gênero de seus homens. O fato de serem casadas com homens

³⁵ Dados semelhantes foram encontrados por Elisiane Pasini em seu doutorado sobre mulheres que se prostituíam na rua Augusta em SP. "Homens da Vila: Um Estudo sobre Relações de Gênero num universo de Prostituição Feminina". Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

estabelecidos dentro da masculinidade hegemônica lhes confere um status perante as demais travestis e a sociedade em geral: mesmo que seus maridos não trabalhem, o que contradiz o ideal do homem provedor, suas práticas sexuais e características físicas lhes conferem uma posição socialmente reconhecida como masculina. (KULICK, 2008, p.147) Penso que elas obtêm mais do que isso, constroem parte de sua identidade feminina nestas relações, mas, além disso, formam um vínculo duradouro com outra pessoa: uma relação de dependência mútua é estabelecida.

O caso de Beatriz e Pedro se diferencia dos outros dois. Apesar de contribuir mais financeiramente com as despesas de casa a esposa, não sustentava o marido. Beatriz afirmava que a única razão pelo qual pagava mais coisas que Pedro era porque tinha um salário bem maior que o dele. Ele, por sua vez, trabalhava e não dependia do dinheiro de Beatriz para manter-se. O caso 3 não responde às generalizações de Kulick sobre as dinâmicas de um relacionamento entre um homem e uma travesti. Determinações gerais a este respeito podem até condizer com a realidade de um considerável número de casais, porém acabam por insinuar que um homem só se relaciona com uma travesti caso haja dinheiro envolvido. Penso ser importante salientar que as generalizações de Kulick foram feitas com base num mergulho etnográfico num lugar específico, num tempo específico e com pessoas específicas. Generalizar dados etnográficos sem levar em consideração o contexto particular em que se apresentaram reduz outras realidades àquela em que o pesquisador esteve presente.

Os motivos pelos quais uma travesti se relaciona com um homem, como afirmei, vão além da vontade de “sentir-se mais feminina”. No entanto, dentro das relações conjugais que observei, a feminilidade da travesti não é questionada. Todas as travestis com quem conversei afirmaram que não se relacionariam com homens que tivessem interesse em seus pênis. Todas são casadas, ou querem casar, com homens que são sexualmente ativos. Os maridos são “homens de verdade”, em contraste a homens que são sexualmente passivos ou tem interesse pelos pênis das travestis. Dentro das relações conjugais que observei, o que é socialmente designado como feminino é assumido pelas travestis e o que é designado como masculino, pelos homens. No entanto, se os gêneros são bem definidos dentro da relação conjugal, o mesmo não pode se afirmar fora dela.

Durante as imersões no campo da Pampulha presenciei várias conversas em que a feminilidade de uma travesti era questionada por outra. Quando acontecia alguma desavença entre elas, era comum insultarem-se questionando as práticas sexuais e a aparência umas das outras no intuito de masculinizar a rival. *Viado, machudo, comedor, barbudo*: estes são alguns dos termos que vi sendo usados entre as travestis para se ofenderem. Usar termos masculinos para se referir a uma travesti é algo grave, principalmente pelo fato de serem constantemente taxadas de homens no seu cotidiano. Sob esta ótica, a relação estável com um marido ajuda a situar suas práticas longe das do universo masculino, dentro de uma lógica em que gênero e sexualidade são análogos. Ou seja, a “heterossexualidade” da relação preservaria qualquer questionamento sobre sua feminilidade.

Entretanto, um marido não garante essa feminilidade: a partir do momento que uma travesti coloca em xeque as práticas de outra, por consequência questiona a masculinidade de seus maridos, ainda dentro da lógica da matriz heterossexual (Butler, 2003b) que equaciona sexo, gênero e sexualidade.

Vimos tanto nos casos acima quanto na discussão do capítulo 2 que muitos maridos escondem seus relacionamentos por terem vergonha de serem vistos com uma travesti. Socialmente, a relação amorosa com uma pessoa que possui um pênis coloca em questão a masculinidade e a sexualidade dos maridos.

3.3 – Maridos e amantes: homens para casar, pessoas para transar

No primeiro item deste capítulo relatei três diferentes relações conjugais. Nelas, travestis se relacionavam com homens com características da masculinidade hegemônica. Dentro das dinâmicas destas relações, fica claro que, nas representações do, ele é formado por uma parte feminina, a travesti, e uma parte masculina, o homem. As travestis da pesquisa afirmam que só se relacionariam com homens “ativos” sexualmente, homens que não tem interesse nos pênis das travestis, que não querem “dar”, mas “comer”. As travestis, por sua vez, querem apenas “dar” para seus homens.

As práticas sexuais do casal determinam a relação entre pessoas com gêneros distintos: se para as esposas um homem não pode “dar”, para os maridos uma mulher não pode “comer”. Se os maridos não deixam de ser homens por se relacionarem com pessoas com pênis, as esposas não deixam de serem mulheres por terem o órgão sexual masculino.

No final do item 3.2 ressaltai que as travestis buscam mais do que gênero nas suas relações amorosas com homens: elas buscam estabelecer um laço de solidariedade duradoura, buscam companheirismo em alguém com quem possam dividir suas alegrias e tristezas. Uma travesti que gosta de homens não quer somente ostentá-lo em público para se sentir mulher. Ela quer um homem cuja sexualidade possa satisfazer a sua própria: as travestis que gostam de homens não querem um relacionamento homossexual, mas heterossexual. O uso do pênis durante o sexo é tido como algo masculino, homens usam pênis para penetrar. A pessoa penetrada pelo pênis, seja ela quem for, é feminizada aos olhos das travestis com quem conversei. Da mesma forma, toda pessoa que durante o ato sexual usa o pênis para penetração é masculinizada na relação: a ideia de atividade/passividade sexual está presente no discurso das travestis relacionando-se a ideias de masculino/feminino, homem/mulher, bofe/maricona e marido/travesti. A atividade sexual, quem “come”, é: masculino, homem, bofe, marido. A passividade sexual, quem “dá”, é: feminino, mulher, maricona, travesti.

Essa constatação nos remete a uma já conhecida classificação apresentada por Fry (1982):

A categoria ‘bicha’ se define em relação à categoria homem em termos do comportamento social e sexual. Enquanto o ‘homem’ deveria se comportar de uma maneira ‘masculina’, a ‘bicha’ tende a reproduzir comportamentos geralmente associados ao papel de gênero (*gender role*) feminino. No ato sexual, o ‘homem’ penetra, enquanto a ‘bicha’ é penetrada. Como argumentei [...], o ato de penetrar e o de ser penetrado adquirem, nessa área cultural, através dos conceitos de ‘atividade’ e ‘passividade’, o sentido de dominação e submissão. Assim o ‘homem’ idealmente domina a ‘bicha’. Além disso, a relação entre ‘homens’ e ‘bichas’ é análoga à que se estabelece entre ‘homens’ e ‘mulheres’ no mesmo contexto social, onde os papéis de gênero masculino e feminino são altamente segregados e hierarquizados.

Podemos perceber que as representações das relações sexuais-afetivas entre 'homens' e 'bichas' e entre 'homens' e 'mulheres' falam fundamentalmente sobre dominação e submissão e não sobre 'homossexualidade' em si. Isso fica claro quando lembrarmos que o 'homem' nesse sistema cultural pode manter relações sexuais com pessoas do mesmo sexo (isto é, relações homossexuais) sem com isso perder seus *status* de 'homem' na medida em que assume o papel 'ativo' na relação. (FRY, 1982, p.90)

Podemos traçar um paralelo entre o marido da travesti com o "homem" da pesquisa de Fry. Em ambos os casos, "ser homem" está associado às práticas sexuais dos sujeitos: o parceiro que assume o papel "ativo" durante a relação sexual não é considerado "bicha". Deixando de lado a ideia de "papel de gênero", que associa as práticas e comportamentos dos sujeitos a ideias socialmente estabelecidas sobre masculino e feminino, podemos constatar algumas pistas sobre a maneira que a sexualidade repercute sobre a noção de gênero dentro das perspectivas das travestis desta pesquisa. Para minhas três interlocutoras, um homem que seja "passivo" é *viado*. Este termo é utilizado tanto para se referir a determinados homens quanto a determinadas travestis. Do ponto de vista da sexualidade, estes homens compartilham com travestis e mulheres um mesmo lugar nas práticas sexuais. Em contraste, homens "ativos", que só "comem", são diferenciados daqueles que "dão", assim como as mulheres e as travestis. A identidade de gênero masculina é reconhecida socialmente quando associada a uma sexualidade específica: a heterossexualidade hegemônica (onde o homem é sexualmente "ativo"). Assim, mesmo um homem cujo comportamento esteja de acordo com a masculinidade hegemônica terá sua identidade de gênero questionada caso demonstre interesse em ser "passivo" sexualmente.

As três esposas cujos casamentos foram descritos serviram como base para as considerações feitas, mas não só elas. As travestis com quem conversei ao longo de quatro anos queriam um marido com as características descritas acima, e a

grande maioria delas afirmaram que só sentem prazer com homens masculinos. A única exceção foi um casal formado por duas travestis que conheci na região da Pedro II, quando ainda estava no curso de graduação.³⁶ Kulick afirma que as travestis buscam gênero em seus casamentos e prazer na rua, com outros homens. (KULICK, 2008). No entanto, em minha etnografia, pude conhecer travestis que eram casadas com homens justamente porque eles proporcionavam prazer sexual a elas. Ana é um exemplo. Entretanto, não duvido que elas busquem prazer em suas relações na prostituição. Há uma distinção entre as dimensões do discurso e da prática.

Muitas travestis prostitutas são procuradas por causa de seus pênis, existem muitos homens que desejam ser penetrados ou praticar sexo oral nelas. Dentre as travestis que conheci na rua (o que exclui Beatriz, que conheci através de Anyky, e travestis que conheci na faculdade) apenas Ana admitia em público que penetrava seus clientes. Afirmava, inclusive, para provocar suas colegas de profissão, que “pinto que não goza cai”. Ana gostava mesmo era de “dar”, jamais se relacionaria amorosamente com um homem que se interessasse por seu pênis, mas como ganhava dinheiro para “comer”, aproveitava a situação para gozar.

Beatriz me relatou que uma vez, numa noite de farra, se envolveu com um homem *trans*. Afirmou que a noite foi muito boa e o sexo também, ele era um homem maravilhoso e sabia usar os dedos e a língua de maneira “divina”. A relação, porém, teve início e fim naquela noite. Beatriz falou que não tocou a vagina do homem e que se sentiria estranha se tivesse que fazê-lo.

Beth realizava programas com clientes que queriam ser penetrados, afirmava que fazia isso apenas por dinheiro e que não gostava nem um pouco da situação.

As três esposas das relações analisadas já mantiveram, ou mantêm, práticas que vão de encontro ao interesse pelo “marido ideal”. Beth justifica suas ações como “ossos do ofício”, assim como Ana, que também justifica suas práticas como uma necessidade fisiológica. Beatriz afirma que gosta de experimentar coisas novas, mas que não se sentiu à vontade para repetir a experiência. As duas primeiras fazem uso

³⁶ Infelizmente, as duas travestis sumiram dos principais pontos de prostituição em Belo Horizonte antes do meu ingresso no mestrado. As dinâmicas deste casal poderia trazer luz a algumas questões generalizadas em outros trabalhos sobre relações conjugais de travestis.

do pênis sexualmente, a terceira já se relacionou com um homem com vagina. Todas elas, no entanto, só namoraram/casaram com homens *cis*, socialmente reconhecidos como masculinos e heterossexuais.

A diferenciação entre pessoas “para casa” e “para se divertir” não é característica apenas das travestis. Muitos homens e mulheres, hétero ou homossexuais, fazem esta distinção. Geralmente, aquelas pessoas que não são desejadas para um relacionamento duradouro possuem características, físicas e/ou comportamentais, que não condizem com as expectativas do outro.

Pontuei brevemente quais tipos de pretendentes as travestis que conheci julgam como possíveis namorados/maridos. Furneci exemplos de relações em que elas estiveram nas quais os parceiros não se enquadravam nos critérios desejados para que um relacionamento duradouro fosse mantido. Assim como as travestis julgam algumas pessoas aptas para um relacionamento e outras não, alguns homens pensam o mesmo em relação a elas. Muitos se relacionam com as travestis por diversão, mas na hora de manter um relacionamento preferem uma mulher *cis*. Este é um ponto bastante levantado por muitas travestis que conheço: os homens querem apenas “usá-las”. Tive uma ótima explanação sobre este tema com uma grande amiga, que assim como Beth e Ana, é travesti e se prostitui nas ruas da região da Pampulha.

3.4 – Intersecções entre sexo, gênero e sexualidade na construção das identidades travestis

Quando eu realizava trabalho de campo na graduação, em 2012, conheci Alana e nos tornamos amigos. Ela se prostituía, entre idas e vindas, há dez anos na região. À época ela também era casada, mas o relacionamento acabou em 2013. Ela e o ex-marido tiveram algumas “recaídas” entre 2014 e 2015, mas nunca reataram. Hoje em dia estão separados. Eu a visitei no início deste ano³⁷, já com o trabalho de campo concluído. Conteí a ela a respeito da pesquisa e ela começou a falar da situação das travestis e transexuais no mundo. Achei que seria importante

³⁷ A visita ocorreu no dia 23 de fevereiro de 2016.

relatar a conversa e perguntei se poderia gravar uma entrevista. Num clima de descontração ela falou sobre muitos assuntos, um deles “homens”. Transcrevo abaixo um trecho que ilustra o desejo de Alana por homens “que comem” e de que maneira a sexualidade se associa ao gênero dentro de sua perspectiva.

Então, assim, eu acho que os héteros, que não são héteros, são muito medíocres e a sociedade é mais medíocre ainda. Dia desses estava conversando com essa mesma amiga³⁸ e a gente tá assim “Nossa, ultimamente os homens tão virando *gays* né?” Aí ela olhou assim “Muito!” Porque a gente usa calcinha, a gente quer ser mulher... na verdade nós somos mulheres! E aí você quer ficar com um cara, o cara quer chupar seu pau! O cara quer dar o cu pra você, e tipo cadê minha feminilidade? Porque até então a passiva da história sou eu! Aí eu tenho que virar e satisfazer os dois egos do cara! Além de dar pra ele eu tenho que comer ele pra ele se sentir assim “Ai, nossa eu faço tudo que eu quiser com ela, eu me realizo com ela, mas não me realizo com a mulher que eu tenho em casa.” Sabe? Então eu acho assim: podre. Sei lá, porque acho que você perde um pouco da sua identidade. Do que é ser feminina. Se você é feminina você tem que ser passiva. Você é ativo, você é homem! Você tem que mostrar seu lado masculino. Por mais gay que você for, por mais *trans*, porque... sei lá, qualquer sexualidade que você for, se você é ativo você é ativo, se você é uma coisa você é uma coisa. Duas coisas ao mesmo tempo não tem como! Pelo menos pra mim. [...] Não, sério, pelo menos pra mim. Eu acho isso engraçado porque você perde um pouco da sua identidade! Tipo, você tá lá toda feminina e chega um cara, na cama “Nó, deixa chupar seu pau?” Aí você olha assim... aí você vira e já muda “Ah, então você quer um lado masculino meu.” Eu já sou assim! Vou chegar pro cara e o cara fala que tá afim de dar pra mim, eu já falo na cara que ele não vai me comer não. “Eu vou te comer, mas você não me come. Boto nem a boca nesse pinto seu!” E eu vou ser a homem da história, de peito e cabelo! Entendeu? Então assim, eu acho que é falta de, ah sei lá, eles acha que a gente é brinquedo. Sabe? Aqueles boneco inflável que você pega, que você realiza todas suas vontades, suas coisas. Entendeu? Assim, eu penso dessa forma.

Na passagem acima, Alana demonstra sua frustração com os homens com quem tem se relacionado, tanto na prostituição como em sua vida social. Percebemos em sua fala uma rígida distinção de masculino e feminino baseada nas práticas sexuais. O ponto de vista de Alana traz novamente a questão da ambiguidade: ela se torna homem no momento em que é “ativa” sexualmente e mulher quando “passiva”. Ao se fazer menção aos “dois egos” do parceiro ela se

³⁸ Alana se refere a uma amiga que também trabalha na Pampulha. Para ler a entrevista na íntegra ver Anexo I.

refere a masculinidade e a feminilidade dele. O que determina os dois egos é a atividade/passividade durante o ato sexual. Os homens de quem ela reclama são aqueles que não se definem nem como ativos nem como passivos: são as duas coisas e Alana não consegue estabelecer qual é o seu lugar na relação, o que a deixa indignada, sentindo-se um brinquedo. Ela deseja homens que não desejem seu pênis. A partir do momento em que demonstram interesse no órgão sexual de Alana, acontece uma transformação, uma mudança de papéis e ela assume outra postura. Torna-se “homem”. Esta perspectiva reflete como Alana concebe os gêneros masculino e feminino como consequência das preferências sexuais. Eles não são héteros não porque sejam femininos, mas porque desejam um pênis.

Alana estabelece como homens pessoas que além de terem o órgão sexual tenham práticas sexuais que condigam com suas expectativas a respeito de masculinidade. Afirmei no item anterior que os maridos não deixam de serem homens para as travestis e que elas não deixam de serem mulheres para eles. No entanto, é necessário contextualizar a afirmativa, já que é somente dentro da relação conjugal, para as duas pessoas que estão vivem juntas, que é claro quem é o homem e quem é a mulher naquele contexto. A travesti não se casa com um homem que tenha atração pelo seu pênis, este homem não se interessa por pessoas com pênis, se interessa por mulheres: é a mulher que há na travesti que lhe interessa, é o devir mulher dela que lhe atrai.

Muitas travestis concordam com Alana quando ela afirma poder ser o “homem da relação”. Porém, elas não querem um homem que deseje isto da parte delas, muito pelo contrário. Elas desejam um companheiro que as façam esquecer que podem “assumir o papel de homem”, a relação não as torna mulheres para a vida, mas sim mulheres daquela relação, onde o homem é o masculino (marido) e a travesti é o feminino (esposa). O parceiro sabe que a companheira tem um pênis assim como ela sabe que ele não tem interesse em seu órgão sexual.

Nesse sentido, ressalto novamente que não é a genitália, mas as práticas que determinam o gênero no ponto de vista das travestis, mesmo que por vezes elas se determinem como homens pelo fato de não terem uma vagina. Novamente é bom frisar que elas também nasceram numa sociedade que estabelece gênero em decorrência do corpo biológico, assim, por vezes acionam este corpo para justificar

determinados comportamentos das pessoas em relação a elas. Elas acionam os saberes biológicos quando são confrontadas por situações em que são masculinizadas. Alana aciona estes saberes ao falar de um episódio que aconteceu com uma colega que havia realizado a cirurgia de redesignação sexual. No relato abaixo poderemos perceber como ela distingue sexo e gênero sem com isso negar que exista uma verdade biológica sobre a “essência” das pessoas:

Às vezes a mulher que tem perereca é mais masculina do que eu. E eu que tenho um pênis sou muito mais feminina do que ela. Entendeu? Então eu acho assim, a questão além da cor, é o gênero. Tudo manda a sexualidade. Tipo ‘Ai, você é linda, gata, mas se você fosse mulher.’ Tipo, o cara não respeita nem a própria mulher que é *cis*, não sabe respeitar uma mulher que é *trans* e nunca vai saber respeitar uma mulher que é mais *trans*, aquela que é operada. Igual, outro dia eu e uma amiga conversando, uma *trans*, nossa! Deu pencas de close (foi arrogante) pra gente. ‘Ai que eu tenho buceta, que eu tenho buceta, eu tenho buceta!’ Aí um dia o boy que comeu ela virou pra gente... (risos) e falou assim ‘Uai, não senti muita diferença não. Porque na hora que eu comi a perereca dela tava sentindo as bolas dela, lá dentro.’ Na hora eu falei ‘Que?’ Ai eu tô assim, nossa, eu mesma virei e falei assim... e ela do nosso lado, e ela ficou sem graça. Ela não teve nem reação de xingar o menino. E tipo assim, minha reação era de rir e da minha outra amiga era de rir porque ela tava tirando, tipo, tirando sarro tipo ‘Ai, eu sou travesti, eu sou *trans*, eu sou operada, mais linda que vocês.’ E deu na mesma merda. [...]

Se dizendo... porque ela é homem do mesmo jeito! Por mais que você faça operação, é uma coisa que eu falo sempre... operação não é pra você fazer o homem feliz. Operação é pra você se sentir feliz. Você coloca uma prótese mamária é pra você se sentir feliz, pra você se sentir feminina. Cê faz um retoque no nariz... ou lifting, faz qualquer coisa... é pra você se sentir mulher. Só que muitas querem fazer pra que o homem te enxergue mulher. O homem nunca vai te enxergar mulher! Porque querendo ou não na hora que ele vê seu RG, na hora que ele pensar duas vezes você é um homem da mesma forma. Sua essência, lá dentro, você tem uma essência masculina. Tomando remédio ou não tomando remédio. É meu modo de pensar tá Guilherme?

Alana começa dizendo que o órgão genital não atesta o gênero e finaliza afirmando que no fundo, uma pessoa nascida com pênis é um homem. É preciso destacar que é a opinião de um homem sobre sua colega que faz com que Alana acione o discurso da “essência” masculina. Com base no que ele disse, e muitos homens que se relacionam com travestis apenas sexualmente pensam, quando ela

afirma que um homem nunca verá travestis como mulheres ela está se referindo fundamentalmente ao discurso do corpo biológico dado. A “essência” masculina vem deste corpo, vem desde o nascimento. Mesmo contestando nas suas práticas as normas de gênero que decorrem gênero e sexualidade do sexo fisiológico, Alana não formula suas ideias fora da lógica heteronormativa que estabelece uma verdade pré-discursiva sobre o corpo.

3.5 – Problemas de gênero na conjugalidade: efeitos da heteronormatividade na relação entre as travestis e seus maridos

A ideia de que o ser humano nasce com um corpo que determina suas práticas no mundo define o que uma pessoa pode ou não ser. Segundo a filósofa Judith Butler:

Em sendo a “identidade” assegurada por conceitos estabilizadores de sexo, gênero e sexualidade, a própria noção de “pessoa” se veria questionada pela emergência cultural daqueles seres cujo gênero é “incoerente” ou descontínuo, os quais parecem ser pessoas, mas não se conformam às normas de gênero da inteligibilidade cultural pelos quais as pessoas são definidas. (BUTLER, 2003b, p.38)

Num mundo dividido entre mulheres e homens, as travestis ocupam uma posição que vai de encontro às normas de gênero, uma vez que se acredita que a natureza do corpo humano determina padrões de comportamento distintos para as pessoas em função de seus órgãos sexuais:

A matriz cultural por intermédio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de “identidade” não possam “existir” – isto é, aquelas em que o gênero não decorre do sexo e aquelas em que as práticas do desejo não “decorrem” nem do “sexo” nem do “gênero”. (BUTLER, 2003b, p.39)

Nesse contexto, as travestis são discriminadas na sociedade por não

corresponderem à lógica da matriz heterossexual reprodutiva. Ao longo de todo este trabalho critiquei perspectivas que estabelecem que as práticas das pessoas devam ser desta ou daquela maneira em função do corpo com que nasceram. Os três casos conjugais relatados nesta pesquisa são caracterizados por uma relação na qual uma pessoa do gênero feminino se envolve com outra do gênero masculino, de acordo com o ponto de vista “nativo” e com as categorias êmicas. Dentro da lógica de nossa matriz cultural, as travestis são subversivas por terem uma identidade de gênero que não condiz com seu sexo. Nesta lógica o gênero decorre do sexo entendendo gênero como algo social (construído) e sexo como algo natural (dado). Da mesma forma que o gênero, a sexualidade também decorreria das funções biológicas do corpo. Tendo a perpetuação da espécie como algo natural (dado), a sexualidade decorreria das relações entre pessoas com sexos distintos (pênis e vagina), estabelecendo a heterossexualidade como norma. De acordo com Butler:

A instituição de uma heterossexualidade compulsória e naturalizada exige e regula o gênero como uma relação binária em que o termo masculino diferencia-se do termo feminino, realizando-se essa diferenciação por meio das práticas do desejo heterossexual. (BUTLER 2003b, p.46)

Muito foi dito a respeito dos requisitos que um homem deve ter para se tornar um candidato a marido para as travestis. As características deste homem condizem com as expectativas sociais que se impõe a todas as pessoas que nasceram com um pênis. As travestis são pessoas que não corresponderam a estas expectativas, sendo por isso vítimas de preconceito durante todas suas trajetórias de vida. Elas não se tornaram aquilo que se esperava delas desde que nasceram e são lembradas disto constantemente nos mais diversos lugares: na família, na escola, no trabalho, na vizinhança. Apesar de todo preconceito, as travestis são pessoas femininas e assim são vistas pelos seus maridos.

Nas relações conjugais desta pesquisa observamos os padrões da heteronormatividade. As dinâmicas do casal operam dentro de uma lógica na qual o homem é aquele que faz o uso pênis durante as relações sexuais. Por isso no início do capítulo pontuei que, do ponto de vista do marido, a travesti é sua mulher: ela compartilha, aos olhos do companheiro, as mesmas características que as mulheres *cis*, com exceção do sexo. A vagina é visto como símbolo de feminilidade, sem dúvida, mas não é apenas o sexo que confere feminilidade às mulheres. Ainda que grande parte das travestis casadas tema que seus maridos as larguem para ficar com uma mulher que tenha vagina, não me parece que o órgão sexual *per se* seja a única razão pela qual um marido largue sua esposa travesti para ficar com uma mulher *cis*.

Numa visita que fiz à Anyky Lima, amiga que luta pelos direitos de travestis e transexuais em Belo Horizonte, pedi permissão para gravar sua opinião a respeito das relações conjugais de travestis casadas. Transcrevo abaixo um trecho que explana com muita sabedoria as razões pelas quais muitos maridos deixam suas esposas para ficarem com mulheres *cis*:

Então deixa eu te falar uma coisa. A travesti ela sonha... assim, por sempre ter sido encarada como homem e as pessoas não entenderem ela sonha com o homem ideal: o marido. Então o marido dela tem que ser o homem perfeito, aquele homem “homem” sabe. Por que? Porque o cliente é totalmente diferente. O cliente ele usa a travesti da maneira que ele quer né. Ele quer ser passivo e a travesti não nasceu pra ser ativa. O que faz ela passar por esse... por esse... por esse drama de ser ativa é por que? É porque ela necessita de sobreviver. E o cliente ele quer pagar pra que ela seja o homem da relação. Mas o sonho da travesti é o que? É ela ser passiva pro marido. Tanto que a maioria... a maioria não, quase todas as travestis elas se contaminam pelo marido, né? Porque elas acham que não devem usar preservativo com o marido, porque elas amam o marido. O marido é o homem da vida delas. E elas esquecem que esse homem transou com milhares de meninas antes de tá transando com elas ali naquele momento. Mas por ela ter... ter sofrido tanto na vida, não ter sido entendida, ela quer aquela relação de marido e mulher, sem usar preservativo, sem nada. Você pode conversar com a maioria das *trans* que são contaminadas que elas podem até mentir, mas a maioria pegou do próprio marido. Com cliente elas não fazem sem preservativo. Aí elas começam a namorar, usa da primeira vez, segunda vez, na terceira vez ela já não vão usar preservativo. Porque “Ai, ele me ama, é meu marido”. Aí começa transar sem preservativo. Sabe, mas é por quê? Necessidade que ela tem de ser amada, de amar e de viver um

relacionamento como um relacionamento hétero, né. Dela ser a mulher da casa, dela ser a dona da casa, mas eu acho que é por isso que... o relacionamento entre uma travesti e um cara não dura muito tempo. Por quê? Porque é como se fosse um encantamento. Porque ela é uma travesti, ela é belíssima então ele se apaixona. Mas então a sociedade começa a apontar, começa a censurar e o cara por ele ser homem, né? Por ele não ser gay, ele não aguenta aquela pressão. Por ele não aguentar aquela pressão ele muitas vezes arruma uma mulher que é parecida com aquela travesti... arruma uma outra mulher pra poder viver um relacionamento. Mas ele ama aquele ser como mulher, mas como a sociedade oprime demais ele acaba largando e vai viver com uma outra mulher, entendeu? Porque a necessidade da travesti é essa, porque ninguém muda o corpo pra ser chamado de homem. Ninguém na vida vai passar por todo o sofrimento de botar silicone, botar prótese, enfrentar toda uma sociedade, enfrentar família, ser expulsa de casa pra ser encarada como homem. Porque se fosse pra ser encarada como homem ela vivia do jeito que ela era! Do jeito que ela nasceu né? Ela vestia roupa de homem e não ia precisar passar por isso tudo. Eu acho que o relacionamento não dá certo por isso.

A pressão social que o marido sofre coloca em questão sua masculinidade e sua sexualidade, ou melhor, sua heterossexualidade. Os maridos das travestis não se reconhecem enquanto *gays* e elas também não os reconhecem dessa maneira. Dentro da dinâmica conjugal eles possuem uma relação que segue os padrões da heteronormatividade: ele é o homem e ela, a mulher. Entretanto, fora da relação conjugal, na lógica da matriz cultural que naturaliza gêneros em função do sexo, ambos são vistos como homossexuais pelo fato de terem um pênis. Esposa e esposo são taxados como *viados*, ofendendo a travesti pelo fato de a associarem ao gênero masculino, e ao marido por associarem-no à homossexualidade. O marido entende que sua companheira não é um homem, a travesti, que o marido não é *gay*, mas as pessoas em seu entorno questionam isto a todo tempo. Essa é uma das principais razões que fazem com que muitos casais não sejam vistos publicamente, pois não querem lidar com esse preconceito, especialmente o marido. Para todos os efeitos, ele é um homem que corresponde às normas de gênero e sexualidade de nossa matriz heterossexual. O marido, muitas vezes, constrange-se socialmente com as fofocas, com os questionamentos, a desaprovação de familiares e amigos. Escondendo a relação, busca evitar o preconceito. A travesti não tem esta possibilidade, pois não pode, e nem quer, esconder seu gênero. O preconceito que ela sofre não é apenas pela sua sexualidade, é por seu gênero e por seu corpo. Ao marido é negada a masculinidade, à travesti é negada a existência.

Considerações finais

A antropologia teve papel fundamental na desconstrução de paradigmas científicos que pretendiam explicar a origem do ser humano, entendidos como homens e mulheres. Através de dados etnográficos problematizou a equação sexo-gênero-sexualidade mostrando o caráter determinista de teorias que baseavam o comportamento humano como consequência de uma verdade biológica do corpo anterior à sua socialização. Estas teorias se caracterizam por estabelecer que: 1 - as ações humanas são definidas pelas funções fisiológicas do corpo, 2 – as pessoas se tornam homens ou mulheres em função do órgão genital com que nascem, 3 - as pessoas que não se desenvolvem de acordo as expectativas sociais são vistas como patológicas, desviantes. Os trabalhos considerados no capítulo 1 pontuaram o caráter arbitrário das teorias do corpo pré-discursivo, mostrando de que maneira estas reforçavam estereótipos e preconceitos.

No capítulo 2 trouxemos obras antropológicas baseadas em etnografias com travestis. Nelas pudemos observar de que maneira as travestis são discriminadas e quais são as estratégias que elas recorrem para sobreviver. Sem esgotar os múltiplos preconceitos sofridos por elas, destacamos alguns que parecem ser gerais: 1 – o corpo das travestis é considerado abjeto por subverter normas sociais que decorrem gênero e sexualidade do sexo biológico, 2 – a identidade de gênero das travestis não é socialmente aceita, 3 – acredita-se que um homem *cis* heterossexual se relaciona com as travestis por interesse em seu dinheiro.

Busquei nos casos que relatei no capítulo 3, assim como nos trechos de entrevistas e depoimentos, demonstrar a complexidade envolvida nas relações entre travestis e homens *cis*. Salientei o perigo de se fazer generalizações a partir destes casos uma vez que muitos fatores externos afetam as dinâmicas internas da relação esposa/marido, mesmo que as próprias travestis em seus discursos generalizem seus pontos de vista. As opiniões são fluidas e podem variar de acordo com o tema abordado e com o momento que se está vivendo. O discurso de Alana sobre “essência masculina” é muito diferente do que tinha quando estava casada. As travestis generalizam suas perspectivas sobre o mundo assim como a maioria das pessoas o fazem. Cabe ao antropólogo revelar as circunstâncias destas opiniões na

realidade das pessoas com as quais ele conviveu, fazendo considerações gerais controladas por seus interlocutores e pela sua própria observação direta contextualizada.

Roy Wagner escreve que o contexto é gerado na associação de elementos simbólicos que produzem um sentido específico. O entendimento que as pessoas possuem de uma determinada situação depende de quais códigos são acionados para que elas transmitam suas mensagens umas às outras (WAGNER, 2010). Para que elas “se entendam” é necessário acionar um código inteligível para todos os envolvidos naquele contexto. A meu ver, o motivo pelo qual a maioria das pessoas tem dificuldades para aceitar as travestis, mas não só elas, como sujeitas³⁹ de direito é por se pautarem no sexo biológico para construir seus gêneros. Ao contrário da grande maioria das pessoas com quem as travestis convivem em suas vidas, o que determina quem elas são não é a genitália que socialmente designou seu gênero, mas suas trajetórias de vida e de construção de suas identidades.

Por muito tempo antropólogas e antropólogos tomaram homens e mulheres como fatos não problematizados. Dado que a sociedade é composta por “mulheres e homens” (termos entendidos como auto-evidentes) a relação de desigualdade entre ambos era problematizada. Se invertermos a afirmação a questão se torna outra: dado que há relações de privilégios entre pessoas masculinas que nasceram com pênis e pessoas femininas que nasceram com vagina o que é ser mulher e ser homem é o que se torna o termo de problematização. Este deslocamento de perspectiva permite que a heteronormatividade seja vista como efeito das relações entre pessoas. No entanto, as práticas convencionalizadas e institucionalizadas do sexo/gênero se fazem valer não só no discurso: elas marcam as pessoas tanto em suas trajetórias de vida como em seus corpos. Não basta apenas pontuar que o machismo se perpetua nas relações hierarquizadas entre duas pessoas, devemos levar a sério quando travestis e mulheres denunciam que a sociedade é machista: as pessoas nascidas e criadas em diferentes contextos urbanos são, na maioria das vezes, educadas para serem machistas, isto é, nós somos ensinados a perpetuar as relações entre as pessoas dentro do binarismo de gênero tal qual elas “sempre

³⁹ O termo tem sido utilizado em diversos trabalhos feministas desta forma a fim de marcar o gênero com o qual as locutoras das pesquisas se identificam, isto também marca que os termos genéricos no português serem no masculino invisibiliza a ideia de que mulheres e travestis possam ser “sujeitos” de ação no mundo.

foram”: pessoas que nascem com pênis e pessoas que nascem com vagina possuem algumas aptidões em comum e outras indiscutivelmente distintas.

Fomos ensinados a partir da evidência biológica a justificar determinados comportamentos de homens em contraste com o das mulheres, assim nasceram mitos como “homens são mais aptos a ações práticas do que mulheres” ou “homens não sabem arrumar a casa como mulheres”.

O que minha pesquisa com as travestis me ensinou é que este discurso não toma como dado a espécie humana, mas apenas o lado forte da díade insuperável que tanto incomodou os médicos britânicos do estudo de Strathern⁴⁰: o homem. Partindo do reconhecimento biológico dos corpos, as normas sociais que constroem as pessoas em nosso contexto estabelecem que homens devem fazer algumas coisas que mulheres não conseguem fazer, e vice-versa. O que é sintomático nesta relação é que pessoas acomodadas seus lugares de privilégios continuam querendo que as gerações mais novas se tornem homens e mulheres do jeito que “sempre foi”, enquanto mulheres, travestis e muitas outras pessoas que não são reconhecidas socialmente como homens, mesmo articuladas em movimentos, núcleos de pesquisa ou coletivos de ações afirmativas, mal conseguem dar visibilidade para suas reivindicações.

As travestis são socialmente excluídas por rejeitarem a alcunha de homens que lhe é imposta pelas normas sociais. A subversão destas normas gera dificuldade na vida delas incomodando todos aqueles em sua volta que não aceitam a identidade de gênero da travesti. No entanto elas se mantêm firmes e procuram não se abalar pela pressão social. Elas não aceitam serem significadas por terem nascido com um sexo específico, elas constroem quem são na prática. Como Butler afirma:

O sujeito não é determinado pelas regras pelas quais é gerado, porque a significação não é um ato fundador, mas antes um processo regulado de repetição que tanto se oculta quanto impõe suas regras, precisamente por meio da produção de efeitos substancializantes. (BUTLER, 2003b, p.2009)

⁴⁰ Necessidade de pais, necessidade de mães, em: Revista de Estudos Feministas, 1995.

Desta forma, generalizar o que é “ser travesti” ou “quem são as travestis” é tão prejudicial quanto generalizar sobre o que são homens ou mulheres. Estas perspectivas acabam criando expectativas sobre as pessoas que assim se definem, excluindo do escopo cultural àquelas que não se enquadram nos padrões esperados.

A heteronormatividade é uma das normas sociais que fundamentam a ideia de como homens e mulheres devem ser. Quando uma pessoa não corresponde a estas normas é discriminada e excluída, é vista como anormal, como abjeta.

O gênero é construído através do parentesco, mas não exclusivamente por ele; ele é construído igualmente na economia e na organização política, que, pelo menos em nossa sociedade, operam atualmente de maneira amplamente independente do parentesco (SCOTT, 1995, p.87).

Mesmo o gênero sendo construído através de diversos lugares de socialização, mãe e pai são responsabilizados socialmente pela travestilidade da filha. Em muitos casos eles mesmos julgam a filha como abjeta, o que associado à vergonha e ao estigma social faz com que muitas famílias expulsem as travestis de casa: é uma forma de estas pessoas mostrarem para o mundo e para suas filhas que entendem as regras sociais e que estão de acordo com elas, nem que para isso tenham que rejeitar suas filhas.

Além de negar às travestis a possibilidade de vivenciarem sua identidade de gênero, as normas sociais atuam de maneira a constranger as pessoas próximas às travestis a não as aceitarem como elas são.

Quem sofre com isso são as travestis, que acabam tendo despedaçadas relações de solidariedade duradouras necessárias para qualquer pessoa no meio social. Elas querem ser amadas sendo travestis, não apesar de serem travestis. Nas relações com seus maridos fica clara a importância que dão ao fato deles se relacionarem com elas sabendo que são femininas, que são “como as mulheres”. Mesmo que a relação seja ocultada publicamente, no cotidiano, na dinâmica a dois,

elas se sentem realizadas com o marido porque ele aceita a travesti sem julgá-la por suas práticas.

As relações conjugais analisadas nesta dissertação são, sob muitos aspectos, similares àquelas observadas nas relações de conjugalidade entre mulheres e homens *cis*. No que tange às expectativas dos parceiros em termos de gênero e sexualidade travestis e seus maridos estão alinhados às normas sociais que ditam que o esposo seja masculino e penetre a esposa que deve ser feminina, bem como Fry (1982) também apontou para a relação “homem/bicha”.

Mas a questão chave é a que as normas sociais atuam de maneira a negar a existência da travesti: não adianta serem como mulheres em termos de gênero e sexualidade se não possuem uma vagina, a materialização do feminino hegemônico em seus corpos é encarada como uma afronta às leis da natureza, por isso elas não possuem lugar na gramática dos corpos em nossa matriz cultural. Travestis devem seguir às regulações binárias que determinam o gênero e a sexualidade, as quais suprimem a multiplicidade subversiva de práticas que questionem os padrões masculino e feminino como consequência do sexo biológico. A sexualidade da travesti é tida como homossexualidade. As travestis, por sua vez, afirmam que se fossem homossexuais se relacionariam com mulheres ou outras travestis: homossexualidade é entendida como uma relação entre iguais em termos de gênero, não em termos de sexo.

As travestis e seus maridos são parte da nossa sociedade e compartilham de nossas fontes de saber e valores. Ambos justificam suas ações dentro de uma lógica que, ainda que subversiva, é fruto das normas sociais a que todos nós estamos sujeitos. Os estudos de gênero contribuem e podem contribuir muito mais para que cada vez mais as pessoas que são excluídas socialmente por não estarem dentro das expectativas hegemônicas sobre gênero e sexualidade sejam visibilizadas e respeitadas.

A antropologia do gênero possui um papel central na luta pela multiplicidade já que contextualiza etnograficamente as práticas das pessoas, revelando diversas maneiras de se performativizar feminino e masculino, inclusive entre homens e mulheres cujos gêneros não são questionados.

As travestis desta pesquisa são exemplos de feminilidade distintos entre si, assim como cada um de nós exemplifica as múltiplas maneiras de se vivenciar feminino e masculino. A pesquisa de Tiago Duque (2011) também revelou diferentes casos em que a travestilidade não é algo fixo, mas contextual, mostrando como as travestis também não necessitam seguir um modelo para que se sintam contempladas como travestis.

O reconhecimento de uma identidade (travesti, mulher, homem) não necessita ser baseada em um corpo materializado da maneira x ou y fixamente. O gênero é algo vivido na prática e é nela que observamos a multiplicidade que temos de experimentar diversas formas de nos constituir: feminilidade não precisa ser só de mulheres e travestis, masculinidade não precisa ser apenas de homens. Rompendo com as normas de gênero, poderemos ampliar as possibilidades de experienciá-lo modificando nossa própria matriz cultural e, por consequência, reconhecendo uma infinidade de representações e práticas que são socialmente excluídas por subverterem a heteronormatividade.

BIBLIOGRAFIA

BAMBERGER, Joan – O mito do matriarcado: por que os homens dominam as sociedades primitivas? In: ROSALDO, Michele; LAMPHERE, Louise. (Orgs.). **A mulher, a cultura e a sociedade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra S.A., 1979.

BEAUVOIR, Simone de – **O segundo sexo, Vol.1 , – Fatos e Mitos**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980

BENEDETTI, Marcos - **Toda feita: o corpo e o gênero das travestis**. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2005.

BENTO, Berenice. - **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2006.

BUTLER, Judith – **O parentesco é sempre tido como heterossexual?** In: Cadernos PAGU, pp. 219-260, 2003a.

_____ - **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003b [1990].

_____ - **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”**. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001 [1993]

CHODOROW, Nancy – Estrutura familiar e personalidade feminina. In: ROSALDO, Michele; LAMPHERE, Louise. (Orgs.). **A mulher, a cultura e a sociedade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra S.A., 1979

DUQUE, Tiago – **Montagens e desmontagens: desejo, estigma e vergonha entre travestis adolescentes**. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2011.

FRY, Peter – Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: **Para inglês ver – identidade e política na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.

GEERTZ, Clifford – Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A.

_____ - “Do ponto de vista dos nativos”: a natureza do entendimento antropológico. In : **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

KULICK, Don – **Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2008.

MEAD, Margaret – **Sexo e temperamento**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1988.

MOORE, H. Compreendendo sexo e gênero. In: INGOLD, T. **Companion Encyclopedia of Anthropology**. London, Routledge, 1997. (tradução de Julio Assis Simões exclusivamente para fins didáticos).

ORTNER, Sherry – Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura? In: ROSALDO, Michele; LAMPHERE, Louise. (Orgs.). **A mulher, a cultura e a sociedade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra S.A., 1979

PELÚCIO, Larissa – **Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids**. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2009.

PERLONGHER, Néstor – **O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.

ROSALDO, Michelle; LAMPHERE, Louise – **A mulher, a cultura e a sociedade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra S.A., 1979.

ROSALDO, Michelle – A mulher, a cultura e a sociedade: uma revisão teórica. In: ROSALDO, Michele; LAMPHERE, Louise. (Orgs.). **A mulher, a cultura e a sociedade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra S.A., 1979

_____ - "O uso e o abuso da antropologia: reflexões sobre o feminismo e o entendimento intercultural". *Horizontes Antropológicos*, ano 1, n. 1, p. 11-36, 1995.

SAHLINS, Marshall - **“Experiência individual, ordem cultural”**, In: “Cultura na prática”, Rio de Janeiro: editora UFRJ, 2007

_____ - **Metáforas históricas e realidades míticas**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008

SANTOS, Alana - Entrevista concedida a Guilherme da Rocha Campos. Belo Horizonte, 23 de fevereiro de 2016 [A entrevista encontra-se transcrita no Anexo I desta dissertação]

SILVA, Hélio – **Travestis: a invenção do feminino**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1993.

SCHNEIDER, David Murray - *American Kinship: a cultural account*. Chicago: The University of Chicago Press, (1968), 1980

_____ - “What is kinship all about?” In: *Kinship and family: an anthropological reader*, 1972

SCOTT, Joan Wallach - Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99

STRATHERN, Marylin – *O gênero da dádiva*, Barueri: Editora Unicamp, 2006.

_____ - “Entre uma melanesianista e uma feminista”, 1997

_____ - “Necessidade de pais, necessidade de mães”, em: *Revista de Estudos Feministas*, 1995

WAGNER, Roy – *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac & Naify, 2010

Apêndice 1 – Entrevista com Alana

Guilherme: Tá valendo...

Alana: Uai, primeiro eu queria saber o que você quer saber. Porque é tudo uma questão muito subjetiva. Você vai numa casa de prostituição⁴¹ e pergunta quem é a cafetina. Aí ela vira e fala ‘Não, eu não sou cafetina.’ Tipo, se ela é cafetina ela tem filha⁴² na rua. Se a filha não te paga cê bate. Você não é mãe dela, você não é pai dela, você não é nada dela. Você é amiga? Não. Porque se você é amiga... se você pega e vai... eu penso assim: na pior dificuldade, quando um amigo não tem um real, que não pode pegar e comer você ajuda. À troco de nada. Uma coisa é a pessoa fica dentro da sua casa e falar ‘Olha vão dividir a conta que eu não tenho onde ficar. Eu arrumo a cozinha, eu arrumo banheiro, arrumo não sei o quê.’ Só que numa casa de prostituição é diferente. Eu converso com bastantes cafetinas e vejo que as coisas são diferentes. Hoje em dia tá mais fácil, porque antigamente elas apanhavam. Hoje em dia não, as cafetinas são mais humanas... nem tanto. Eu acho assim, elas são mais humanas à partir do momento que a pessoa não é drogada, que ela tá vendo que a pessoa tá se esforçando, porque não é todo mundo que ganha não! Ganha? Ganha, mas cada um... igual eu falo: na rua cada um tem seu preço. Cada um sabe o quanto você vale. Eu posso tá do lado de uma *trans* belíssima: de prótese, nariz feito e não sei o que, como muitas vezes eu já virei e já fiquei, e pegar e ver ela cobrar trinta reais! Pra fazer um completinho. E aquilo ali pra mim, trinta reais, tipo, é uma falta de educação!

Guilherme: (risos)

Alana: (risos) Sério! Igual, todo mundo me critica sabe Gui, todo mundo fala assim ‘Ai Alana você não é linda, você é preta. Você é feia!’ Aí um dia numa palestra a *trans* de São Paulo me perguntou assim ‘E qual é a relação do preconceito por ser *trans* negra?’ Eu respondi que tudo! Porque uma *trans* negra não tem valor. Você é chacoteado⁴³ o dia inteiro, tanto pelas suas amigas *trans*. Porque elas acham que só

⁴¹ Alana não está se referindo a um bordel, mas a uma moradia em que uma travesti, a dona do estabelecimento, cobra uma taxa (diária, semanal ou mensal) para que outras travestis morem.

⁴² Travesti prostituta protegida pela cafetina.

⁴³ Zombado.

é bonita quem tem o narizinho lindo de boneca de *Barbie*, quem tem uma prótese de trezentos (mililitros), quem tem um cabelo até lá na bunda, se você não tiver um cabelo afro. Mas se você tiver assim, se tiver assado você não é bonita. E a cor da pele conta muito... principalmente pra cliente. Cliente gosta... quanto mais branquinha você é mais feminina. Quer dizer, será que uma negra, ela não é feminina? Será que uma mulher negra, uma *cis* negra, ela não é feminina? Ela tem que ser branquinha? Acho que é por isso que tem aquele estereótipo 'Ai, a negra tem que usar um cabelo liso. A negra tem que ter traços de branco.' E nem toda negra tem traços de branco! Nem todo mundo tem a raça misturada. Tipo 'Ai, meu pai casou com uma branca e que me teve e por isso eu sou pretinha do nariz empinado, e do cabelo liso.' Não. Tem dois pretos que casa com dois que não são preto e não nasce uma negona! Ai você vai falar o que com a negona do cabelo duro e crespo? Ou um negão, duro e crespo, que vira e quer ser travesti, entendeu? E que tem um bio-tipo diferente. Tem um nariz chapoca, tem um rosto mais assim, não é pesado, mas é um rosto mais expressivo, entendeu? Então assim isso pras pessoas, você quando você é negra, principalmente quando você é jovem que você vai pra uma balada, você vai ficar com um cara. O cara logo... eu mesma quando saio pra balada tem cara que fala 'Nossa, você é mulher?' Ai eu 'Ai, não. A começar pela voz né menino! Pelo amor de Deus! Olha minha voz. Não sou mulher?' Aí o cara 'Ah, é que você parece.' Tudo bem posso fisiologicamente posso não parecer mulher, mas minha essência é feminina. Eu penso como uma mulher. Mas isso daí vai mudar alguma coisa? Se você pegar uma mulher que tem perereca ou pegar uma mulher que tem um pênis? Qual a diferença?

Guilherme: ...

Alana: Às vezes a mulher que tem perereca é mais masculina do que eu. E eu que tenho um pênis sou muito mais feminina do que ela. Entendeu? Então eu acho assim, a questão além da cor, é o gênero. Tudo manda a sexualidade. Tipo 'Ai, você é linda, gata, mas se você fosse mulher.' Tipo, o cara não respeita nem a própria mulher que é *cis*, não sabe respeitar uma mulher que é *trans* e nunca vai saber respeitar uma mulher que é mais *trans*, aquela que é operada. Igual, outro dia eu e uma amiga conversando, uma *trans*, nossa! Deu pencas de close (foi arrogante) pra gente. 'Ai que eu tenho buceta, que eu tenho buceta, eu tenho buceta!' Aí um dia o boy que comeu ela virou pra gente... (risos) e falou assim 'Uai, não senti muita

diferença não. Porque na hora que eu comi a perereca dela tava sentindo as bolas dela, lá dentro.' Na hora eu falei 'Que?' Ai eu tô assim, nossa, eu mesma virei e falei assim... e ela do nosso lado, e ela ficou sem graça. Ela não teve nem reação de xingar o menino. E tipo assim, minha reação era de rir e da minha outra amiga era de rir porque ela tava tirando, tipo, tirando sarro tipo 'Ai, eu sou travesti, eu sou *trans*, eu sou operada, mais linda que vocês.' E deu na mesma merda.

Guilherme: ...

Alana: Se dizendo... porque ela é homem do mesmo jeito! Por mais que você faça operação, é uma coisa que eu falo sempre... operação não é pra você fazer o homem feliz. Operação é pra você se sentir feliz. Você coloca uma prótese mamária é pra você se sentir feliz, pra você se sentir feminina. Cê faz um retoque no nariz... ou lifting, faz qualquer coisa... é pra você se sentir mulher. Só que muitas querem fazer pra que o homem te enxergue mulher. O homem nunca vai te enxergar mulher! Porque querendo ou não na hora que ele vê seu RG, na hora que ele pensar duas vezes você é um homem da mesma forma. Sua essência, lá dentro, você tem uma essência masculina. Tomando remédio ou não tomando remédio. É meu modo de pensar tá Guilherme?

Guilherme: Claro, claro.

Alana: Meu modo de pensar!

Guilherme: Uhum.

Alana: Ser mulher é ter atitudes! É você conduzir essas atitudes. É você saber que quando você ficar mais velha cê vai ter que cuidar da sua mãe, que tá ali, idosa. Ela, que é a única que estendeu a mão pra você. A única que zelou por você. É saber amar seus sobrinhos e respeitar eles e ensinar eles a respeitar ao próximo. Porque ele, dentro da sua família, ele sabe que ele tem uma tia... não é diferente, mas é uma tia que as pessoas já desrespeitam lá fora. Então, sua tia vai envelhecer... e na medida que a gente vai envelhecendo, porque a gente não fica uma *trans* linda pra sempre. A gente vai ficar velha. Então o que a gente tem que levar pra eles? Quando cê vê uma *trans* respeita! Dá um 'bom dia' um 'boa tarde'. Saiba respeitar, não ri dela. Não chacote. Porque na hora que tiver uma amiguinho do lado, que ele ri dela, você fala 'Não, respeita. Eu também tenho uma tia assim.' Às vezes as pessoas

brigam, xingam a gente sem ao menos conhecer. Critica, elas julgam a gente sem ao menos conhecer. Muita gente hoje em dia conversa comigo, mas falava assim ‘Nossa Alana, você chata! Nossa, te achava chata, te achava metida. Te achava isso, te achava aquilo. O achismo é o cu da questão.

Guilherme: (risos)

Alana: (risos)

Guilherme: Tá certa.

Alana: Sabe, eu acho isso. A pessoa não te conhece! A pessoa não conversa com você! A pessoa não troca ideia com você. Então como é que ela acha? Como ela acha alguma coisa? Eu só posso achar alguma coisa depois que eu converso com você, depois que eu tenho uma relação com você. Entendeu? Então assim eu acho que o ser humano é muito hipócrita, porque tem um monte de homem que come cu de *viado* na rua, paga pra comer, e na hora que tá com a namorada, tá com a família ou tá com não sei quem, com os amigos, fica rindo! Essa semana mesmo eu fui no supermercado e um cara que eu fico com ele tava lá, com uns amigos dele rindo. Tudo zoando, tipo olha lá a travesti. Eu não ligo. Ninguém ali tá me passando o cartão de débito para eu ter o que comer dentro da minha casa. Aí eu olhei pra cara dele assim, eu não vi ele falando nada. Tipo assim, os amigos tavam rindo e ele continuou sério. Da mesma forma que eu sempre pergunto pra ele e ele ‘Alana, eu não me envolvo, porque eu sei que eu fico com você. Lógico que eu não vou contar pra eles, mas eu sei que eu fico com você então eu fico imparcial. Tipo, deixa eles zoar e eu na minha com minha opinião.’ Entendeu? Porque cada um tem uma opinião e eu não vou comprar briga. Só que eu acho isso errado, porque de noite tá ali ó, na Pampulha, tá na Jaguarão, tá na Pedro II, tá na Santos Dumont, tá na Afonso Pena.⁴⁴ Tá todo mundo comendo, todo mundo botando pra chupar. E de dia parece que a gente é aberração. De dia parece que a gente não pode sair na rua, que a gente tá enfrentando a sociedade. Mas, lembrando que: a gente paga luz, a gente paga água. O mesmo imposto que uma família outra, qualquer, “normal”, paga eu também pago! Da mesma forma que a polícia trabalha pra eles a polícia também trabalha pra mim! Da mesma forma que eles têm direitos eu também tenho direitos. Entendeu? Então é tudo questão de lógica...

⁴⁴ Pontos conhecidos de prostituição de travestis em Belo Horizonte.

Guilherme: Sim.

Alana: Só que brasileiro é um bicho muito desatualizado. Eles acham que só quem tem normas e quem tem direitos são as pessoas “normais”. E a gente não é normal não? Eu trabalho, ué. Igual eu falo pra minha mãe sempre, minha mãe ‘Ai, sai dessa vida’ e não sei mais o que, mas infelizmente, a sociedade é o que dá pra gente. É prostituição? Então vão prostituir. Eu na minha cabeça penso não estar fazendo nada de errado. Eu não estou batendo na porta da casa de ninguém! Nem tirando pai de família, ou tirando não sei quem de dentro de casa pra me pagar. Ele está indo aonde eu estou! Eu posso ficar lá um ano, parada, sem fazer um real! Sem passar ninguém na rua, sem ninguém me querer. Eu não vou obrigar ninguém a ficar comigo, entendeu? Então, assim, eu acho que os héteros, que não são héteros, são muito medíocres e a sociedade é mais medíocre ainda. Dia desses estava conversando com essa mesma amiga e a gente tá assim “Nossa, ultimamente os homens tão virando gays né?” Aí ela olhou assim “Muito!” Porque a gente usa calcinha, a gente quer ser mulher... na verdade nós somos mulheres! E aí você quer ficar com um cara, o cara quer chupar seu pau! O cara quer dar o cu pra você, e tipo cadê minha feminilidade? Porque até então a passiva da história sou eu! Aí eu tenho que virar e satisfazer os dois egos do cara! Além de dar pra ele eu tenho que comer ele pra ele se sentir assim “Ai, nossa eu faço tudo que eu quiser com ela, eu me realizo com ela, mas não me realizo com a mulher que eu tenho em casa.” Sabe? Então eu acho assim: podre. Sei lá, porque acho que você perde um pouco da sua identidade. Do que é ser feminina. Se você é feminina você tem que ser passiva. Você é ativo, você é homem! Você tem que mostrar seu lado masculino. Por mais gay que você for, por mais *trans*, porque... sei lá, qualquer sexualidade que você for, se você é ativo você é ativo, se você é uma coisa você é uma coisa. Duas coisas ao mesmo tempo, não tem como! Pelo menos pra mim. (risos)

Guilherme: (risos)

Alana: Não, sério, pelo menos pra mim. Eu acho isso engraçado porque você perde um pouco da sua identidade! Tipo, você tá lá toda feminina e chega um cara, na cama “Nó, deixa chupar seu pau?” Aí você olha assim... aí você vira e já muda “Ah, então você quer um lado masculino meu.” Eu já sou assim! Vou chegar pro cara e o cara fala que tá afim de dar pra mim, eu já falo na cara que ele não vai me comer não. “Eu

vou te comer, mas você não me come. Boto nem a boca nesse pinto seu!” E eu vou ser a homem da história, de peito e cabelo! Entendeu? Então assim, eu acho que é falta de, ah sei lá, eles acha que a gente é brinquedo. Sabe? Aqueles boneco inflável que você pega, que cê realiza todas suas vontades, suas coisas. Entendeu? Assim, eu penso dessa forma.

Guilherme: ...

Alana: Voltando mais pra questão de trabalho. Eu acho que as empresas deviam abrir mais oportunidades pras trans. Eu acho que tem várias trans que são muito inteligentes. Você vê assim, hoje em dia o número de trans que tãoe entrando na federal⁴⁵, em faculdade particular. O que falta? As entidades trabalharem as formas delas entrarem, o respeito dentro da academia. O respeito com as pessoas que tão... porque ali não tem mais nenhuma criança mais. Ali são jovens formados. ‘Formei segundo grau, tô indo pra faculdade’, quer dizer, ali já tem uma responsabilidade. Aquilo ali já tá formando um ser humano melhor. Pro mercado de trabalho, pra vida, pra constituir família, etc, etc. Só que as pessoas continuam ignorantes. Eu posso tá fazendo uma faculdade, mas dentro da faculdade tem pessoas ignorantes. Porque a própria faculdade, da mesma forma que a escola, a base, não ensina o respeito ao próximo... a família não ensina o respeito ao próximo, aí cê chega na faculdade você já não tem referência nenhuma. Ali cê tá ali ‘Ai, que quero trabalhar, eu quero formar.’ Primeiro... primeiramente acho que as pessoas pensam em formar pra depois ela querer ser alguém na vida. Eu acho que é tipo modinha... ‘Ai, eu tô na faculdade’... posta lá no facebook, ‘Ai passei na faculdade’ e não sei mais o que, às vezes a pessoa não sabe ler, não saber escrever, sabe fazer porra nenhuma. Aí tem uma *trans* que é mais inteligente, aí nessa hora a *trans*... isso eu falo porque eu já passei por isso... aí nessa hora a *trans* vale a pena! Olha a *trans* tira notã! ‘Vou colar com ela!’... Trabalho, colar com ela em sei lá o que. O respeito vai por esse lado, depende do que eu tenho a te oferecer. Entendeu? O que eu tenho a te oferecer.

Guilherme: Boto fé, é mais uma questão de interesse né?

Alana: Isso! Aí, que acontece, eu acho que as pessoas são muito medíocres. Eu acho que é por isso que eu... eu hoje em dia Gui, depois da minha experiência

⁴⁵ UFMG.

amorosa, não confio muito em homem não.

Guilherme: Olha só, eu sou homem e sempre fui homem, eu não confio em homem não.

Alana: Não, eu acho que é questão de ingratidão... Eu acho muita ingratidão, o ser humano o homem, ele é muito ingrato. Igual eu falo com minhas amigas, mulheres mesmo, falo assim: gente você só é gostosa até o momento do homem gozar. A mesma coisa a gente. Não muda nada querida, não muda. Você pode dar o cu, dar a perereca, você pode fazer o que você quiser. Você pode plantar bananeira na rola do bofe! Ele gozou, primeira coisa que ele fala é 'nó, minha mulher tá me ligando aqui. Se bobear te deixa num ponto de ônibus você pega um ônibus e vai embora.

Guilherme: Foda...

Alana: Entendeu... é foda. O homem é muito sexual, ele não liga, ou então o homem é muito interesseiro. O que você tem para oferecer, igual, a maioria das trans namoram, mas a maioria dos caras são gigolôs. O cara vem fudido de uma outra cidade não tem o que comer, fazendo cruz na boca, rezando um pai nosso com a barriga vazia e a *trans* vai... tá lá dando o cu, comendo homem, chupando pau, vai levanta o boy. Aí na hora que o boy tá lá levantado 'Ah, vou caçar buceta, porque eu gosto de buceta'. Uai, até então quando cê tava na merda, eu era o seu amor! gostava de você. Ou então as vezes quando mora dentro da casa com a mesma... com a trans e mais outras trans, que muitas não tem casa né, então mora com cafetina, aí vira e fala ai mas é... vê a outra lá, belíssima, ganhando mais dinheiro ainda, aí vira e fala 'uai eu quero aquela lá ó, que ela é mais bonita que minha namorada e ela ganha mais do que ela.' Entendeu? Então eu acho que é uma questão de interesses, sabe... então assim, sei lá. Eu... tem hora que eu desanimo. Não de ser *trans*, mas de ter algum relacionamento com algum homem, ou ter alguma coisa com alguém. É preferível ficar sozinha na merda do que tá duas pessoas na merda, entendeu? Igual, eu fiquei seis anos casada. Se eu te contar que eu passei dois anos da minha vida realmente...

Guilherme: Com o Júlio⁴⁶?

Alana: Isso! Se eu te contar que eu passei dois anos realmente feliz e os outros

⁴⁶ Ex-marido de Alana.

quatro infeliz...

Guilherme: Eu acredito uai. Quando a gente se conheceu Alana você já estava... quando eu te conheci né, eu acho que você já tava ruim. Olha a gente começou a fazer campo Alana, foi quando mesmo, foi em 2012, então agosto de 2012. Isso tem 3 anos e meio, então tava começando a ficar ruim então.

Alana: Tava começando a ficar ruim...

Guilherme: Foi 2012 mesmo né?

Alana: Foi 2012, 2012, 2013. [+] Entendeu, então assim, eu acho que até no meio da gente tem ingratidão. Entendeu? Porque eu acho assim, que às vezes você ajuda uma *trans* e as *trans* na hora que elas conquistam tudo que elas almejam, elas depois viram e chutam você. Você não presta, você é isso, você é aquilo. Igual assim, no caso a Joyce⁴⁷, no caso quando ela tinha casa⁴⁸. A Joyce era a péssima, porque a Joyce dava do bom e do melhor para as filhas⁴⁹ dela, mas aquela coisa... as meninas tinham um apartamento só para elas, umas bicha que não limpava casa, a casa sempre suja, levava homem pra trepar... dentro de casa. E nisso, ela não ligava... tipo assim, 'a diária tá paga? Tá. Você vai pagar a diária do que cara que vai dormir aqui?' Porque querendo ou não é uma... é mais uma boca. Mais um corpo que vai gastar luz, que vai gastar água, entendeu? Então assim nessas horas ela era ruim, ela sempre conversava isso comigo. Aí ela me perguntava, falava assim... aí ela me perguntava 'Uai eu sou ruim? Mas e na hora, que elas tavam lá passando fome? Que a mãe botou pra fora, que a família não quis pegar? E eu sou a ruim da história? Por que então não vai morar com a mãe e com o pai?' Entendeu? Então assim, acho que tem uma ingratidão muito grande no meio das *trans*. Outra, todo mundo... eu falo isso direto, todo mundo tá na mesma merda gente. Você pode ser linda, o que for, você continua sendo *viado*, vai continuar dando o cu, chupando pau... comendo homem. E qual que é a diferença? Se sua beleza valesse tanto, você tinha nascido diferente. Deus tinha te feito de buceta. Você podia ter dado o close⁵⁰. Lógico, a estrela de algumas brilham mais do que pra outras? Beleza, brilha.

⁴⁷ Travesti dona de uma casa na qual moram outras travestis que pagam uma taxa para terem moradia e proteção na rua.

⁴⁸ Pensão no qual cobrava uma taxa para as demais travestis morarem.

⁴⁹ Travestis que moram na casa de Joyce.

⁵⁰ Dar o close – expressão usada quando uma travesti se destaca pela sua beleza feminina.

Tem umas que vai pra Europa, conquista, é rica, faz, acontece. E o caráter?

Guilherme: ...

Alana: Tem gente rica que eu conheço que não vale um real que eu pago ali ó, pra comprar chup-chup. Não vale um chup-chup que eu pego. Sinceridade.

Guilherme: Boto fé.

Alana: Mas enfim, infelizmente, Deus deu oportunidade dela crescer. Dela ser alguém, dela trabalhar. Algum propósito Deus deu. Ela trabalhar a arrogância, só que elas não entendem isso. Entendeu? E ficam mais arrogantes. Entendeu? Igual eu falo... gente nenhuma *trans* nasceu *trans*. Todo mundo nasceu homem, depois virou gay, de gay virou travesti.

Guilherme: E todas foram meninos né?

Alana: E todas foram meninos, assim, eu não nasci *trans*. Eu nasci homem. E como homem...

Guilherme: Peraí, você nasceu homem ou menino? Porque homem tem que ser grande...

Alana: Isso, tem que ser grande. Eu nasci menino e no decorrer da minha vida eu fui descobrindo minha sexualidade. Do que eu gostava. Porque eu menino eu posso gostar: de menino, de menino e menina, de meninos e meninas. Entendeu? Eu não tenho sexualidade... Igual eu falo, a Joyce minha amiga, ela até xoxa. Que era mais fechada. Hoje em dia eu falo com as pessoas 'Ai Alana, você gosta de quem? Eu gosto de pessoas'. Eu gosto de tudo que me faz bem. Eu posso ficar com uma *trans*. Eu posso ficar com um homem *trans*. Eu posso virar e ficar com um homem. Só não fico com mulher em forma feminina. (risos)

Guilherme: (risos)

Alana: ... que ainda não tô aberta, mas eu gosto de pessoas. Entendeu? Eu gosto muito de pessoas. Tipo, adoro ficar com amigos, mas na hora que eu quero é... que eu me sinto... que eu preciso de mim, eu me dou essa paz. Na hora que eu viro e falo assim 'Ai Alana, você precisa de você.' Eu me tranco, entendeu? Eu entro no meu ciclo, que é a minha casa. E na minha casa ninguém me acha. Eu desligo

telefone, eu não atendo ninguém. Eu fico de boa, eu sumo do mapa. Já sumi um, dois meses... sem ninguém me ver, só dentro da minha casa. Entendeu? Assim, eu descansando. Com meus pensamentos e minhas mágoas, minhas frustrações, entendeu? Então, assim eu sou dessa forma. Hoje em dia eu escolho com quem eu fico. Antigamente eu era escolhida. Então antigamente eu pensava assim...

Apêndice 2 – Entrevista com Anyky Lima⁵¹

Guilherme: Tô aqui, na casa da Anyky, já tem uns 40 minutos.

Anyky: A sua pesquisa é sobre relacionamento de travestis com marido?

Guilherme: É.

Anyky: Então deixa eu te falar uma coisa. A travesti ela sonha... assim, por sempre ter sido encarada como homem e as pessoas não entenderem ela sonha com o homem ideal: o marido. Então o marido dela tem que ser o homem perfeito, aquele homem “homem” sabe. Por que? Porque o cliente é totalmente diferente. O cliente ele usa a travesti da maneira que ele quer né. Ele quer ser passivo e a travesti não nasceu pra ser ativa. O que faz ela passar por esse... por esse... por esse drama de ser ativa é por que? É porque ela necessita de sobreviver. E o cliente ele quer pagar pra que ela seja o homem da relação. Mas o sonho da travesti é o que? É ela ser passiva pro marido. Tanto que a maioria... a maioria não, quase todas as travestis elas se contaminam pelo marido, né? Porque elas acham que não devem usar preservativo com o marido, porque elas amam o marido. O marido é o homem da vida delas. E elas esquecem que esse homem transou com milhares de meninas antes de tá transando com elas ali naquele momento. Mas por ela ter... ter sofrido tanto na vida, não ter sido entendida, ela quer aquela relação de marido e mulher, sem usar preservativo, sem nada. Você pode conversar com a maioria das trans que são contaminadas que elas podem até mentir, mas a maioria pegou do próprio marido. Com cliente elas não fazem sem preservativo. Aí elas começam a namorar, usa da primeira vez, segunda vez, na terceira vez ela já não vão usar preservativo. Porque ‘Ai, ele me ama, é meu marido’. Aí começa transar sem preservativo. Sabe, mas é por que? Necessidade que ela tem de ser amada, de amar e de viver um relacionamento como um relacionamento hétero, né. Dela ser a mulher da casa, dela ser a dona da casa, mas eu acho que é por isso que... o relacionamento entre uma travesti e um cara não dura muito tempo. Por que? Porque é como se fosse um encantamento. Porque ela é uma travesti, ela é belíssima então ele se apaixona.

⁵¹ A gravação se iniciou após uma conversa de aproximadamente quarenta minutos. Apenas um trecho de 17:42 segundos foi gravado. A conversa continuou após a gravação por mais vinte minutos aproximadamente.

Mas então a sociedade começa a apontar, começa a censurar e o cara por ele ser homem, né? Por ele não se gay, ele não aguenta aquela pressão. Por ele não aguentar aquela pressão ele muitas vezes arruma uma mulher que é parecida com aquela travesti... arruma uma outra mulher pra poder viver um relacionamento. Mas ele ama aquele ser como mulher, mas como a sociedade oprime demais ele acaba largando e vai viver com uma outra mulher, entendeu? Porque a necessidade da travesti é essa, porque ninguém muda o corpo pra ser chamado de homem. Ninguém na vida vai passar, por todo o sofrimento de botar silicone, botar prótese, enfrentar toda uma sociedade, enfrentar família, ser expulsa de casa pra ser encarada como homem. Porque se fosse pra ser encarada como homem ela vivia do jeito que ela era! Do jeito que ela nasceu né? Ela vestia roupa de homem e não ia precisar passar por isso tudo. Eu acho que o relacionamento não dá certo por isso. E por que que dá o relacionamento de um gay com outro dá certo? Porque a sociedade é tão hipócrita que ela sabe que aqueles dois homens tem uma caso, mas como são duas figuras que pra sociedade são duas figuras normais, são dois homens... que acontece? As pessoas não criticam. Eles sabem que são casal, de homossexual, mas eles preferem falar que são dois amigos que moram juntos. São colegas que moram na mesma casa. A própria família fala 'Não, meu filho mora com um amigo!' Sabe? Mas eles sabem que aqueles amigos são um casal! Que os dois são casados. E por que eles constroem as coisas? um compra uma coisa junto com outro? Porque a sociedade começa a tratar eles como iguais... mas na verdade não trata como iguais né? Você vê, tem o gay. Ele pode ser pintosa mas ele arruma emprego, em qualquer lugar. A lésbica a mesma coisa. Claro que sofre preconceito. O gay e a lésbica sofrem preconceito. Mas você vê muita lésbica, por mais machuda que ela seja, trabalhando em tudo que é lugar, até mesmo em lugar onde trabalha deputado, senador, nesses lugar mesmo você vê muita lésbica machuda. Mas, por que? Porque querendo ou não querendo elas tem o formato que a sociedade aceita. É mulher! Entendeu? Ela não modificou o corpo dela. Agora, o homem trans, a travesti e a transexual já modifica o corpo. Então desde o momento que modifica o corpo a sociedade já não encara como ser humano. São pessoas descartáveis. Sabe? Eu acho que seja assim. Eu acho não, eu tenho certeza! Porque eu convivo com isso, eu vejo! Até hoje eu vejo as pessoas falarem, as meninas falarem, entendeu? Agora... é... a travesti ela é mais discriminada ainda porque a própria comunidade faz com que ela seja discriminada. O gay discrimina muito a travesti. A

lésbica discrimina muito a travesti. A própria trans né... porque na minha época não existia trans. Todo mundo era travesti, era *viado*, era homem vestido de mulher, não existia trans. O que aconteceu? Eu acho que esse nome veio pra fazer uma higienização. Higienização pra dizer, não aquela ali é coitadinha, não se conforma com o sexo que ela tem, sabe e tal e não sei o que, mas é uma pura mentira. Não é realidade! Nem que eu vivo nem que eu vivi até hoje. Já tenho 60 anos, vou fazer 61 e eu vejo que isso não é uma realidade. Toda travesti ela tem sentimento de mulher. Porque senão ela não ia modificar o corpo dela, pra que ela ia botar silicone? Sofrer deitada em cima numa cama pra injetar silicone líquido, fazer plástica pra se transformar e ficar igual uma mulher. Entendeu? Então isso tudo, isso não existe. Hoje, pra dificultar ainda, não que eu tenha nada contra, todo mundo tem seu espaço... pra dificultar mais ainda existe os não-binários. São pessoas que estão num espaço que não se identifica nem como homem nem como mulher. Então os não-binários eles ficam mais aonde? Próximo às travestis e por eles ficarem próximos às travestis eles trazem uma imagem totalmente distorcida da travesti. Porque o não-binário ele não vai sair na rua de saia, ele pode ser barbudo. Ele pode ser um homem que vai se vestir de mulher e não é assim! As coisas na realidade realmente não é assim, entendeu? O que faz uma travesti, o que faz dela uma guerreira, é o que ela passou a vida inteira. Com polícia, é... apanhando na rua, sendo espancada, isso que faz da travesti uma travesti. Não é essa realidade que a faculdade hoje quer alimentar. O não-binarismo eu não acredito que exista, porque uma hora você tem que definir, ou você é homem ou você é mulher. Não existe a pessoa, eu não... eu não sou nada. Não existe, por uma hora você vai ter que provar. Uma hora se você quiser tomar hormônio você vai ter que tomar hormônio feminino ou masculino. Aí já te bota ou masculino ou feminino. A própria sociedade... isso não tem espaço. Pra travesti que já acham que não é ser humano, pros não-binários então é que não vai ter espaço nunca. Eles podem até tentar mas não acredito que vá ter esse espaço. Mas é uma coisa muito difícil de você entender. Olha... eu tive agora na... é... como que é? Tive na câmara dos deputados... não sei o que, teve o dia da mulher. Aí nós fomos, eu fui convidada pela, é... ai como é o nome da mulher mesmo gente? Ela é deputada... Marília Campos! Eu fui convidada peça Marília Campos pra participar da mesa. Aí tinha muita gente, né. Falando sobre a mulher negra, sobre dona de casa, sobre tudo. Aí eu fui falar sobre a comunidade, na hora que eu entrei, que eu subi, eu comecei a falar. Aí veio a pessoa fazer o

debate. Aí uma mulher que é psicóloga, que é não sei mais o que... uma senhora de idade, negra. Primeiro foi uma pastora, que veio me censurar por eu falar que a bancada evangélica impedia de muitas coisas surgirem, né. Que a bancada evangélica tá sempre contra a gente. Daí ela “Ah, porque é opção de vocês!” e não sei o que, não sei o que, não sei o que lá, aí na hora de eu falar eu digo “Olha, ninguém opta por ser nada entendeu? Porque eu não vou optar pra sofrer minha vida inteira.” E falei com ela! Falei que respeitava a religião dela e que eu não precisava de estar em igreja nenhuma porque Deus, o Deus de amor que eu conheço tá em todo lugar. Não é esse Deus que as pessoas pregam de fazer violência contra a outra. Porque a bancada evangélica faz esse tipo de coisa! Incita a violência contra o gay, contra a lésbica, né? Contra a travesti, contra a transexual. Eu não acredito que um Deus vai fazer esse tipo de coisa, vai fazer esse tipo de violência. Nem incentivar esse tipo de violência, de matar, de fazer e acontecer. Aí depois eu fui falar com essa senhora, aí ela pegou e falou assim, pegou o microfone e falou assim “Ai, eu fiquei chocada com você Anyky!”. Aí eu perguntei com o que ela ficou chocada. “Porque eu vi uma senhora de cabelo branco e de repente você fala que é um travesti, que é um homem!” Aí eu peguei e falei com ela assim “Me admira a senhora. Uma mulher negra, que sofre todo tipo de preconceito. De idade ainda, uma senhora ainda, uma idosa e me falar uma coisa dessa. Olha, eu respeito a senhora, mas eu não sou homem não!” E ela queria saber meu nome... de registro. Eu falei “meu nome é Anyky Lima.”

Guilherme: Ou seja, quer saber o nome que o papai e a mamãe te deram, né? Não é o seu nome né?

Anyky: Exatamente...

Guilherme: Pessoal realmente não entendi isso.

Anyky: É. Aí eu falei com ela que não tinha nada de nome de registro não. Meu nome de registro é o nome que eu tenho, entendeu? Que eu me fiz, com que eu passei minha vida inteira porque olha... eu acho o seguinte: eu não vou... eu não tenho que dar satisfação pra psicólogo, à médico, pra ninguém do que eu sou ou eu deixo de ser! Entendeu? Eu fui expulsa de casa, eu vivi na rua, eu comi lixo, eu fui ameaçada. Me aconteceu tanta coisa, e eu enfrentei isso tudo! Eu tenho direito de ser aquilo que eu quero ser, entendeu? Não vai ser um médico, um psicólogo, um

médico de louco, um deputado, um presidente que vai dizer o que eu sou não! Quem sabe o que eu sou sou eu. Não é? Então eu acho que isso é um direito meu! O que eu tenho no meio das pernas só diz respeito a mim! Não a quem quer que seja. Daí ela me pediu muita desculpa, depois veio me pedir ajuda porque ela levou um menino numa casa... um menino que ela quis dizer era uma travesti né... numa casa, não sei o que, mas é aquele negócio né, eu senti que ela fez aquela pergunta muito abusiva, mas ela não fez com maldade. Aquilo ali é o que ela aprendeu. Tanto que depois ela veio me pedir desculpa e queria conversar comigo depois, me deu o telefone dela porque ela quer saber, ela quer entender como que é o universo da travesti, sabe? Aí eu falei que tô à disposição “O que a senhora precisar.”

(Anyky se ausentou do recinto por alguns minutos)

Anyky: Quando eu falo do homem *trans* eu acho o seguinte: se eu sou considerada uma travesti porque modifiquei meu corpo e tenho vagina e sou homem e o homem *trans*? Uai, modificou o corpo, mas continua com o sexo que tem! Entendeu? É vagina. Aí a *trans* fala assim “Ai, que eu sou mulher. A travesti é homem e eu sou mulher.” Então que tá mais surgindo hoje em dia é o casal. Casal de *trans* com homem *trans*. E o que é que eles fazem ? Como é que eles vão procriar? Como é que eles estão procriando? Entendeu? Eu nunca deitei com uma vagina! Seja ela de um homem ou de uma mulher, eu nunca deitei. Eu também não sou contra quem deite não, porque preconceito todos nós temos e isso é de todo ser humano! Isso é um preconceito meu: eu jamais deitaria com um homem de vagina, mas isso é um direito meu! Isso é um direito meu, entendeu? Não é que eu teje disseminando a revolta, o preconceito, não! Eu estou falando da minha realidade, eu jamais deitaria com um homem de vagina. Mas eu acho bonito! Eu defendo, eu corro atrás, eu acho que eles tem todo direito de... é... o direito que eu tenho de serem respeitados, entendeu? Porque é uma luta, tão modificando o corpo, tão fazendo e acontecendo. Mas, se eles estão sendo respeitados, por que eu, como travesti, não posso ser respeitada? Entendeu? Então as coisas tem que ser iguais!

As pessoas perguntam muito “Ai, mas que diferença tem de uma travesti pra uma trans?” Eu sempre respondo que não tem diferença nenhuma. A única coisa que existe de diferente é que algumas *trans* necessitam de ter uma cirurgia, entendeu? O nome travesti é um nome de luta! Se hoje tem o nome “transexual” agradeça a quem? As travestis que estão aí há anos, anos e anos mostrando a cara, apanhando, sendo assassinadas pra exista o respeito. Elas vieram no que? No rabo de foguete! Entendeu? Elas surgiram depois de um bom tempo, né? No rabo da travesti. Então a travesti... ela tem que ser respeitada como qualquer outra transexual. E eu vejo isso no próprio movimento, meninas “Ai, eu sou trans.” “Ai, o travesti!” Elas mesmas fazem com que a travesti seja abusada! Existem vários tipos de coisa que eu não aceito, mas fico calada. Fico calada, mas não aceito! Isso é o que eu penso. E outras e outras coisas que acontecem que eu acho que... não é... não é o respeito né? Por que travesti vem de quantos e quantos e quantos anos? Quantos séculos? Né? Pra hoje ter o nome *trans* e as pessoas... igual o ambulatório “Ai, o ambulatório só vai cuidar de trans.” Não! O ambulatório tem que cuidar tanto de travesti quanto de transexual! Porque a travesti tem a mesma necessidade que uma *trans* tem! Bota silicone, bota prótese, faz cirurgia. A única diferença é a de cirurgia de... de readequação sexual. Só, entendeu?! Agora, trans tanto pode ter vagina, quanto pode ter pênis e viver como mulher a vida inteira! Não tem nada haver!